This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

MELLO MORAES FILHO

Poetas Brasileiros

CONTEMPORANEOS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1903

[redacted]

G869.8108 M488P LAC

2

UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN - GEN LIBS

3017222952

0 5917 3017222952

THE LIBRARY
OF
THE UNIVERSITY
OF TEXAS

G869.8108
M488p

LIBRARY
USE ONLY

Poetas Brasileiros

CONTEMPORANEOS

THE LIBRARY
THE UNIVERSITY
OF TEXAS

MELLO MORAES FILHO

Alexandre José de

MELLO MORAES FILHO

Poetas Brasileiros

CONTEMPORANEOS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES

RIO DE JANEIRO | PARIS

1903

não ia além do devaneiar dos poetas, e do acolhimento meigo dos nobres senhores e das formosissimas castellãs.

Passando, porém, dos cantares das épocas cavaleirescas, deixando de evocar as sombras solemnes dos seculos, que tão distantes ficaram, os poetas da nova escola, sem de todo abandonar os velhos idéaes, ardendo em patriotismo, estendem a mão aos eruditos, que os guiam em suas concepções arroubadas. E d'ahi á consciente exhumação de dynastias fabulosas, de cantos populares, de reis, cujo poderio humilhava o presente de gloriosos fastos que fizessem despertar á Allemanha cataleptica do aviltamento em que jazia amortalhada, como um repasto ás impassiveis aguias das exterminadoras tropas de Napoleão.

Aos acontecimentos politicos de 1813, entretanto, á agitação nacional que se antecipava á victoria, o romantismo em alarma associa-se decisivo, resgatando do radioso sudario das tradições mortas Frederico o *Barba-Rôxa*, e Rodolpho Habsburgo, cujas figuras historicas se antepunham colossaes á onda marulhosa do dominio estrangeiro.

E as vigilias dos ledores de traçados textos, e a philosophia de Hœgel e de Shelling, fazendo interromper o lyrismo dos sonhadores

e os contos de Musœus, crepusculados do despertar das lendas, desvendam na Grecia antiga os idéaes supremos da arte, seduzindo a natural evolução aos mais alevantados espiritos da renascente época.

Nas avançadas do alviçareiro commettimento em favor do tradicionalismo patrio destaca-se o imponente vulto de Gœthe na sua primeira phase *(Goetz de Berliehingen)*; e mais tarde, como objecto da escola romantica, não a Grecia de Pericles, porém tudo quanto a sciencia, a natureza e os sentimentos humanos lhe pudessem proporcionar.

Muitos são os generos de poesia explorados pelos talentos novos, desde os poemas de segunda ordem até o lyrismo mais doce e apaixonado, em que a musa allemã, vaporosa e indecisa, crente e scismadora, dissipava-se em composições geniaes ou mediocres, para altear-se em 1813 ao enthusiasmo patriotico, ao sacrificio dos martyres.

Como symbolo desse periodo de insurreição contra as devastações napoleonicas, como perfil verdadeiramente glorioso da lugubre téla de hecatombes inuteis, isola-se pela grandeza, no travar das lutas e nas trégoas dos combates, Theodoro Kœrner, o poeta-soldado, cujos cantos alentados de patriotismo bellico levantam

phalanges para a guerra, alvoroçam a mocidade para a defesa nacional.

Directamente influenciado pelas idéas de liberdade, aprendidas nos *Salteadores* e no *D. Carlos*, de Schiller, o joven adjudante d'ordens de Lutzow, o inspirado cantor d'*A Lyra e a espada* diffunde o enthusiasmo em seus cantos de guerra, preludia acontecimentos e consagra valorosos feitos.

Mas a morte surpreonde-o nas fadigas, atirando aos quatro ventos do céo o *Canto da Espada*, um dos mais bellos pedaços de sua alma á patria allemã nas antevesperas da libertação e da victoria.

Humilhados os estandartes de Bonaparte, vencida a batalha de Leipzik, a nascente escola prosegue em sua marcha evolutiva, ao tom das correntes philosophicas hœgellianas, e da critica transcendente de Schlegel.

Precursores admiraveis de genios poeticos, isolados promontorios ás cabeceiras do seculo, interpretes de estranhas harmonias, quando a Europa, como que entorpecida, estacára ao eclipse de inteiras nacionalidades, os dous bardos, o inglez William Cooper, e o escossez Burns, preludiam alvoradas de outros sóes, cantando o que a natureza ostenta de mais surprendente, a vida campezina de mais sin-

gelo, o lar da familia de mais affectuoso e eucharistico.

Nada de contrafeito, nada de convencional, nada de fixo, para essas indoles amoldaveis ao turbilhão de impressões, metrica systematica, rythmos que não servissem para lhes fazer sobresahir a inspiração e o sentimento.

Os grilhões da fórma eram por demais pesados, e o flagello das guerras e das revoluções abalava, como um terremoto, o sólo europeu, rubro de sangue e achamalotado de exercitos.

Com a quéda da Bastilha, em 1789, o que de escolhido havia na mentalidade ingleza seguiu diversa rota, tornou-se solidario com as novas idéas.

Esquecendo por instantes velhos rancores, a poderosa Inglaterra sentiu-se dominada pelo remontado pensamento de liberdade, e já no parlamento, ja nos comicios populares, a luta se travou contra o despotismo dos fortes, contra a alliança defensiva das potencias autoritarias, que acariciavam altivas o condemnado principio de supplantar para sempre a consciencia popular.

O povo inglez especialmente, não possuindo todas as liberdades politicas que, durante mais de um seculo, combatia para conquistar, aco-

lheu a reacção de Pariz e os seus mais notaveis representantes nas duas camaras a apoiam, com a convicção aferida pela sinceridade, com as resoluções que, uma vez tomadas, fôra tarefa inutil o amordaçal-as e vencel-as.

A litteratura de então, com muita propriedade denominada — escola classica —, cingia-se na sua maior parte a cantos e contos de factos historicos de tempos immemoriaes, tendo todavia como condição, *sine qua non*, o apuro do vernaculismo, mesmo em suas fórmas as mais extravagantes, tal qual o concebera Gôngora, e que atravessou tres seculos impunemente, fasendo as delicias dos salões francezes e hespanhóes e repercutindo, se bem que pallidamente, nas arcadias lusitanas e nos cenaculos da universidade de Bolonha.

Na joven Allemanha fez-se desde logo um principio de reacção contra essa escola, sendo um dos seus maiores adversarios o poeta Wielland. Más, como a litteratura de além Rheno, então incipiente, pouco ou quasi nada influiu fóra dos limites do seu territorio, esse protesto dos novos obreiros da escola que havia de surgir dentro em pouco, ficou como que soterrado.

Devia sahir de França protesto mais forte, feito com mais convicção e coragem contra o

classiscismo estiolador e infecundo. Coube esta gloria ao maior poeta do seculo dezenove, Victor Hugo, que no prefacio ao seu drama *Cromwell*, se insurgiu desassombradamente contra os preconceitos da litteratura de salão, da arte de encommenda, executada por cortezãos sem espirito, sem talento.

E' facil de imaginar-se o escandalo que produziu semelhante bomba de dynamite no lago manso da aristocracia franceza, que se comprazia na doce torpitude de uma litteratistica barata, sem outros trabalhos intellectuaes de imaginação e saber, que o do conhecimento da lingua e da historia antiga, tantas vezes repisada em insupportaveis *in-folios*, num estylo arrevezado e excessivamente narcotico.

A reacção foi poderosa, ingente, mas o numero de proselytos que se alistaram á nova escola foi tão grande, que os classiscistas não tiveram remedio senão capitular. Pode-se dizer, sem receio algum, que o romantismo foi a escola que mais serviços prestou á litteratura dos povos occidentaes, tal a assombrosa producção de obras que surgiram então. Constitue uma verdadeira avalanche a nomenclatura dos poetas da phase romantica. De 1830 para cá, foi tal a productividade de trabalhos litterarios, que impossivel se torna, mesmo na propria

França, a indicação completa dos nomes de seus auctores.

Como era de prever, ecoou por todo o Occidente o alarido produzido pela fanfarra do prefacio de *Cromwell.*

Introduzido na Inglaterra por Tennyson, na Italia por Fioretti, na Hespanha por Zorrilla e Campoamor e em Portugal por Almeida Garrett ; o romantismo transplantou-se para as tres Americas pelo orgãos de Edgar Poë e Longfellow, nos Estados-Unidos; Juan de Dios Pesa e Manuel Flores, no Mexico; Andrés Bello, no Chile; Eduardo Calcaño, em Venezuela; Guido Spano, na Argentina; e mais expressivamente e com um valor accentuadamente indigena, Domingos de Magalhães e Gonçalves Dias, no Brasil.

Dizer o que foi o periodo romantico n'este pedaço da America portugueza, é fazer o historico completo da nossa vida litteraria. Foi esse o periodo aureo de nossas lettras, aquelle que mais accentuou e definiu a nossa caracteristica intellectual. Certamente não é este o lugar proprio para estudo tão captivante, quão escabroso e complexo. Pois, si grande parte dos nossos poetas ainda reflectem a physionomia dessa escola que encheu quasi todo o seculo desenove!

Logo após o romantismo, depois de haver elle dado tudo que poderia dar, preoccuparam os *hommes de lettres* de Pariz o requinte da fórma, a uns, a vulgarização scientifica, a outros. D'ahi o *parnasianismo*, fundado por Theophilo Gautier, e o scientificismo, creado por Mme Ackermann. Infelizmente estas escolas não conseguiram medrar no solo litterario da França, pois, em menos de um decennio, se estiolaram completamente.

Em fins do seculo passado surgiu na França uma revolta ao romantismo e ao naturalismo — que nunca passou de um romantismo as avéssas, como bem lhe chamou Sully-Proudhomme — capitaneada por artistas e escriptores do bairro latino, com uma esthetica diffusa, um estylo um tanto complicado e rebarbativo e a que denominaram de *Litteratura fim de seculo*.

A primeira impressão foi de ridiculo, de troça nas ródas dos intellectuaes de Pariz. Depois, com o apparecimento de obras reveladoras de merecimento real, começou-se a olhar para ella com mais attenção. Foi então que se dividiu a citada escola em outras tantas, conforme a concepção esthetica de seus auctores. D'ahi a denominação de *decadista*, *symbolista*, *tolstoïta*, *wagnerista*, *nephelibata*, etc.; todos

elles, porém, tendo por fito exclusivo a expressão das cousas e das emoções, por symbolos, fórmas vagas, aéreas, vaporosas, pouco perceptiveis.

Esta escola angariou entre nós alguns proselytos, se bem que em quantidade minima. Todavia, é ella incluida nesta collectanea como um movimento de sympathia, uma repercussão do pensamento europeu entre os brasileiros.

No numero dos que denominamos *ultimos romanticos*, se acham poetas que, tendo recebido o influxo da escola romantica, entretanto d'ella se separam por uma forma particular e mais nova de poeta.

A *poesia scientifica* entre nós não passou de tentativa, que aos proprios introductores desanimou. E' assim que Martins Junior abandonou-a de vez, para se alistar no regimento dos parnasianos; e Sylvio Roméro dirigiu a sua poderosa mentalidade para outros assumptos de historia patria, em todas as suas manifestações, litteraria e juridica.

Aqui vão representados alguns poetas brasileiros filiados ás diversas escolas : — *Ultimos romanticos*, *scientistas*, *parnasianos*, *symbolistas* e os de *transição*, que são aquelles que, embora sympathicos ao *parnasianismo* e ao

symbolismo, todavia não se decidiram definitivamente por um delles. Os representantes das escolas classica e romantica ja foram por nós contemplados no *Parnaso Brasileiro*, de que este livro vem a ser uma continuação, um appendice.

MELLO MORAES FILHO.

Junho, 1902.

PRIMEIRA PARTE

ULTIMOS ROMANTICOS

THE LIBRARY
THE UNIVERSITY
OF TEXAS

JOSÉ BONIFACIO

Suprema visio

(AO CENTENARIO DE CAMÕES)

Quando os degraus da luz o vulto immenso
Galgou, trepando as regiões etheréas,
Que sublimes visões, na excelsa entrada,
O sol por diadema,
Estrellas aos milhões
Por divina emblema,
Surgiram, arrastando áquellas portas
Do mundo inteiro as gerações já mortas!!!

Era um sequito innumero a turba aéria
De reis, de generaes, de magistrados,
De povos mil em vagalhões revolta,
Dando aos clarins da gloria
Na hosanna sonorosa
Os mil echos da historia ;
E sobre aquelle oceano — a immensidade
Da poesia a heroica magestade !

— Eu sou Homero ; o berço disputaram-me
As cidades da Grecia e hoje o tenho
No horisonte sem fim ; escrevo agora
A Odysséa da luz ;
A Illiada dos seculos
Pendurei-a na cruz ;
Canto a familia do homem sem nação
E a patria, do universo a vastidão.

A grande patria grega em suas origens,
Seus deuses, tribus, mythos, dynastias,
Religião, governo, artes, costumes
Na Illiada narrei;
Fiz a biblia do povo,
Fui o oraculo da lei!
A Grecia é Homero, a obra era immortal,
E simples na grandeza o ideal!

Depois da patria enthusiasta e puro
Decantei a familia... oh Grecia, oh Grecia;
Quem melhor descreveu a fé sem quebra
A firmeza na dôr?
Sim, foi a Odysséa
O symbolo do amor!
Mostrei do genio grego o coração,
— Ainda no lar a varonil nação!

Fui eu, não foram, não, os seus guerreiros,
Que invisivel venci junto as Thermopilas,
Em Marathona, em Salamina, e sempre,
Inda mais que poeta,
Eu fui da minha raça
Abençoado propheta!
Dentre as ruinas minha voz augmenta,
Echo das gerações inda rebenta!

— Eu sou Virgilio — o cysne mantuano;
Grande reformador — tentei no verso
Erguer da morta Roma a Roma viva;
E nesta humanidade,
Idéa e tradição,
Velhice e mocidade,
Tudo ante mim na morte hoje se inclina,
A Eneida é o mundo — Roma é a grey latina!

Eis o Messias da cidade eterna,
O verbo annunciei; meu evangelho
De Enéas a fugida, a queda de Ilion,

As colonias troianas
No Latium abrigando-se
Sob as tendas romanas,
De Lavinia o consorcio, o amor em Dido,
E ao cabo em sonho o povo redimido!

Fui a alma de um cyclo litterario;
Destino, tradição, caracter, gloria
Da republica — Roma, e Roma — Imperio
Symbolisei cantando:
Em torno a mim gravita
Um magestoso bando,
Lucrecio, Ovidio, Horacio e quasi inteira
Da poesia a hoste alviçareira!

A Eneida é um evangelho, a christandade
Ouviu a minha voz; foi a sybilla
Que predisse o reinado messianico:
Lactancio o attesta,
Minha epopéa é um hymno
Da grandiosa festa!
Vivo ainda nos braços dessa cruz,
Onde o clarão poisou de minha luz!

Cresci no tempo; o seculo de Priamo
Já não era o de Augusto, nem a crença
Do divino Platão era a de Homero;
A Roma suzerana,
Altiva mãi dos Cesares,
Era a escrava Romana!
Apostolo novo de uma fé sagrada,
Meu canto foi um hymno de alvorada!

— Vês o esplendor da Musa de Florença
No indomito soldado; a fronte rasga-me
O fundo sulco de meu genio immenso;
Cumpri a minha sina,
Escrevi na viagem
A *Comedia Divina*,
A escada de Jacob Satan me deu,
Fui das trevas á luz, do *Inferno ao Céo!*

Em circulos de gelo e fogo e trevas,
Entre lagos de sangue e mar de lodo
Encandeei o mal, prendi o vicio.
Do portico maldicto,
Na *dôr sem esperança*
Descobri o infinito!
Tive nas sombras um escravo audaz:
Eu era o Dante, e elle o Satanaz!

Cercam-me e torvelinham réos confessos
Da comedia infernal, chamada vida;
Trocaram-se os papeis, o rico é pobre,
O grande pygmeu,
O throno — estrado,
A virtude — trophéo,
Abraça-me, o castigo principia,
Fugiu a noite e já rompeu o dia!

— Eis o Tasso — o poeta da fé viva,
Traz da cruz o estandarte, e canta amigo
Os vinte reis e os seus fieis cruzados!
Na harpa de Solima
Os hymnos de Syão,
Na voz que vem de cima,
No monte Palatino escuta ainda
E cresce a voz... e cresce... e nunca finda!

Oh! lá revoam meus celestes carmes...
Lá no monte sagrado; inda os orvalhos
Das lagrimas do Christo em jardim santo
Acordam na calada
Da noite silenciosa
Minha lyra encantada;
Da igreja inda no escuro santuario
Vê minha sombra o monge solitario.

Cantor da fé — louvei altos prodigios,
E meu amor, á noite sem aurora,
Do Tibre ao Adige e do Arno aos Alpes,

Escuridão sem luz,
Carreguei tristemente,
Como pesada cruz.
Tinha n'alma os brazões que Deus ungia,
E ella o coração sem fidalguia!

Como tu padeci; na agreste senda
Penei, soffri, cantei desalentado
Pela sombria estrada do destino!
Idéa e sentimento,
Minha alma e coração,
Astros do firmamento,
Hoje no empyrio esplendido fanal,
Illuminam-te a entrada triumphal!

— Eu sou Milton, contempla um triste cego;
Trouxe do mundo a luz á eternidade,
Meu *Paraiso* achei, perdi o *Inferno*,
Onde vil se debate
A serpente do mal,
E rosna e sempre late
O cerbéro voraz... tens outro ninho!
Eu vou cobrir de flores teu caminho!

Fez-se a nevoa clarão, alvor a treva;
Meus olhos são dois sóes; aos pés recalco
O archanjo rebelde; infinda a gloria,
Alevantou-me o throno;
Dos páramos ethereos
Milton é quasi o dono!
Olha, sagram-te rei, cantam-te os feitos,
As almas fallam-te, benzem-te os eleitos!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

. . . . . .
. . . . . .

Depois, mudez profunda... o dia eterno
Despontou sobre nuvens chammejantes;
Havia um mar de luz... ouviu-se ao longe
A voz mysteriosa;
Um como som brandinho
De viração ditosa:
Eis a immortalidade, o imperio é meu,
E' Luiz de Camões — abri-lhe o céo — !

O corneta da morte

Toca, toca, avança, avança!
São horas de combater;
São horas, ninguem descança,
Ninguem... vencer ou morrer!
Por toda a parte a peleja,
Feia, convulsa, doudeja,
Sinistro o clarão reluz!
Mais se ennovela a batalha,
Mais turvelinha, e se espalha,
Toca a corneta, Jesus!

Que terriveis estampidos?!
Estronda a fuzilaria:
Ouvem-se ao longe os bramidos
Que vomita a artilheria;
Jesus, depressa a corneta!
Tu és da morte a vedeta,
E dás o grande signal!
Em torno dessa bandeira
Tiras a luz da poeira,
Fazes do toque um phanal.

Cresce o fumo, augmenta, augmenta,
Tolda-se tudo no ar;
Retine o gladio e a tormenta
Do fogo e fumo a estrondar!
Corneta da minha terra,
Chammeja o facho da guerra,
Rebentam jorroz de luz...
Altivo berra o canhão...
Zune a bala, é sangue o chão.
Toca a investida, Jesus!

Nascido humilde, — no seio
Arde-te acceso um vulcão,
Filho do povo — no anceio
Que popular coração ! ?
Como pulsa bronzeo e invicto
Na muralha de granito,
Que a mão de Deus fabricou !
Jesus — accende-se a lucta,
Presas a morte disputa,
Jesus, teu braço voou !

Pouco importa — avante, avante !
Creoulo d'alma viril ;
Pygmeu, fazes-te gigante,
Tu és filho do Brazil !
Oh toca, toca a investida !
Sobre a hoste embravecida
Jesus, um passo, inda um passo !
Aos gritos, pragas e ais,
Sóbe o horror cada vez mais !
E lá se foi outro braço !...

Nasceste, filho do povo,
No berço da natureza !
Da raça de um mundo novo
Tu fundaste a realeza !
Teus pobres braços cortados
Por esse espaço espalhados
Mudos supplicam : — Saudade,
Leva-me ás patrias areias,.
Quero quebrar as cadeias,
Patria, patria, liberdade !

Teu sangue é tinta que dura,
Que não se apaga, Jesus !
Fêl-o o Christo na amargura,
Antes de expirar na cruz !

TxU

Aquelle suor em gotas
Pelas tuas veias rotas
Talvez goteja tambem!
Tens um horto — o dos escravos,
Tens um calvario — o dos bravos...
Irás ao céo — inda bem!

Teu berço d'ouro esmaltado,
Corneta da minha terra,
Teve um grande cortinado,
— Os nevoeiros da serra!
Nas folhas da trepadeira,
Ao canto da cachoeira,
Tremia o berço no ar!
Que tropical formosura! —
— Foi tua mãe a noite escura,
Quando o sol beijava o mar!

Como são brancas, tão brancas,
As flôres do algodoeiro!
Que musgos pelas barrancas,
Que estalos no palmiteiro!
Brota o astro, e brota a planta,
Tudo sorri, tudo canta,
— Terra e mar e passarinhos!
O sol tem ondas azues,
As ondas frócos de luz,
A luz dourados arminhos!

Ao peso das bagas ruge...
Ruge... ruge... o cafesal;
Desce a tarde, o gado muge
Para as bandas do curral...
Pelas *tapéras* desertas,
Piam as aves... despertas,
Vagam as sombras... que maguas!
Chorae, saudades, nas fontes,
Pelas varzeas, pelos montes,
Na matta nos céos, nas aguas!

Morres grande entre os gigantes,
Limpo, limpo de brazões,
Pequenino como d'antes,
Ao retumbar dos canhões!...
Silencio ! ninguem responde,
Não te fizeram visconde,
Não tens titulo ou medalha ;
Mas, ainda ao som da corneta,
Dança á noite a bayoneta
Pelos campos de batalha !

Tua gloria vaga no ar,
E' quasi um sagrado mytho ;
O marmor póde quebrar,
Não dura sempre o granito.
Na solidão esquecido,
Pobre, sem tum'lo, perdido,
Sem pedra, signal ou cruz,
Tu symbolisas o povo,
Tu és quasi um Christo novo,
Tens o seu nome — Jesus !

BITTENCOURT SAMPAIO

O Canto do Pescador

Na minha ygára vogando
Por estas ondas de anil,
Sentado na pôpa, sozinho scismando,
Desliso, cantando
As glorias que alembram meu patrio Brasil.

Por vela trago esta rama
De verdes folhas que vês ;
A brisa soprando-a, de amores se inflamma,
E foge e derrama
Nos ares perfumes, mas volta outra vêz.

Sinto fome ? a rêde lanço,
Atiro a fisga e o anzol ;
São tantos os peixes que apanho n'um lanço,
Que ás vezes me canço
De estar todo o dia postado no sol.

Mas em breve a quente calma
Vou nas agoas abrandar ;
Já fresco e cantando dirijo minh'alma
A'quella que a palma
Promette de amores bem cedo me dar.

Qu'eu tenho por leito as agoas,
As estrellas por docel,
Na voz doce canto, mais doce que as magoas
Da rôla, que em fragoas
Soluça na ausencia do esposo infiel.

559592

Ai ! si da margem se mira
A garça no azul crystal,
E o collo nas agoas mergulha e retira,
Em quanto suspira
O vento nas folhas do escuro mangal...

Eu gemo triste a cantiga,
Que mais falla ao coração !
Os echos respondem ao nome da amiga...
E n'alma se abriga
Mais pura, mais terna, mais doce paixão.

E volto a vêr a choupana,
Que o dia inteiro não vi ;
Encontro nas praias sentada a Indiana,
Que alegre ,que ufana
Ao vêr-me se apressa, correndo p'ra mi !

Abraço-a ; dá-me carinhos,
Dá-me do seio uma flor :
Beijando-a, lhe entrego doirados peixinhos ;
E ambos sozinhos
Alli nos ficamos, fallando de amor.

Mas logo corre ligeira
A vêr a mãi que a chamou ;
Então lá de longe, parando, a trigueira
Me diz feiticeira,
Sorrindo, accenando : « adeus, qu'eu me vou ! »

E eu vivo, ai ! n'esta vida
Mais feliz do que ninguem !
Minh'alma, de amores vivendo entretida,
Não busca perdida
Gozar d'esses luxos que o mundo contêm.

Que assim na ygára vogando
Por estas ondas de anil,
Deitado na pôpa, sozinho scismando,
Desliso, cantando
As glorias que alembram meu patrio Brasil.

A Lua

Imagem formosa de virgem sentida
Que vive a chorar,
A lua nos ares vagueia perdida
Sem nunca parar.

E' floco de neve
Nas azas da briza levado de leve
Aos astros do céo :
Anjinho saudoso n'um campo de flores
Correndo, cahindo, morrendo de amores,
Da noite no véo.

Espelho de prata nos ares luzindo
Que a terra seduz ;
Do sol é sentelha, é astro fulgindo,
E' cirio de luz.

Rainha formosa
De estrellas cercada se assenta orgulhosa
N'um throno de azul ;
Seu manto luzente lhe beija o horisonte,
E as ondas e a praia e os valles e o monte,
No norte e no sul.

Amante extremosa, do sol namorada
Desmaia de dor ;
Parece açucena de noite calada,
Morrendo de amor.

E' noiva viuva,
Que ás vezes chorando seu pranto lhe turva
O rosto gentil ;
Mas logo se arreia de um brilho que esquece
A dor de um momento que já desfalece
N'um riso infantil.

E' alma perdida no espaço deserto,
Em mesta soidão ;
Luzeiro das trevas — mysterio encoberto
De lindo clarão.

Emblema da vida,
O' pallida sombra de uma alma perdida
Que vive a chorar,
Desprende teu vôo macio, n'um raio
Da terra me leva n'um doce desmaio
Os céos a habitar.

(Flôres Sylvestres.)

PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA

Terribilis déa

Quando ella appareceu no escuro do horisonte,
O cabello revolto... a pallidez na fronte...
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,
Resplendente de sol, de sangue fumegante,
O raio illuminou a terra... nesse instante
Frenetica e viril ergueu-se uma nação!

Quem era? De onde vinha aquella grande imagem
Que turbara do céo a limpida miragem,
E de luto cobrira a senda do porvir?
De que abysmo sahiu?... Do tumulo?... do inferno?...
Póde o anjo do mal desafiar o Eterno,
Da fria sepultura o espectro resurgir?

Deixae que se levante a grande divindade!...
Seu templo é a terra e o mar; seu culto — a mortan-
Enche-lhe o peito largo o sopro das paixões. [dade;
E' a mulher phantasma! Uma visão do Dante...
Dos campos de batalha a horrida bacchante,
Que mergulha no sangue e ri das maldições!

A deusa do sepulchro! A pallida rainha!
A morte é sua vida. Impavida caminha
Ora grande, ora vil, nas trevas ou na luz:
A côrte que a rodêa é lugubre cohorte;
Tem gala e traja luto: é o sequito da morte,
A miseria que chora, a gloria que seduz.

Desde que o mal nasceu nasceu aquelle espectro,
De raios corôou-se! Ao peso de seu sceptro

A terra tem arfado em transes infernaes !...
Do mundo as gerações têm visto em toda edade,
Sinistra, apparecer aquella divindade
Celebrando no sangue as grandes saturnaes !

No seu olhar de fogo ha raios de loucura...
Tem cantos de prazer ! tem risos de amargura !...
Muda sempre de céo, de rumo, de pharol !
Aqui — pede ao direito a voz forte e serena ;
Ali — ruge feroz, feroz como uma hyena...
Assassina na treva ou mata á luz do sol !...

Levanta o gladio nú em nome da verdade,
Acorda em furia accesa á voz da liberdade...
E no punho viril derrete-se o grilhão !
Como é bella !... Depois !... sem fé, sem heroismo,
Despedaça a justiça, e atira com cynismo
A virgem liberdade aos braços da oppressão !

E'uma deusa fatal ! Quer sangue... e atira flôres !
Abraça, prende, esmaga os seus adoradores,
Embriaga-os de gloria e os cerca de esplendor.
E esses loucos, depois de feitos de gigantes,
A tunica lhe beijam ardentes, delirantes,
E morrem a seus pés na febre desse amor.

Quando Attila — o monstro, — o tigre-cavalleiro,
Espumando a correr, calcava o mundo inteiro,
A deusa o acompanhava, e ria-se... a cruel !
Tinha a face vermelha, ardia de coragem,
Dava beijos de amor na fronte do selvagem,
Enterrando o aguilhão nos flancos do corcel !

Era ella que em Roma erguia-se funesta !
O idolo do povo em sempiterna festa !
O amor de Scipião, de Cesar, de Pompeu.
Vergava com seu braço o braço do destino,
Prendeu nações e reis ao monte Palatino,
E em doida bacchanal depois desfalleceu.

Foi de Carlos o Grande a excelsa companheira ;
Deu-lhe o throno de bronze, a espada aventureira,
E o globo imperial... e glorias... e trophéos ;
Quando, no escuro val, Rolando, moribundo,
Embocava a trombeta a despertar o mundo,
Erguia o collo a deusa além dos Pyrinéos !...

Seguiu Napoleão da França até ao Egypto,
Nos mares, no deserto, em busca do infinito,
Das terras do Evangelho ás terras do Koran...
Dos delirios da Europa aos sonhos do Oriente...
Teve medo afinal daquella febre ardente...
Lá no meio do mar prendeu esse Titan.

Ella estava a sorrir, serena e triumphante,
Ao pé de Farragut, o intrepido almirante,
Lá no tope do mastro, emquanto o monitor,
Em doidas convulsões, das tumidas entranhas
Vomitava metralha a derrubar montanhas...
E do mundo arrancava um grito de terror...

Ella estava também — espectro pavoroso —
Do *Amazonas* a bordo, ao lado de Barroso,
De polvora cercada, em pé sobre o convés...
Quando, á voz do valente, o monstro foi bufando,
Calados os canhões, navios esmagando,
A deusa varonil de amor cahiu-lhe aos pés !...

Salve da guerra deusa, archanjo da batalha !
Que vôas no vapor, que ruges na metralha !
Que cantas do combate aos infernaes clarões !
Quando arrancas do bronze os canticos maldictos,
O céo é fogo e aço, o ar — polvora e gritos...
E ferve e corre o sangue em quentes borbotões !...

Salve tu, que nos déste o sonho da vingança !
O gladio da justiça, o raio da esperança !

E da gloria cruenta o magico esplendor !
E' para te saudar que brame a artilharia,
E que repete ao longe a voz da ventania
Das trombetas de morte o horrido clangor !...

. . . . . .
. . . . . .

Quando ella appareceu no escuro do horisonte,
O cabello revolto... a pallidez na fronte...
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,
Resplendente de sol, de sangue fumegante,
O raio illuminou a terra... nesse instante
Frenetica e viril ergueu-se uma nação !...

LAURINDO RABELLO

Adeus ao mundo

I

Já do batel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte :
E perto avisto o porto
Immenso, nebuloso, e sempre noite,
Chamado — Eternidade !
Como é tão bello o sol ! Quantas grinaldas
Não tem de mais a aurora ! !
Como requinta o brilho a luz dos astros !
Como são rescendentes os aromas
Que se exhalam das flores ! Que harmonia
Não se desfructa no cantar das aves,
No embater do mar, e das cascatas,
No susurrar dos limpidos ribeiros,
Na natureza inteira, quando os olhos
Do moribundo, quasi extinctos, bebem
Seus ultimos encantos !

II

Quando eu guardava, ao menos na esperança,
Para o dia seguinte o sol de um dia,
De uma noite o luar para outras noites ;
Quando durar contava mais que um prado,
Mais que o mar, que a cascata, erguer meu canto,
E murmural-o n'um jardim de amores ;

Quando julgava a natureza minha,
Desdenhava os seus dons : eil-a vingada :
Cedo de vermes rojarei ludibrio,
E vida alardearão fracos arbustos
Sobre meu lar de morto ! A noite, o dia,
O inverno, o verão, a primavera,
A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrellas,
A rir-se passarão sobre meus ossos !
Não importa : não é perder o mundo
O que me azeda os pallidos instantes
Que conto por gemidos. Meu tormento,
Minha dôr, é morrer longe da patria,
Da mãi, e dos irmãos que tanto adoro.

III

Quando da patria me ausentei, não tinha
Nada que lhes deixar, que lhes dissesse
O que eram elles dentro de minh'alma.
Mendigo, a quem cedi pequena esmola,
Deu-me quatro sementes de saudade ;
Ao meu jardim domestico levei-as,
Cavei, reguei a terra com meu pranto,
E plantei as saudades. Soluçando
Chamei alli os meus : « Aqui vos deixo
(Disse apontando á plantação) « em flôres
« Minh'alma toda inteira ; aqui vos deixo
« Um thesouro enterrado. Joias, oiro,
« Riquezas, não, não tem, porém na terra
Esteril não será. » Ondas de pranto
Afogaram-me a voz : houve silencio ;
Palpei de novo o chão ; vi que de novo
Cavado estava ! A terra se afundára,
E as sementes nadavam sobre lagrimas,
Que minha mãi e minha irmã choravam...
Replantei-as, orei, beijei a terra,
E parti... Trouxe d'alma só metade ;
E o coração ?... deixei-o n'um abraço.

IV

Certo estou de que a planta, já crescida ,
Terá brotado flôr. Si ao menos dado
Me fosse colher uma... ver a terra
Pelo pranto dos meus sanctificada !
Si uma dessas saudades enfeitar-me
Viesse a minha eça, ou meu sudario,
Ou, pela mão materna transplantada,
Encravar-me as raizes no sepulchro...
E' tão pouco, meu Deus ! !... Eu não vos peço
Soberbo mausoléo, estatua augusta
De tumulo de rei. Assaz desprezo
Esses gigantes de oiro
Com entranhas de pó. Mortalha escassa
De grosseiro burel, que bordem lagrimas ;
Terra só quanto baste p'ra um cadaver,
E as minhas saudades, e entre ellas
Uma cruz com os braços bem abertos,
Que peça a todos preces. Terra, terra
Perto dos meus e no torrão da patria,
E' só quanto supplico .

V

A morte é dura.
Porém longe da patria é dupla a morte.
Desgraçado do misero, que expira
Longe dos seus, que molha a lingua, secca
Pelo fogo da febre, em caldo estranho ;
Que vigilias de amor não tem comsigo,
Nem palavras amigas que lhe adocem
O tedio dos remedios, nem um seio,
Um seio palpitante de cuidados
Onde descance a languida cabeça !

Feliz, feliz aquelle, a quem não cercam
Nesse momento acerbo indifferentes
Olhos sem pranto ; que na mão gelada
Sente a macia dextra d'amizade
N'um aperto de dôr prender-lhe a vida !

Feliz o que no arfar da ancia extrema
De desvelada irmã piedoso lenço,
Humido de saudades vem limpar-lhe
As frias bagas dos finaes suores !

Feliz o que repete a extrema prece,
Ensinada por ella, e beijar póde
O lenho do Senhor nas mãos maternas !

Desgraçado de mim !... Talvez bem cedo
Longe de mãi, de irmãos, longe da patria
Tenha de me finar... Ramo perdido
Do tronco que o gerou, e arremessado
Por mão de Genio máo á plaga alheia,
Mirrarei esquecido! Os Céos o querem,
Os Céos são immutaveis : aos decretos
Do Senhor curvarei a fronte humilde,
Como christão que sou. Eternidade,
Recebe-me a teu bordo !... Adeus, ó mundo !

VI

Já sinto da geada dos sepulchros
O pavoroso frio enregelar-me ...
A campa vejo aberta, e lá do fundo
Um esqueleto em pé véjo a acenar-me...

Entremos. Deve haver nestes lugares
Mudança grave na mundana sorte ;
Quem sempre a morte achou no lar da vida,
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Vamos. Adeus, ó mãi, irmãos, e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céos!...
Adeus, que vou viagem de finados...
Adeus... adeus... adeus!

Adeus, ó sol que, amigo illuminaste
Meu pobre berço com os raios teus...
Illumina-me agora a sepultura : —
Adeus, meu sol, adeus!

Flôresinhas, que quando era menino
Tanto servistes aos brinquedos meus,
Vegetai, vegetai-me sobre a campa : —
Adeus, flôres, adeus!

Vós, cujo canto tanto me encantava,
Da madrugada aligeros orpheus,
Uma nenia cantai-me ao pôr da tarde :
Passarinhos, adeus!

Vamos. Adeus ó mãi, irmãos, e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, ceos!...
Adeus : que vou viagem de finados!...
Adeus!... adeus!... adeus!

(Trovas)

FRANKLIN DORIA

A Ilhôa

Que cabellos tão lustrosos!
Que tornozelos mimosos!
Que negligencia de andar!
Que singelinha! que ilhôa!
Como ella passeia á tôa
Pelas areias do mar!

Pelas areias de prata,
Que seu vestido arrebata
Ao sôpro da viração;
Pelas areias tão finas,
Que conchinhas purpurinas
Esmaltam como um festão.

Diante da sombra sua
A onda, que vem, recúa,
Mais carregada de anil;
E ella, de agradecida,
Da flôr no campo colhida
Pet'las lhe atira gentil.

O sol da tarde fagueiro
Doira-lhe o rosto trigueiro,
Que nunca o pranto offendeu:
Agora vae apressada...
Ai d'ella! cahiu, coitada!
Mirando as nuvens no céo.

E se alevanta corando,
E volve o semblante, olhando
Vergonhosa em torno a si :
Ninguem lhe a quéda notara ;
Apenas de uma taquara
Grita ao longe o bem-te-vi.

Segue, ilhôa, teu caminho,
Folga e brinca, meu anjinho,
Das praias pela extensão,
Com teus perfumes de infancia,
Com tua doce ignorancia,
Co'a paz de teu coração.

Que fronte ! que fronte bella !
Como lhe assenta a capella
Da flôr do maracujá !
Que seio nú ! oh que seio !
Nem o mais leve receio
De que beijal-o alguem vá!

A onda agora se empola,
Se abate, se desenrola,
Irá molhal-a talvez !
Ella o vestido arregaça,
E despeitosa lá passa
Sobre a pontinha dos pés.

A tarde afinal desmaia :
Parte-se a ilhôa da praia.
Surge aqui, some-se além :
Chegou de sapé á choça ;
A tenra voz já lhe adoça
Um canto, que de cór tem.

Canta dos paes a amizade,
Canta a sua liberdade

E o poder de Jehovah ;
Canta saudosas lembranças
E todas as esperanças,
Que a sua Sancta lhe dá.

Canta a abrir perto á cabana
A florzinha de coirana,
Que cheira como o jasmim ;
Canta seus brandos perfumes,
E a chusma de vagalumes,
Que faiscam no capim.

Canta os murmurios da moita,
E a giboia, que pernoita
Nas tranças do cipoal ;
Na cova escondida a paca,
E a mosqueada jararaca,
Que tem veneno mortal.

Canta a canôa ligeira,
Que se embala aventureira
Entre a espuma a branquejar ;
Canta emfim a sua ilha,
Que á luz das estrellas brilha
Com seu verde kanitar.

E o pescador escutou-a,
Pela mãe-d'agua tomou-a,
Tomou-a, que bem a ouviu :
A cantiga vae morrendo,
E ella vae adormecendo ...
Sobre a viola dormiu.

Oh quem, quem podesse agora
Ver a ilhôa encantadora
Em seu formoso dormir !
Talvez baixinho cantando
A sonhar, ou suspirando
Talvez languida a sorrir.

Amanhã muito cedinho,
Aos chilros do passarinho,
Ha de serena acordar :
E de novo irá a ilhôa
Correr, passeiar á tôa
Pelas areias do mar.

(Enlevos.)

O acompanhamento [1]

Declina o quinto sol do estival janeiro.
Vivo clarão da tarde espalha-se fagueiro,
E doira a face ao mar, onde se passa agora
Scena que attrahe a vista e os crentes afervora.

Ao sôpro do nordeste, airosa uma flotilha
Veleja, demandando o littoral da ilha.
Claro e azul o céu, partiu para a viagem,
Do pôrto da Bahia. Alli vetusta imagem
Da Virgem de Loreto, esmêro d'esculptura,
Fôra encarnada ; e, já brilhante de frescura,
Retorna ao seu altar, inda, talvez, mais bella.
Em procissão maritima a trazem á capella
De que é bemdicto orago, erecta n'um recanto,
Ninho de amor e paz, mansão cheia de encanto.

O barco, portador do thesouro sagrado,
Com velas de alvo brim, e todo empavezado,
Pendente ao mastro grande o pario pavilhão,
Na frente sobresae. Nomêa-se *Tritão*.

---

(1) Dá-se, na Bahia, o nome de *acompanhamento* a uma procissão religiosa maritima, que é usança privativa, creio eu, da gente d'aquella terra. A scena descripta por mim, nos versos acima, representa uma proicissão semelhante, em que a imagem de Nossa Senhora de Loreto, depois de restaurada na cidade do Salvador, foi d'alli trasladada para a capella erecta, com a dita invocação, a Virgen Sancta, na fazenda onde nasci, na Ilha-dos-Frades, não longe da primeira capital do Brazil.

Descanta, no convez, bizarra companhia;
Rude orchestra executa amena symphonia;
E, a trechos, augmentando o festival bulicio,
Estoira lampejante o fogo de artificio.
Seguem, após o barco, arfando magestoso,
Várias embarcações, em prestito pomposo.
Qual pleiteia com outra um parco sem respiro;
Qual pelo instavel chão descreve curto gyro,
E parece brincar; qual n'agua o bordo mette,
E, mais e mais veloz, as ondas accommette;
Qual sobranceira apara o escarceu alçado,
Oppondo-lhe de geito o rigido costado.

Porém a primazia alcança uma canoa,
Que duas velas tem, as azas com que vôa.
Chama-se *Atyaty*, bem como essa ave audaz
Que a nado cruza o mar, e a quem o mar apraz.
N'um tronco de peroba inteiro foi cavada,
A' goiva e á enxó, depois, mui bem lavrada,
E, abastecida, emfim, de aprestos de primor,
Passou do velho dono a joven successor,
Victor, para quem é, não só paterna herança,
Mas um penhor de affecto, e cofre d'esperança.

Ora, á ilha approximado,
O pio acompanhamento
Entesta co'o Porto-Grande,
O mais basto povoado,
Dos pescadores assento.
Que alegria alli se expande
Arrasta morosos passos
O ancião pela senda;
As mães acolhem nos braços
Os filhinhos innocentes;
A moça larga a almofada,
Em que tece argentea renda
Com os bilros estridentes;
A' sombra do joázeiro,
Que aos pescadores agrada,

Nenhum agora fabrica
O munzuá, onde fica
O peixe prisioneiro;
Desinquieto o menino
Bate as palmas, corre, pula,
A doudejar no terreiro;
Fé que a leda multidão,
Affluindo em torvelino,
Na alva praia se accumula,
Para ver a procissão.

Emquanto o jubilo cresce
No alvoroçado tropel,
Cada qual já reconhece
O seu querido baixel.
Mas toda a attenção merece,
Dentro em pouco *Atyaty*,
Que muito esbelta e maneira,
Se accelera na carreira
Sobre o mar, que lhe sorri.

Victor, com dextra segura,
E habilidade exemplar,
Governa a canoa rara
Que, depois de vaguear,
Pela espumante planura,
Na praia da ilha vara,
Como para descançar.
No Porto-Grande nascido,
Hoje, dos annos na flôr,
Acolá Victor é tido
Pelo melhor pescador.
Apenas galhardo enceta
A adolescencia risonha,
Na paterna companhia,
Entra a canoa dilecta,
Com que, desde muito, sonha;
Embalado pela vaga,
Dedica-se á pescaria,
Que ao pescador embriaga,

Com seus lances singulares,
Seus perigos, seus azares.

Com que vigoroso esfôrço,
Maneja elle o seu remo,
E o crava do mar no dorso,
Entre chuva de crystal!
Com que denodo supremo,
E confiança tão cega,
Do vento á forte refega,
Se pendura do brandal!
Quando ás ondas abalança
O corpo rijo e flexivel,
Como se fôra de aço,
E d'agua o resvala ao nivel,
Quem mais longe o nado alcança?
Atravez do humido espaço,
Mergulhando valoroso,
Quem mais fundo que elle desce?
Mais tempo quem permanece,
Mettido no seio undoso?

O longo tracto incessante
Co'o mar, que ninguem domina,
No coração lhe refina
O amor da liberdade,
Impetuoso e pujante.
Na solidão do oceano,
As iras da tempestade
Sereno affronta, em seu lenho;
E, n'esse combate insano,
A que bem cedo se affez,
Corresponde ao grande empenho
Sua heroica intrepidez.

Avança a procissão, com harmonia e graça,
Pela cerulea estrada. O boqueirão perpassa,
Por onde entrando, o mar cinge, nos arredores,
Ilhas gentis. Conforme usança de maiores,

O trôço dos baixeis, que a devoção colliga,
Detém aqui a marcha ante a matriz antiga;
Aos poucos recuando, em circulo bordeja,
Até que fica alli, diante de outra egreja;
Prosegue, e acolá se quêda, reunida
Em frente de uma pobre, arruinada ermida;
E logo proejando as suspirado albergue,
Acérca-se do caes onde a capella se ergue.

•

Transporta-se, por fim, sobre vistoso andor,
A imagem louçan da Mãe do Redemptor,
A' qual, cheios de fé, ao repicar dos sinos,
Innumeros fieis seguem, cantando hymnos.
Ei-la! no seu altar, a imagem luzente
Da Virgem de Loreto, a sancta Confidente,
A Estrella do mar, que anima e fortalece
O pescador, e lhe ouve a fervorosa prece,
Quando, na dura faina, assiduo se desvela,
Aos risos da bonança, ás furias da procella.

(*Revista Brasileira.*)

J. A. TEIXEIRA DE MELLO

Á Lua

(ESTANCIAS)

I

Tu vens, perdida por sombras
Que desbotaranste a côr,
Anjo das mudas ruinas
Em que não brota uma flôr,
Levame a página triste
Do livro de meu amor.

Debalde teus gêlos lêr pude
Dos sonhos em que dormias!
Não podes, Lua, não podes
Dar calor a almas frias!
Vês sombras onde teus tendem;
Vês sorrir a quem sorrias!

Quantas vezes nos lindos
Nos teus banhos de cristal
Nesse langhor, sonhando
Dos anjos no sahir
Eram lagrimas perdidas
As que bebiam aqui.

Mas hoje que a flôr a [illegible]
Não [illegible] [illegible]
Os [illegible] [illegible]
Só [illegible] [illegible]
Que a [illegible] [illegible]
Só [illegible] [illegible] [illegible]

II

Astro do amor, da dôr e do silencio,
Tu, que aviventas emoções extinctas,
Foco de luz em derredor de trevas,
Dá-me, eu te-rogo, inspirações que sintas!

Irmã do sol, perdida ao pé das noites,
Eterna forasteira, em pós de quem?
Quaes são teus sonhos? que procuras, louca?
Abre-me a seio! Eu amo-te tambem.

Sigo teus passos toda a vez que passas,
Pallida sempre, fugidia e triste,
De que tumulo vens?, Quem é teu guia?
Quem te-ensinou a rir como te-riste?

Quando sacódes sobre a noite as azas,
Lagrimas cahem, garça que não torna —
Como o sereno que a descuido a aurora
Por sobre as flôres-toda riso-entorna!

Tu passas núa, escabellada e muda,
Levada em braços de milhões de anjinhos,
E vais, quem sabe? te-banhar nos lagos
Em que lavam-se o sol e os passarinhos.

Eu te-vejo passar, tão perto ás vezes!
No meu deserto, fugitiva embora!
Tu és o cysne que em meus cantos canta;
Tu és a amante que em meus prantos chora!

Quando vaguêas pelo só das noites,
De tanta luz innundas o caminho,
Que o triste sabiá que espera o dia,
Por pensar que és o sol, salta do ninho!

A terra escalda! as arvores não tremem!
Onde vais, Marion? Douda, que esperas?
Garça que emigras, cysne que procuras
Pos céos d'hinverno eternas primaveras!

Um dia anoiteci orphão de amores,
Poleá da existencia em solo agreste,
E voltei para ti meu pensamento,
E o consôlo das lagrimas me déste!

Eu te-bemdigo em nome dos afflictos!
Quando limpei as lagrimas tranquillo
Pensei no céo e adormeci comtigo,
Pallida irmã das virgens de Murillo.

III

Fonte de encantos novos, tu me-trocas
As lagrimas em gozo!
Eterna Marion, tens novo amante
Em cada desditoso.

Sôpro da morte esvoaçou-me entôrno!
Como tu, vivo só!
Não és tu, Marion, quem me-dê vida
Nem me tire do pó!

Porque trazes, irmã dos pyrilampos,
Teu seio semple nú ?!!
Vives, como eu, de azul e poesia!
A poesia és tu!...

Tu tens na face a lividez sombria
Das intimas tristezas,
Que te invejam as flores doentias
Que crescem nas devezas!

IV

Tu sabes segredos que as flôres murmuram :
Tão longe da terra conversas com Deus !
Pois conta-me, virgem, teus castos amores,
Que eu conto-te os meus.

V

Tu vagas sem tino, sultana das noites,
Princeza do reino sem termo do mar !
E cada conchinha que rola n'areia
Te rouba um carinho, te-furta um olhar.

Nas praias desertas que marcam teu reino
Te-sentas chorando, formosa princeza !
E a cada florinha que topas nos ermos
Emprestas um raio de tua tristeza.

E em cada ruina que encontras na estrada
Descansas um pouco, cansada de andar !
Que mão te-encaminha ? que praga, que sina
Suspende-te á noite por cima do mar ?

E deixas as tranças do negro cabello,
Por cima dos hombros beijarem-te os pés.
Porque não encobres com ellas teus seios
Largados aos ventos ? Princeza não és ?

Tu sabes segredos das ondas que dormem :
Por cima dos mares conversas com Deus
Ai conta-me, virgem, teus longos amores,
Que eu conto-te os meus.

Onde és mais formosa? Nos ermos do Norte,
Nas vagas crestadas do sol do Equador,
Nas quentes areias, nas ramas immoveis
Que as brisas não beijam famintas de amor?

Nos campos immensos de eterna verdura
Que o sul acordando festeja primeiro?
Nas bastas macegas que aninham serpentes,
Que acordam raivosas á voz do pampeiro?

Ou n'estas campinas toucadas de relva
Que os mares não beijam nem viram talvez?
Oh virgem das noites, amiga dos campos,
Nas sombras que afastas, que topas, que vês?

Tu sabes segredos que os mortos te-contam.
Por cima das campas conversas com Deus!
Pois conta-me, virgem, teus tristes segredos,
Que eu conto-te os meus.

O dedo que um dia lançou-te no espaço
Como hontem, como hoje, sombria no rosto,
Lançou-me nos ermos d'um valle formoso
Na mais merencoria das noites de agosto.

Quando era criança — nas longas noitadas —
Contavam-me as outras — durante o serão,
Que as manchas que eu via-te ás faces nevadas
Era Eva dormindo nos braços de Adão.

On antes-que, emquanto fiava em seu fuso,
Caim fratricida matava-lhe Abel;
Co'a enxada paterna fazia-lhe a cova...
— Que lendas mimosas! que favos de mel!

Mais tarde... já moço, scismando de amores,
Pensando na gloria, sedento de fé,
Amei-te os pallores! Por onde passavas
Erguias as campas co'a ponta do pé!

VI

E o pó dos sepulcros, e as vozes dos mares,
Das flôres que morrem, do triste cantor,
São hymnos que inspiras, são prantos que espalhas,
Mas hymnos de festa, mas prantos sem dôr!

JOAQUIM SERRA

Desafio a viola

Que ferto estroudora, na rude cabana
Do pae de Rosinha, o velho vaqueiro!
Lá geme a viola e a roda-tyranna
Ha muito que dansam no vasto terreiro!

Faz annos a linda, gentil rapariga,
Orgulho do pae, a rosa da aldeia!
Estrondam roqueiras, não cessa a cantiga,
A casa festiva de gente está cheia!

Provocam-se alegres os moços cantores,
As moças applaudem os mottes e lôas;
As trovas mais ternas, os versos de amores
Promovem sorrisos e palmas e corôas!...

Lá entra na roda a flôr da ribeira,
Retinem os pandeiros, o canto enlanguece...
E a bella Rosinha, puxando a fieira,
Na dansa campestre mais linda parece!

« Tira a cantiga, Cazuza,
Qu'eu nunca estive na escola...
Anda, puxa pela muza,
Qu'está gemendo a viola!

« Canta os olhos da Rosinha,
Esses diamantes azues!
Nunca vi, por vida minha,
Olhos que vibrem mais luz!

« Respondam, qu'eu já não posso
Com os baques do coração !...
Ai, Chico, esse anjinho vosso,
E' anjo de tentação !

Calou-se o poeta, o vate selvagem ;
Aceita risonho um outro o duello...
Qual canta melhor ? qual leva vantagem ?
E o rude bailado prosegue mais bello !

« Menina, que me prendeste,
Eu quero seguir viagem...
Que feitiço será este
Que me atêm n'esta paragem ?

« Esse teu rosto divino
Dos olhos tirou-me a luz...
Co'o caminho não atino,
Se p'ra longe me conduz !

« Dizem que teme a esmeralda
A cobra lá no Oriente,
Pois se a fita demorada
Fica cega de repente !

« Deus fundio o firmamento
N'uma noute de luar,
E sem mais outro elemento
Elle fez o teu olhar !

« Lá vem a cruel dansando...
Parece, meu Deus, que vôa !
Que talhe flexivel, brando,
Como a junça da lagôa !

« Nunca vi tanta lindeza
Entre as moças da cidade !
A mais formosa princeza
Não tem esta magestade !

« Na cidade o que me resta,
Uma vez qu'eu te não veja ?
Quero viver na floresta,
Onde vive a sertaneja ! »

As palmas soaram, o joven estudante
Recebe ovações, sorrisos e flores !
Porém lá no fundo do grupo, distante,
Uns olhos o fitam ardendo em furores !

Que dizem esses olhos de tetrico lume,
E os labios crispados do moço que fita
O joven poeta ? Acaso o ciume
Referve-lhe o sangue, o peito lhe agita ?

Quem sabe ? No emtanto começa de novo
Ao som da viola o canto e a dansa,
Um velho patusco, querido do povo,
Vem pela belleza romper uma lança :

« Aonde escondeo-se o Chico,
O noivo da rapariga ?
Ardor de zelos, meu rico,
E' peior do que de ortiga !

« Salte o noivo para frente,
Venha dansar a tyranna !...
Não 'steja assustando a gente
Com olhos de sussuarana !

« Haja verso ou haja prosa,
Ninguem furta o teu thesouro !
Libe a abelha a fresca rosa,
Deixe zumbir o bezouro !

« O' Chico, deixa-te d'isso,
Que o ciume é cousa feia...
Olha a Rosa, o teu feitiço
Como dansa e sapateia !

As vozes amigas do velho Narciso
Um pouco acalmaram do noivo os furores!
Se achega do grupo, ensaia um sorriso,
E finge cantar co'os outros cantores.

Rosinha abeirou-se do amante arrufado
E trouxe-o faceira p'ra o meio do bando.
Adeus, nuvens negras! E' tudo acabado,
Os noivos se enlaçam e fogem bailando!

E o sol escondeu-se por traz da cabana,
Lançou sobre a varzea fulgor derradeiro;
Não cessa no entanto a roda-tyranna
Que dansam os convivas no vasto terreiro!

(Quadros.)

SANTA HELENA MAGNO

A Secca no Ceará

O sol do Novo-Mundo, o sol que em resplendores
O firmamento alaga e accende em vivas côres
De opalas e rubis;
O sol, que doira a coma ás selvas viridantes,
E enchera de ambrosia os caules odorantes,
De mil flôres gentis;

Almo sorrir do Eterno, olho da Providencia,
Que no germen fecunda o mysterio existencia
Ao provido calor;
O sol, que faz vingar no campo a farta messe,
Que o fructo nos sazona, e os membros nos aquece
E infunde-nos vigor;

O sol, que bemfazejo á festa do trabalho
Aqui preside e anima, e á noite o doce orvalho
Como benção gotteja;
Além, como um flagello, assola a terra ardente,
E, não já doce luz, mas lava incandescente,
Sobre os campos dardeja!

Olhai: — pela amplidão dos páramos desertos,
Na planura sem fim, nos serros descobertos,
Não brota a planta agreste, ou desabrocha a flôr;
Adusto o negro o chão, nem mesmo o cardo nutre;
No ar nem vôa ave: apenas negro abutre
Companheiro da morte, habita em tanto horror!

Abobada de fogo, o céo a terra esmaga;
A natureza inteira afoga-se na vaga

Que implacavel o sol lhe atira sem cessar!
Não ha sombra nem véo que tanta luz embace;
E o firmamento azul sorrindo mostra a face
Como escarneo pungente a tanto agonisar!

Na amena placidez das noites estrelladas
Não corre alli frescor das brisas perfumadas,
Nem refrigera a terra o rocio matinal;
E o vento que atrevessa a planicie tostada
E' como a exhalação da furna incendiada,
Como o simoun que varre o libico areal!

Senhor, basta de luz! das nuvens no sudario
Amortalha esse sol, o facho incendiario
De fulgores lethaes;
Descerra agora, ó Deus, do abysmo a cataracta
E applaca a sêde atroz, que os homens punge e mata
Em torrentes caudaes!

Sequioso e faminto o gado muge errante
Em busca d'agua e pasto; a nuvem doudejante
D'aves atrôa os céos;
Brutos e vegetaes, tudo que vive e sente.
Pelos labios de fenda a terra exhausta, ardente
Tudo clama por Deus!

Da montanha nas quebradas
Caminha uma turba inteira:
Basta nuvem de poeira
Nas azas leva o suão:
São todos rostos queimados,
Labios da sêde gretados,
Semi-nús, esfomeados,
Fugindo ao quente sertão!

Successivas caravanas
Já nas estradas transbordam;
Do valle os echos acordam

Dos tropeiros ao rumor :
Na marcha desordenada,
Na presença esgazeada,
Semelham horda accossada
Do inimigo vencedor.

Onde vão ? sinistra força
Os expellio de seus lares !
Não mais os doces cantares
Quebram da noite a mudez.
Sómente flebeis accentos
Nas azas voam dos ventos,
Dos homens e dos armentos,
Das aves, como da rez.

Como o proscripto do Eden
Levam na fronte abatida
O desespero da vida,
Do soffrimento o signal !
Como elle, de *fogo a espada*
Lhes impôz a retirada
Da triste patria abysmada
Em catastrophe fatal.

Eil-os caminho das plagas
Onde ha rios caudalosos ;
Dos ferteis valles umbrosos,
Das frescas ribas do mar :
Além, na farta cidade,
Lhes acena a caridade
Com doce affago ; — quem hade
Pão ao faminto negar ?...

Mas ai ! o deserto é longo !
No esbraseado horisonte
Oasis não ha, nem fonte

Que refocille o viajor ;
Na extensão que a vista alcança,
Onde a chusma afflicta avança,
Desmaia á muitos a esp'rança
Entre o cansaço e a dôr.

Oh Deus ! que funebres scenas
De miseria e de agonia
Teu sol formoso alumia
Nesses aridos sertões !
Alli ha homens roidos
Do abutre — fome ; incendidos
Olhos de sêde ; — gemidos
De quebrantar corações !

Nova Agar aqui no solo
Depõe semi-morto o filho,
Dos olhos extincto o brilho,
Labios seccos a estalar ;
E segue exangue sem vida,
N'um mar de angustia perdida,
Porque a alma estremecida
Recusa vel-o expirar !...

Além é um velho que morre
No desamparo da estrada,
Por leito, a terra abrasada,
O sol por mesto brandão ;
Em torno a orchestra de gritos
De esposa e filhos afflictos,
Resôa nos infinitos,
Nos echos da solidão !

Longe, além, por toda a parte,
Pela planicie pulvérea,
Do poema da miseria

Lêm-se as estrophes fataes ;
E o vento, que passa ardente
Por essa plaga inclemente,
Murmura no voz plangente
A nenia dos funeraes !...

E vós, cuja alma terna e maviosa
Ensombra o quadro deste immenso horror,
E em cuja face rola descuidosa
Lagrima doce de sincera dôr ;

Vós, á quem dadivosa Providencia
De sorrisos enflora a paz do lar,
E adoça o travo amargo da existencia
A voz da infancia e a luz de um meigo olhar ;

Abri as mãos — deixai cahir a esmola
No regaço do misero infeliz
A quem a angustia intima desola
E a fome abate a pallida cerviz !

Esses, que a fome esqualidos tornara,
E estendem, a pedir, supplices mãos,
São todos filhos desta patria cara,
Irmãos nas crenças e no sangue irmãos !

Cruel destino fel-os n'um momento
Indigentes de pão, orphãos de amor ;
Dai-lhes vós compassivo lenimento
Ao pungir do infortunio, ao fel da dôr !

Enxugue o pranto a mão da Caridade
A predilecta filha de Jesus ;
Cale-se a voz dolente da orphandade ;
Pão aos famintos e vestido aos nús !...

(Parnaso Brasileiro.)

MACHADO DE ASSIS

Uma creatura

Sei de uma creatura antiga e formidavel,
Que a si mesma devora os membros e as entranhas
Com a soffreguidão da fome insaciavel.

Habita juntamente os valles e as montanhas,
E no mar, que se rasga á maneira de abysmo,
Espreguiça-se toda em convulsões estranhas.

Traz impresso na fronte o obscuro despotismo...
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
Parece uma expansão de amor e de egoismo.

Friamente contempla o desespero e o gozo,
Gosta do colibri, como gosta do verme,
E cinge ao coração o bello o monstruoso.

Para ella o chacal é, como a rola, inerme;
E caminha na terra impertubavel como
Sobre o rubro areal um vasto pachiderme.

Na arvore que rebenta o seu primeiro gomo
Vem a folha, que lento e lento se desdobra,
Depois a flôr, depois o suspirado pomo.

Pois essa creatura está em toda a obra:
Cresta o seio da flôr e corrompe-lhe o fructo;
E é nesse destruir que as suas forças dobra.

Ama de igual amor o polluto e o impolluto;
Começa e recomeça uma perpetua lida;
E sorrindo obedece ao divino estatuto.

Tu dirás que é a morte, eu direi que é a vida.

Circulo vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume :
« Quem me déra que fosse aquella loura estrella,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela ! »
Mas a estrella, fitando a lua, com ciume :

« Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que, da grega columna á gothica janella
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella... »
Mas a lua fitando o sol com azedume :

« Misera ! Tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal, que toda a luz resume ! »
Mas o sol, inclinando a rútila capella :

« Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbella...
Porque não nasci eu um simples vagalume ? »

(Poesias completas.)

TOBIAS BARRETO

Leocadia

Livro de luz, em que o Senhor medita,
E ás mãos dos anjos não é dado abrir,
Onde as estrellas aprenderam juntas
Com as rosas puras a chorar e a rir ;
Alma, que dá-se em alimento ás flôres,
De cuja essencia a creação trescala,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
A voz da santa, que do céo vos falla...

Vós sois na terra a incarnação brilhante
Do sacro amor que a vossos paes adita,
Rutila estrophe de um poema d'ouro,
Livro de luz em que o Senhor medita...
Lagrima d'alva, que no seio calido
Da nuvem rubra vos deixou cahir,
Pagina alvissima em que Deus escreve,
E as mãos dos anjos não é dado abrir.

Virgem serena, a cujos olhos timidos
A lua gosta de fazer perguntas,
Biblia celeste de mysterios castos,
Onde as estrellas aprenderam juntas,
Com as brisas tenues, a dizer as queixas
D'alguma dôr que só Deus póde ouvir,
Com as ondas cérulas, com as auroras pallidas,
Com as rosas puras a chorar e a rir ;

Fronte em que passam d'outro mundo as scismas,
Rosto bonhado em matinaes albores,
Peito onde arquejam do infinito as vagas,
Alma, que dá-se em alimento ás flôres,

Mimo do sol, que vos attrahe os raios,
E as vossas graças pelo céo propala,
Vós sois a alvura dos eternos lyrios,
De cuja essencia a creação trescala.

E quão piedosas não serão as preces
Dos vossos labios divinaes, risonhos!
Tranças esparsas, joelhada, extatica,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
Por entre os cantos das espheras lucidas,
E os ais sentidos que o universo exhala,
E os sons mellifluos do psalterio angelico,
A voz da santa que do céo vos falla!!

(Dias e Noites.)

LUIZ JOSÉ PEREIRA DA SILVA

Riachuelo

POEMA

EXCERPTO DO CANTO III

XLIV

Pouco a pouco a distancia desparece;
Nos ares as bandeiras vão tocar-se;
Um a um, no tamanho, o vaso cresce,
Que caminha, já perto, e vem chocar-se
No costado, onde o estrondo recrudesce.
Cada bronze desperta, ao despejar-se,
Os échos simultaneos, e estridentes,
Que mil trovões imitam permanentes.

XLV

Avassalando os échos treme o ar
Cortado por mil laminas de brasa,
Vivas sempre e accesas, sem mudar;
Como de Satanaz se a rubra aza,
Dos infernos erguida alli mostrar
Viesse ao mundo quanto mais abrasa
O fogo desta guerra que o do raio
Tardio de punir o paraguayo.

XLVI

Depois se quebra a lei de natureza :
Mudado o sol em fumo se escurece,
Do dia foge a luz, foge a belleza,
E nas azas de fogo a noite desce !
Suspende o rio a viva correnteza,
Mudando em sangue a onda que enrubesce,
E treme o abysmo amedrontando as féras,
Tombando os robles das antigas éras.

XLVII

Abraçam-se em novellos ar e fumo,
Misturam e desfazem-se rolando ;
O vento sopra, eleva-los a prumo,
Cessa o vento, vão logo se apartando
Brandas nuvens, correndo, mas sem rumo.
Dissereis casco, enxarcias se abrasando
N'um incendio geral sem labaredas,
Laminas rubras pelas chammas tredas.

XLVIII

Luctando com a terra a canhoneira
Que de um rio brazileo se chamára
Jequitinhonha, accêsa uma caldeira,
Distante dos mais vasos se postára.
Era alli a coragem altaneira
Que os canhões da barranca desafiára ;
Era alli quasi um cento de valentes
Contra mil inimigos combatentes.

XLIX

Contra mil, porque os outros, abrigados
A sombra espessa de floresta escura,
Em punho as armas, quêdam-se abysmados
D'esse arrojo que a tanto se aventura.
Mas ai! que negra sina e negros fados
Decretáram tamanha desventura?
Sobre pedras se arrasta a forte quilha,
E o vaso se adornando desmantilha.

L

Nem vossa, Secundino, a culpa sendo,
Tambem não pesa sobre quem mandava;
A culpa foi da vaga, pois, descendo,
De manso e manso o vaso arrebatava;
Nem a falsa versão dizer pretendo
Que a terceiro tal perda se imputava,
Porque ao pratico fido cede a sorte
Primeiro que ao navio triste morte.

LI

Atravessa o costado á correnteza,
A prôa á esquadra ,mas a pôpa á terra,
Onde está toda a imiga fortaleza.
Descoberto o convés alli aferra
O contrario seus tiros com crudeza;
Nascimento no rio já se encerra,
Benedicto, Sant'Anna e Oliveiro,
O bravo Motta, Lopes e Ribeiro.

LII

Quasi o resto da gente sae ferida
Na lancha ao *Beberibe* transportada,
Chica da Palòméra conhecida
E a bôca da prôa demandada
Da *Ypiranga* ligeira na descida
Em soccoro da misera encalhada;
Alli lh'estronda dentro bomba ardente,
Que parte e rompe o contra do dormente.

(Riachuelo.)

FRANCISCO MONIZ BARRETO FILHO

Desalento

Perdida vejo a esperança
Que em teus olhos me sorriu!
Resta-me só a lembrança
De um passado, que mentiu,
E, como elle fugiu,
Perdida vejo a esperança!

No outono da minha vida,
Que sinto ja despontar,
Para que, visão querida,
Vens meus sonhos afagar?
Que posso mais esperar,
No outono da minha vida?

Bem vês: dentro de minha alma,
O desengano ceifou
A crença, viçosa palma,
Que ao teu sorriso brotou;
O que fui, o que hoje sou,
Bem vês: dentro de minha alma,

Não redobres a tortura
De meu tantalico amor!
Já que me foge a ventura,
Foge, espectro encantador!
Não rias de minha dôr,
Não redobres a tortura!

Basta que fique a saudade,
Povoando a solidão
De um peito que, por vontade,
Ja não tem mais coração;
Vae-te, angelica visão!
Basta que fique a saudade.

Confissão de um velho

(IMPROVISO)

Quando contemplo o divinal sorriso
Que brota de teus labios tentadores,
Como brotavam as primeiras flôres
No chorado terrestre paraiso ;

Quando contemplo a angelica ternura
Que transparece em teu olhar profundo,
Como benção do céo que, n'este mundo,
Viesse redimir a creatura ;

Quando enlevado, absorto nos encantos
De teu gentil e majestoso porte,
Vejo apagada a estrella de meu norte
Nos infinitos estrellados mantos ;

Quando, ou falles ou cantes, Deolinda,
Ouço de tua voz o som mavioso,
Que me enche o coração de infindo goso,
Que n'elle acorda uma saudade infinda !

Quando em teu ser contemplo resumidos
Os prodigios do Ser Omnipotente ;
Me prostro então humilde e reverente,
Chorando meus vinte annos já perdidos !

FAGUNDES VARELLA

A Filha das Montanhas

(ELEGIA)

Esta viveu no meio das montanhas :
Foi seu passar um vôo de andorinha
A' flôr de lago azul, seus verdes annos
Contaram-se por flôres...
Desconheceu as sedas e os velludos,
Finas alfaias, peregrinas joias...
Talvez pensando no clarão dos astros
Zombasse dos diamantes !...
O coração pollue-se nas cidades :
Podem ser bons os homems isolados,
Mas, si o nó social n'um corpo os liga,
Meu Deus ! tornam-se atrozes !
Dobram á lei o collo, e astutos traçam
Mesmo aos olhos da lei, planos do inferno ;
Peste moral de rapido contagio
Devora-lhes as visceras !
Fazem da negra intriga uma sciencia,
Sabem mentir á sombra da verdade ;
E entre palavras de virtude incensam
O demo da calumnia !...
Feliz a virgem que repousa agora !
Feliz mil vezes, não pisou nas praças !
Misera flôr, o habito das turbas
A teria queimado !...
Inda florescem, vêde, os jasmineiros,
Inda as rosas se embalam junto á choça
Onde na sombra a triste mãi chorosa
Soluça amargamente !

As trepadeiras curvam-se á janella,
Gemem no tecto os pombos amorosos,
Suspenso á porta na prisão gorgeia
O sabiá das serras.
Tudo isto ella adorava, e ella não vive!
E ella passou ligeira como a nevoa
Que o vento da manhã varre do outeiro,
E dissipa nos ares!
Tudo isto ella adorava! Ao sol poente,
Leda e risonha, coroada a fronte
De rubras maravilhas, leve, airosa,
Vinha regar as flôres;
E em meio erguida a barra do vestido,
Saltava como a corça, ora amparando
A hastea pendida de viçosa dahlia;
Outras vezes solicita
Bravias plantas arrancando em torno
Dos pequenos craveiros, ou tranquilla
Contemplando os botões que se entre-abriam
A' frescura da tarde.
E que sentidos cantos que cantava!
Que ingenuos versos! Que singelas rimas!
Tudo era amor, saudades, esperanças,
Ventura e mocidade!
Depois a seu chamado as aves meigas
Vinham em bando lhe brincar em torno,
Ora pousando nos bem feitos hombros,
Ora nas mãos mimosas,
Colhendo os alvos grãos que lhes guardava
Sua innocente amiga, ora escondendo
As cabecinhas languidas nas ondas
De seu basto cabello!
Pobres filhos do ar! Ella está morta!
Ella está morta, a virgem das montanhas!
Chorai, chorai, os genios de além-mundo
Levaram-a consigo!
Olhai! Seu rosto como é bello ainda!
Que suave expressão nos labios calmos!
Longe de amedrontar-se, ao ver a morte
Parece que sorrira!

Alli junto á palmeira está seu leito,
Sem adornos, sem pompa e sem grandeza ;
A virgem dormirá livre do fardo
De um marmore pesado,
A virgem dormirá sem o zumbido
De torpes vates, de oradores torpes ;
Poderá descansada ouvir os canticos
Dos anjos pelo espaço !
No silencio da noite as nuvens brancas
Desceram sobre a leiva consagrada ;
O orvalho das manhãs será tão doce
Como o pranto fraterno.
Feliz a virgem morta nas mantanhas !
No ermo despertou, dorme no ermo !
O halito empestado das cidades
Não maculou-lhe a vida !
Como a limpida gotta que dos ares
Cahe no seio da flôr e aos ares volta,
Sua alma pura em santa luz banhada
Volveu para o infinito.

O canto dos sabiás

Serão de mortos anjinhos
O cantar de errantes almas,
Dos coqueiraes florescentes
A brincar nas verdes palmas,
Estas notas maviosas
Que me fazem suspirar?

São os sabiás que cantam
Nas mangueiras do pomar.

Serão os genios da tarde
Que passam sobre as campinas,
Cingindo o collo de opalas
E a cabeça de neblinas,
E fogem, nas harpas de ouro
Mansamente a dedilhar?

São os sabiás que cantam...
Não vês o sol declinar?

Ou serão talvez as preces
De algum sonhador proscripto,
Que vagueia nos desertos,
Alma cheia do infinito,
Pedindo a Deus um consolo
Que o mundo não póde dar?

São os sabiás que cantam...
Como está sereno o mar!

Ou, quem sabe? as tristes sombras
De quanto amei n'este mundo,
Que se elevam lacrimosas
De seu tumulo profundo,
E vêm os psalmos da morte
No meu desterro entoar?

São os sabiás que cantam...
Não gostas de os escutar?

Serás tu, minha saudade?
Tu, meu thesouro de amor?
Tu que ás tormentas murchaste
Da mocidade na flôr?
Serás tu? Vem, sê bemvinda,
Quero-te ainda escutar!

São os sabiás que cantam
Antes da noite baixar.

Mas ah! delirio insensato!
Não és tu, sombra adorada!
Não são canticos de anjinhos,
Nem de phalange encantada,
Passando sobre as campinas
Nas harpas a dedilhar!

São os sabiás que cantam
Nas mangueiras do pomar!

(Obras completas.)

SYLVIO ROMÉRO

A Modinha

A festa fervia !... Que voltas ligeiras
Os corpos adestros lá davam subtis !...
Que risos, que galas, que fórmas faceiras
Das jovens matutas nos lindos perfis ! ...

Gemia a viola nos seus devaneios,
No ar se perdiam das cordas os sons ..
Nos olhos quebrados, nos tremulos seios
Que graças, que sustos, que mimos, que tons !...

Na dansa em vertigem, as frontes pendidas,
Aos meigos requebros, volvia-se um par ;
Dos threnos suaves, das notas sentidas
Nas almas cahia sereno orvalhar...

E os olhos fallavam de gozos celestes —
Brotados nos seios dos sonhos em flôr : —
Cochichos, carinhos... ruidos de vestes...
Mas lá do recato sentia-se o olor.

Que doces sonidos de passos sonoros,
Que bellas miragens revolvem-se então !...
Aos bons *desafios* dos peitos canoros
A dansa redobra no seu turbilhão...

Recresce o *bahiano ;* nos seus refervidos,
Em taes rodopios um céo se desfaz...
Um céo de desejos, de sons, de gemidos,
De sonhos, de scismas que a vida nos traz...

Cançadas as notas, estanque a loquéla,
Deixadas as dansas, o par se assentou :
« Agora a *modinha !...* » « Sim, vamos a ella !... »
« Quem canta, que chegue!... » « Se querem, eu vou! »

Disse um da festa : e, pondo os dedos trepidos
No violão que geme ao seu ardor,
Dá começo, ao depois que ledo o empalma,
« As bellas por quem minh'alma
Empallidece de amor !... »

E cresce o canto alegre, suavissimo
Como puras manhãs todas em flôr...
O ruido do mundo lá se acalma
« Nas bellas por quem minh'alma
Enpallidece de amor !... »

E das notas que vibra alli dulcissimas
Sonora a voz do lucido cantor,
Do bello e da saudade cabe a palma
« As bellas por quem minh'alma
Empallidece de amor !... »

São sonhos palpitantes, amenissimos,
Que ao peito nos immergem seu candor ;
Transparece do céo a vida calma
« Nas bellas por quem minh'alma
Empallidece de amor !... »

(Ultimos Harpejos.)

ANTONIO ALVES DE CARVALHAL

Lesbia

(FRAGMENTOS)

XII

Ai! Lesbia, eu tenho saudades
D'aquelles dias risonhos,
D'aquelles dourados sonhos
Tão doces de nosso amor!
Nós viviamos sorrindo
De amor, de luz, de poesia!
Nem uma nuvem sombria!
Nem um gemido de dor!
Ai! Lesbia, eu tenho saudades
Dos sonhos de nosso amor!

Perto de ti, cada instante
Via teu rosto encantado;
Tinha teu riso engraçado,
Bebia a luz d'esse olhar;
Teu olhar, fonte preciosa
De inspiração e ternura,
Onde tua alma tão pura
Vinha minha alma banhar.
Perto de ti, cada instante
Bebia a luz d'esse olhar!

Por ti passava e baixinho
Te murmurava em segredo;
Tu me fallavas com medo,
Que doces phrases, meu Deus!
E minha alma arrebatada,

No teu halito embebida,
Ia fervente de vida
Prender-se nos labios teus.
Tu me fallavas baixinho...
Que doces phrases, meu Deus!

A' noite, tarde, já tarde,
Inda sósinha á janella,
Tu me fitavas, mais bella
Que a lua nos céos azues!
Eu nem olhava as estrellas
Lá nos páramos infindos,
Porque tu nos olhos lindos
Tinhas mais raios de luz!
Eu e tu sonhando amores...
E a lua nos céos azues!...

Mas hoje já nem te vejo!
De meus olhos afastada,
Vives chorando, coitada!
Chamam crime teu amor!
Só eu sei de teu martyrio!
Quanta dor tua alma sente!
Bebes a morte, innocente,
Sem conhecer-lhe o amargor.
Ai! bella, de mim te roubam...
Chamam crime nosso amor!

Nada no mundo nos resta!
Das nossas crenças queridas
Restam as folhas cahidas
Que se dispersam no chão!
Embalde buscas dar vida
A's flôres murchas, criança!...
Ai! as rosas da esperança
Nunca mais vida terão!...
Ai! Lesbia, nada nos resta!
Só flôres murchas na chão!...

XVI

Donzella, a triste avesinha
Vae viver no tecto amigo ;
Eu sou perdida andorinha,
Vago errante nos espaços...
Morro de frio... em teus braços
Deixa encontrar doce abrigo.

Donzella, a planta pendida
Revive á gotta do orvalho ;
Eu sou o lirio sem vida,
Tu-do orvalho a gotta pura ;
Vem dar o viço e a frescura
A' flôr que pende no galho.

Donzella, a abelha amorosa
Vive do nectar da flôr ;
Eu sou a abelha, és a rosa ;
Deixa que em mystico enleio
A abeilha pouse em teu seio,
Quero viver d'este amor.

A mariposa contente
Busca a chamma que a seduz ;
Teu olhar é a chamma ardente.
Tu n'este fogo me abrazas ;
Deixa queimar minhas azas ;
Quero morrer n'esta luz.

(Lesbia.)

ELZEARIO PINTO

O Festim de Balthazar

Mané... Thecel... Pharés...

I

« Queimai perfumes, escravas!
Trazei-nos sandalo e flôres!
Vinho! Do vinho os vapores
Levem presagios crueis!
Por *Baal!* Senhores e donas,
Não morra o prazer da festa!
Por *Baal!* Por *Baal!* sôe a orchesta,
Tangei, tangei, menestréis! »

As luzes tremem nas salas,
Treme o ouro e a pedraria;
Das amphoras transborda a orgia
Como as espumas do mar:
— « Por *Baal!* Senhores e donas,
Repete a nobre assembléa,
Ao grande rei da *Chaldéa!*
Ao grande rei *Balthazar!*

Rompe a orchestra — e as concubinas,
Com os seios nús, palpitantes,
Entoam febris descantes,
Lasciva, ideal canção;
E em volta ao seu throno d'ouro
Nabonid, rei poderoso,
Sente alma a nadar no goso
Em que se afoga a razão...

E ferve, referve a orgia
Ao som da orchestra estridente!...
E a lua toca o occidente
Sobre a cidade immortal.
Talvez mande a peregrina,
Do monte *Ephrain* pendida,
Um raio por despedida
Do *Cedron* sobre o crystal.

II

Manda, sim, sobre ruinas
(Que ahi só resta um montão)
Mirando a gentil captiva,
Dilecta filha de *Abrahão* :
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da promissão!

« Terra, terra bemfadada,
Outr'ora — esposa de *Arão*,
Hoje ruinas dispersas,
Hoje o lucto e a escravidão :
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da promissão!

« Teus filhos gemem distantes,
Jámais aqui voltarão...
Murchai, gardenias do prado!
Chorai, divino *Jordão* :
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da promissão!

« Onde as endeixas saudosas
Dos cantores de *Sião* ?
Aves do céo, vossos carmes
Não solteis mais aqui, não :
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da promissão!

« Lyrio pendido no valle,
Varreu-te acaso o tufão?
Nem uma gotta de orvalho!
Isaac! David! Salomão!
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da promissão!

E pela encosta do monte
A tristesinha lá vai,
Mandando um ultimo pranto,
Um doce e sentido ai,
De um lado á immersa *Sodoma*,
Do outro ao monte *Sinai*.

III

E cresce, recresce a orgia
Nos salões de *Balthazar*,
Ondas de pura harmonia,
Ancias de impuro gosar.
— Emtanto a cidade dorme
Envolta no manto enorme
Da noite — somno fatal!
E aquelle peito gigante
Devora sede arquejante
De vicios — sede infernal!

Nas salas grato ruido,
Luzes, perfumes e amor;
Lá fóra estranho rugido,
Surdo — ao longe — e ameaçador.
No horisonte um fumo denso
Se eleva, bem como o incenso
Nas salas e a embriaguez...
Que importa ao rei o horisonte,
Se as flôres ornam-lhe a fronte,
Se o ambar corre-lhe aos pés?!

« Ao rei! ao rei pedoroso!
Ao reino que não tem fim!
Como o *Euphrates* caudaloso
Corra a onda do festim! »
— « Perdão : as taças, senhores.
Não podem, tão sem lavores,
A' festa de um rei convir;
Temos os vasos sagrados,
São soberbos, cinzelados
Do ouro fino de *Ophir*.

« Trazei-nos — » já vacillante
Diz o rei : « Viva o Senhor! »
E ruge o vento distante,
Como um gemido de dôr.
Entram luzidos criados
Trazendo os vasos sagrados
Do templo de *Salomão*...
— E ruge o vento mais forte,
Lançando vascas de morte
Pelos umbraes do salão.

« Transborde o nectar, amigos!
Eis os vasos de *Jehovah!*
Nesses lavores antigos,
Vê-se a captiva *Judá*. »
E cresce o estranho rugido,
Surdo, rouco, indefinido...
« São os soluços do *Iran!* »
E ruge, ruge mais perto...
« São os ventos do deserto
Sobre as areias de *Oman!* »

Nas caçoulas fumegantes
Arde o myrto e o aloés,
Ao som das notas vibrantes
Sobe, sobe a embriaguez.
— « Por *Baal!* Por *Baal!* pelos *Médos!*
Quebrem-se as harpas nos dedos,

Trema o tecto do salão! »
Horror! ao tinir das taças,
Nuncio de eternas desgraças,
Brame na sala um tufão.

« Depressa, luzes, depressa... »
Diz o rei : « longe o terror!
Mas não... » e o vaso arremessa,
Recúa tremulo... horror!
E' que, em meio á noite brusca,
Mão, que de brilhos offusca,
Toda a sala illuminou;
Cometa, a correr ardente,
Estranha cifra candente,
Pelas paredes traçou!

IV

« Meu collar de pedrarias
A'quelle que decifrar!
Venham magos e adivinhos,
Depressa, *Beltisasar*,
Elle, o mais sabio de todos,
Póde o mysterio explicar! »

E dorme a cidade lassa
Dos vicios na prostração,
E cresce, cresce o rugido
Qual resonar de um vulcão :
Ou é tremenda borrasca,
Ou é povo em multidão.

Entre os famosos convivas
Mais um conviva apparece,
As sandalias do proscripto
Traz — quem é que o não conhece?
Diante do rei, se inclina,
Do rei que ao vel-o estremece.

« Bemvindo sejas, captivo,
Daniel Beltisasar;
Se sabes ler no impossivel,
Tens alli, podes fallar :
Terás um manto de purpura,
Terás meu regio collar. »

De novo ante o rei se inclína
A cabeça do ancião,
Depois, elevando a fronte
Altiva, e estendendo a mão,
Busca achar da ignota cifra
A divina inspiração.

Nem do *Tibre* o velho roble,
Nem os cedros do occidente
A fronte mais alto elevam,
Mais nobre, mais imponente!
O genio é como as estrellas,
Beija os pés do Omnipotente.

« Rei! escuta a voz do *Eterno*,
Que por meus labios te falla :
O crime mais execrando
O teu reinado assignala :
Vê, revê tua sentença
Escripta em letras de opála.

« Não ouves bramir confuso
Como o arfar da tempestade?
São os *Persas* que se arrojam
Sobre os muros da cidade :
Perdeu-te a lascivia impura,
Rei! perdeu-te a impiedade.

« Profanaste os vasos santos
Nas torpezas de um festim,
Teus dias foram contados
Como os da bella *Séboin!*
Agora o brinde, senhores,
— Ao reino que não tem fim! »

V

Gesto grave, altivo, acerbo,
Assim falla o escravo hebreu,
Soletrando o ardente verbo,
Que mão de raio escreveu :
E depois, braços pendidos,
Olhos de chamma incendidos
Verberando a maldição,
Deixa a sala, onde se espalha,
Como trevosa mortalha,
O terror na escuridão.

E quando o raio primeiro
Do sol, singrando o horisonte,
Rompe o denso nevoeiro
Sobre o cabeço do monte,
Em vez da cidade altiva,
Vê — desgrenhada captiva,
A dissoluta *Babel*,
E além dos muros colossos,
D'aquelle povo os destroços,
E um homem só — Daniel !

PLINIO DE LIMA

Versos á Maria

Tu, que tens sempre nos labios
Essa ironia pungente
Como o silvo da serpente,
Como a ponta do punhal,
Me ensina a força, a coragem
De te arrancar da lembrança
E matar essa esperança
Que é meu tormento infernal.

Minha alma era um ermo escuro...
Das crenças por entre as flôres
Não vinha a ave dos amores
Cantar-me no coração.
Vi-te sorrindo, e adorei-te...
Minha alma — lyra inspirada —
Despertara apaixonada,
Ao toque dessa affeição.

Meu coração tinha fibras
Por tuas mãos só vibradas ;
Já por ti foram rasgadas
Num momento de desdem.
Que resta do affecto immenso
Que me juraste mentida ?
— Uma flôr secca e sem vida
Que não alenta ninguem.

Perdão... bem sei : foi loucura
Julgar-te minha, Maria !
Não podes tu, que és o dia,
Unir-te da noite ao véo.

Tu és um anjo que canta,
Eu, um louco que blasphema;
Cinge-te a fronte um diadema,
E a minha queima um labéo.

Uma tarde, as nuvens de oiro
Rolavam no firmamento...
Eu chorei! nesse momento
Tu eras toda rubor:
Minha mão tremula e ardente
Entre as tuas esquecida...
Minha bocca á tua unida...
E nós choramos... de amor.

Que sonhos por ti, creança!
Quanta chimera encantada
A phantasia arroubada
Vinha a meus olhos pintar!
E eu a teus pés derramando
Esse pranto abençoado,
Que o coração transportado
Sabe, sorrindo, chorar.

Menina — eu dava-te flôres,
Musa — o canto que inspiravas,
Moça — o amor que me alentavas,
Anjo — culto e adoração.
Eu prendia-te aos cabellos
As flôres da larangeira;
Tu me sorrias faceira
E me chamavas irmão.

Naquelles dias felizes
Quanto amoroso segredo
Contado, baixinho e a medo,
Ao mar, a Deus, a soídão!
Dessa existencia celeste...
Que me ficou? — a lembraça,
E o cadaver da esperança
Sepulto no coração.

Deixa que eu lembre : — minha alma
Nessa lembrança se apura ;
Deixa lembrar-me a ventura
Que o teu amor já me deu.
Desses poemas rasgados
Resta uma estancia perdida,
Que ainda falla da vida
Ao triste que já morreu.

Não te maldigo na angustia,
Do teu amor não blasphemo :
Só no silencio é que gemo,
Eu sei calar-me e soffrer !
Tenho no semblante a mascara
Que não te mostra o meu pranto ;
Vês em meus labios um canto,
Mas eu me sinto morrer.

Vive feliz : não te accuso,
Nem te peço o sacrificio...
Sei que é fundo o precipicio
Que se abre p'ra nos tragar !
Tem a desgraça prazeres
Que o coração comprehende ;
O incendio que o amor accende
Não póde o olvido apagar.

Sub Tegmine Fagi

(A MELLO MORAES FILHO)

Amigo! O campo é o ninho do poeta...
Deus falla, quando a turba está quieta,
A's campinas em flôr.
— Noivo — Elle espera que os convivas saiam..
E n'alcova, onde as lampadas desmaiam,
Então murmura — Amor!

Vem commigo scismar, risonho e grave...
A poesia — é uma luz... a alma — uma ave...
Querem trévas e ar.
A andorinha, que é a alma — pede o campo,
A poesia quer sombra... é o pyrilampo
P'ra voar... p'ra brilhar.

Meu Deus! Quanta belleza nessas trilhas...
Que perfume nas doces maravilhas,
Onde o vento gemeu!...
Que flôres d'ouro pelas veigas bellas!
Foi um anjo co'a mão cheia de estrellas
Que na terra as perdeu.

Aqui o ether puro se adelgaça...
Não sobe esta blasphemia de fumaça
Das cidades p'ra o céo.
E a terra é como o insecto friorento
Dentro da flôr azul do firmamento,
Cujo calix pendeu!...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas
Leva a concha dourada... e traz das plagas
Coraes em turbilhão,
A mente leva a prece a Deus — por perolas,
E traz, volvendo após das praias cerulas,
— Um brilhante — o perdão!

A alma fica melhor no descampado...
O pensamento indomito, arrojado
Galopa no sertão,
Qual nos steppes o corsel fogoso
Relincha e parte turbulento, estoso,
Solta a crina ao tufão.

Vem! Nós iremos na floresta densa,
Onde na arcada gothica e suspensa
Reza o vento feral.
Enorme sombra cahe da enorme rama...
E o *pagode* fantastico de Brahma
Ou velha cathedral.

Irei comtigo pelos ermos — lento,
Scismando, ao pôr do sol, n'um pensamento
Do nosso velho Hugo.
— Mestre do mundo! Sol da eternidade!...
Para ter por planeta a humanidade,
Deus n'um *cerro* o *fixou.*

Ao longe, na quebrada da collina,
Enlaça a trepadeira purpurina
O negro mangueiral...
Como no *Dante* a pallida *Francesca*,
Mostra o sorrizo rubro e a face fresca
Na estrophe sepulchral.

O povo das formosas Amaryllis
Embala-se nas balsas, como as Willis
Que o *Norte* imaginou.
O antro-falla... o ninho s'estremece...
A Dryade entre as folhas apparece...
Pan na flauta soprou!..

Mundo estranho e bizarro da chimera,
A fantasia desvairada gera
Um paganismo aqui.
Melhor eu comprehendo então Virgilio...
E vendo os Faunos lhe dansar no idylio,
Murmura crente : — Eu vi ! —

Quando penetro na floresta triste,
Qual pela ogiva gothica o anthiste
Que procura o Senhor ;
Como bebem as aves peregrinas
Nas amphoras de orvalho das boninas,
Eu bebo crença e amor !...

E á tarde, quado o sol — condor sangrento
No occidente se aninha somnolento,
Como a abelha na flôr...
E a luz da estrella tremula se irmana
Co' a fogueira nocturna da cabana,
Que accendêra o pastor ;

A lua — traz um raio para os mares...
A abelha-traz o mel... um threno aos lares
Traz a rola a carpir...
Tambem deixa o poeta a selva escura
E traz alguma estrophe, que fulgura,
P'ra legar ao porvir !...

Vem! Do mundo leremos o problema
Nas folhas da floresta ou do poema,
Nas trévas ou na luz...
Não vês ?... Do céo a cupula azulada,
Como uma taça sobre nós voltada,
Lança a poesia á flux !...

(Espumas Fluctuantes.)

O Bandolim da desgraça

Quando de amor a Americana douda
A moda tange na febril viola,
E a mão febrenta sobre a corda fina
Nervosa, ardente, sacudida rola,

A guzla geme, s'estorcendo em ancias,
Rompem gemidos do instrumento em pranto...
Choro indizivel... comprimir de peitos...
Queixas, soluços... desvairado canto!

E mais dorida a melodia arqueja!
E mais nervosa corre a mão nas cordas!...
Ai! tem piedade das crianças louras,
Que soluçando no instrumento acordas!...

— Ai! tem piedade dos meus seios tremulos. —
Diz estalando o bandolim queixoso.
E a mão palpita-lhe apertando as fibras...
E fere, e fere em dedilhar nervoso!...

Sobre o regaço da mulher trigueira
Douda, cruel, a execução delira!
Então — co'as unhas côr de rosa, a moça,
Quebrando as cordas, o instrumento atira!...

. . . . . .

Assim, desgraça, quando tu, maldicta,
As cordas d'alma delirante vibras,
Como os teus dedos espedaçam rijos
Uma por uma do infeliz as fibras!

— Basta — murmura esse instrumento vivo.
— Basta — murmura o coração rangendo.
E tu, no entanto, n'um rasgar de arterias,
Feres lasciva em dedilhar tremendo.

Crença, esperança, mocidade e gloria,
Aos teus harpejos — gemebundas morrem!
Resta uma corda... — a dos amores puros...
E mais ardentes os teus dedos correm!...

E quando farta a cortezã cansada
A pobre guzla no tapete atira,
Que resta?... — uma alma, que não tem mais vida,
Olhos sem pranto! desmontada lyra!

(A Cachoeira de Paulo Affonso.)

MELLO MORAES FILHO

Ponte de lianas

Eis a floresta, o valle, o ermo agreste,
Em que as aves do céo passam cantando!
O rio que de estrellas se reveste
A' limpidez da noite murmurando;
A balsa plena desse odor celeste,
Qual incenso que a Deus sobe voando;
Em que nas sestas, ao páo d'arco-louro,
Canta a cigarra d'esmeralda e ouro.

Além se eleva, á fonte debruçada,
A triste piassaba em seu deserto,
Como a viuva á terra abençoada,
A' terra santa de um sepulchro aberto.
Talvez, oh sim! — quem sabe? — a malfadada
Pergunte ao echo pelo ar desperto:
— Que é da tribu que vinha aqui, responde!
E o echo repercute: aonde...? aonde...?

Eterna solidão pende dos braços
Do silencio do ermo e da campina;
Ebria de orvalho e brisas dos espaços,
Dobra a corolla a flôr adamantina;
E do vargedo aos humidos regaços,
Ao capinzal tostado que se inclina,
Junto d'um lago que desfaz-se em risos
Se escuta a cascavel soar seus guizos.

Nos grossos arvoredos seculares
Enroscam-se as lianas rescendentes:
Umas, lá trepam, vão topar com os ares,
Cahindo em chuva dos ramaes pendentes;

Outras, descendo a rocha, a novos lares
Os tectos verdes forram, quaes serpentes;
Enreda a sicopira, alastra a fresta
O polvo de lianas da floresta.

Tomando de um cipó que desamarra,
Se atira n'agua a india forasteira,
E á outra banda do riacho amarra
A corda ao tronco que lhe fica á beira;
E suspensa á liana em que se agarra,
Levando a ponta á que ficou fronteira,
Enlaça — e tem por premio a seus labores
Caminhar n'uma ponte aberta em flôres.

Suave curva aerea e caprichosa
Ella descreve em lyricos festejos;
Paira-lhe n'agua a sombra perfumosa
Que os vagalumes crivam de lampejos.
E sob um céo azul, ether de rosa,
Da natureza aos barbaros arpejos,
Passa o caboclo tardo e sem conforto
A' taba conduzindo o tapir morto.

(Cantos do Equador.)

A Morte do Sol

(LENDA DO GUANUMBY)

I

Craneo de fogo — o Sol — n'arcada côr de bronze
Das nuvens do poente, a morredoura chamma
Fantastico tremúla : assim d'um templo gothico
D'eterno candieiro a avermelhada flamma.

O céo, o ermo, a terra, e a floresta, os bosques,
— Lanterna em mãos de sec'lo, em luz infinda alaga;
E quasi a se apagar, lampejos fulgurantes
Despede e se retrahe, qual vaga após a vaga.

Qual beduino grupo, as encelladas rochas
Da cordilheira excelsa, em funebre attitude,
Esperam que o Sol morra... e os seios de granito
Lhe abrem, se afastando, ao peso do atáude.

Um pallio erguido ao céo de franjas de azinhavre
Avista-se encostado ao horizonte escuro ;
Convivas do trespasso, as vagarosas ilhas
Desdobram sobre a fronte o ethereo azul mais puro.

De Siva é um *pagode* a natureza augusta ;
Furnas de treva e opála as nuvens do arrebol ;
E afulvando a espadua ás gigantescas sombras,
Como o Christo a morrer — vae descambando o Sol...

II

Nas penumbras transparentes
Triste, triste e sem conforto,
Na rêde a cabocla brava
Embala o filhinho morto.

E cai-lhe o pranto na face
Listrada, bronzea, trigueira;
Do mar de angustias profundo
E' elle a perla primeira.

Os insectos mordedores
Com a verde rama afugenta;
E as flôres do valle espiam
A noite que desce lenta.

E canta um canto selvagem,
Canto bem tosco, infeliz,
Na crença das suas crenças,
Na lingua do seu paiz.

— O *guanumby*, que vôa e que revôa
Nas flôres do anajá,
Não veiu aqui pousar, — e por tres vezes
O sol já veiu, já!

O *guanumby*... que chupa a alma do infante
Que o corpo sem calor
Deixou — e foi dormir entre os perfumes
Na mais vizinha flôr.

O' brisas, que passais nessas montanhas,
Na montanha parai;
Emquanto eu vélo, ó échos dessas terras,
Passai longe, passai!

Ao filho do guerreiro um genio alado
Colheu no seu caminho :
Assim do gavião na garra acorda
Da selva o passarinho.

Raios do Sol, luares côr das aguas
Que ás aguas scintillais,
A leve tumba de douradas plumas
Que teceram seus paes,

Vinde encantar — suspensa aos arvoredos,
Onde a ave seduz,
Tornando as pennas do macio berço
Em grinalda de luz.

O *guanumby*, que vôa e que revôa
Nas flôres do anajá,
Virá chupar-lhe a alma antes da noite
E leval-a a Tupá

III

Longo caixão de chumbo, as alvacentas brumas,
Das serras no cabeço, enchendo o espaço informe,
Depôem, ao psalmo funebre do oceano esplendido,
Que escorre, se espojando, a espumea crina enorme.

. . . . . .

O'magica belleza!... O' meus maternos climas!...
Nautas—os montes nús—alçando o esquife aos ares,
Como o finado a bordo, aos fogaréos do occaso
Dão por sepulchro ao Sol o penetral dos mares !...

(Cantos do Equador.)

SEGUNDA PARTE

SCIENTISTAS

SYLVIO ROMÉRO

A Alma

Aqui da fronte é que desponta a aurora,
Aqui do peito só que o amor se exhala;
Grega sublime, Psyché formosa,
N'um sonho doce quem te ouvira a falla,
O riso meigo, o harmonioso anceio
Dos teus enlevos!... Nas madeixas tuas
Ah! quem pousara de um suspiro, ao menos,
O tenue mimo... nas espaduas núas!

Mas, sonhadora, que altivez é essa?
Deixando os labios, vais beijar as flôres?
Dá que o teu seio deslumbrante e meigo
Nos mostre a vida dentro em seus fervores,
O vento fresco das manhãs saudosas,
O azul da vaga, que desperta agora,
Todo o susurro, que os jasmins ondeam,
Por tuas graças é que tudo adora.

Oh! bella imagem das ternuras brandas,
O teu perfume pelo céo foi feito,
Tu, que acordaste de uma scisma aos frocos
Envolta, e núa do sidereo leito.
Lindo o teu corpo, que as paixões desfolhas
Já de cançadas de te ver ausente,
Dize — nas dobras de teu seio — occulta
Tambem uma alma não palpita e sente?...

Como que a vida se evapora em risos,
Lá no sacrario dessa noiva santa!
As nuvens louras dos cabellos soltos,
Rosada a bocca, que as manhãs encanta,

Inda mais bella si ás estrellas falla,
Não... não e tudo... mas o puro espanto
Dos seus olhares, que reflectem mudos
A gloria e a sorte em divinal quebranto ? !

Sim, ver-lhe o corpo, na expressão de um sonho,
Tingida a neve pela côr das rosas,
Tão transparente, que a sua alma em extase
Mostra-se toda nas feições mimosas ;
Ver como um susto lhe descóra a face,
Como um anhelo lhe entumece o seio,
E' ter a fronte sepultada em brilhos
Longe os mysterios desvendando a meio. —

Sentir-lhe a vida perfumosa, em ondas
Rolando cheia, borbulhando em flôres,
E sob o collo lhe ver a alma aberta
Em seus effluvios, lá nos seus fulgores,
Bello espectaculo ! E como todo o riso
São devaneios, são caprichos vagos,
Como os desejos os ondulamentos
De alguma idéa que suspira affagos !...

O céo brilhante dessa plaga hellenica
Sopra a bafagem perfumosa e amena,
E lá dos astros desce o encanto fulgido,
A paz, a calma, a mansidão serena.
E com os enleios de sereia languida,
E com os arroubos de bacchante louca,
Todos os sonhos, palpitantes, tumidos,
Abrem as azas... A amplidão é pouca !

E' da alma a empreza. Que expansões suaves !
Assim Homéro devassara a sorte.
Platão entrava na sortida, ás vezes,
Trazendo sempre mais um raio forte.
Aqui da America na agitada arena
Cada um suspiro traz um céo no fundo,
A cada ideia não sacia um astro,
Que nós sentimos vacillar o mundo.

Sim, nós provamos que o tufão que passa
Traz-nos de longe alguma nova infinda,
Que a flôr aberta á madrugada amavel
Sabe um segredo que não disse ainda.
Voai, desejos! aquecei-vos todos
A' luz sagrada deste sol que brilha,
Mas que parece que tamben procura
D'outras grandezas a sonhada trilha.

(Cantos do fim do Seculo.)

JOSÉ IZIDORO MARTINS JUNIOR

Synthese Scientifica

Seculo dezenove! O bronze do teu vulto
Ha de ser venerado, ha de se impor ao culto
Dos posteros, bem como impõe-se á escuridão
Um relampago, um raio, um brilho, uma explosão!

Has de ser endeusado, athleta! Has de servir
De exemplo, de phanal aos povos do porvir,
Como a estrella polar serve de rumo ás náos,
Como serve a miseria em seus esgares máos

De guia para o crime! O' seculo do labor!
As tuas creações, teus tunneis, teu vapor,
Tuas forjas, teu ar, tua electricidade,
Tua philosophia e tua heroicidade,

Tudo isso ha de formar por cima do futuro
Um pallio radiante, enorme, azul e puro,
Sobre o qual, sem o ver, eu sinto desde agora
Que hão de ir em procissão bellos como uma aurora

Todos os cidadãos deste paiz — a Sciencia;
Todo filho da luz ou toda consciencia
Lavada pelo amor — o grande agente altruista!

O' seculo immortal, ó seculo em que a conquista,
A guerra, as religiões e as velhas monarchias
Têm tombado no chão nojentas como harpias,

Tristes como o deserto! Eu curvo-me ante ti
E ponho o joelho em terra afim de orar daqui
Ao teu busto ideal, titanico, estrellado!...

No alto da nossa idade eu vejo desfraldado
Um panno colossal, vibrante aos quatro ventos
Das novas intuições, dos novos pensamentos.

E', o eterno estandarte enorme do saber,
De cujas dobras sahe o roseo amanhecer
Do dia da Justiça!
Ahi, sobre esses cimos
Onde a luz ri-se ao ar como a criança aos mimos,
Acampam-se do estudo os rijos batalhões.

Os soldados viris que têm por munições
De guerra os bisturis, as lentes, os compendios,
A analyse e a razão, e queimam-se aos incendios
Do desejo de lêr, de abrir, de observar
Tudo o que ha, desde a flôr, o seixo, o nenuphar,
Até a lei fatal da luta pela vida;
Os voluntarios da alma, os homens bons da lida
Do futuro, — ahi'stão, lá tem os seus quarteis,
Seus craneos geniaes, seus livros, seus farneis!...

Sim. No dorso do sec'lo eleva-se a montanha
Alterosa, idéal, fascinadora, estranha,
Das victorias de luz que a Sciencia nos seus pleitos
Tem até hoje ganho...
Habitam nella os peitos
Dos sabios, dos heróes, dos magos do presente,
E é ahi que se guarda a polvora estridente,
Com que se faz voar a petrea cordilheira
Do erro, pelo ar, como uma fina poeira!

. . . . . .

Attentemos portanto alli, naquelles cumes
Onde estão faiscando os scintillantes lumes
De uma accumulação de humanas nebulosas.
Fitemol-os com força. Eu vou bem como as rosas
Abrir, para os saudar, a corolla odorifera
D'uma canção de crente, harmonica, lucifera!

Mas antes...
Olha tu, homem moderno, escuta :
— Eu vejo te pesar uma cegueira bruta
Sobre o corpo, sobre'alma. Um sujo calabouço
Odioso como um crime, ignobil como um osso,
Desses que andam ahi roidos no monturo
Pelos cães sensuaes ; um calabouço escuro,
Ferreo, caliginoso, inquisitorio, immundo,
Eis o que me parece o abominavel mundo
Em que te vejo triste, aniquilado, exhausto !
A meus olhos estás descrente como Fausto
Sem teres entretanto aprofundado o céo
Como elle o fez primeiro, e levantando o véo
De toda cousa estranha, occulta, mysteriosa.
Não sabes como eu choro a vida tormentosa,
A turbida existencia hedionda que tu levas !
Imagino ao te ver que moras n'umas trevas
Feitas da meia-noite escura da ignorancia
E da lama do erro ! Estás como na infancia
Apezar de já seres velho desde muito.

. . . . . .

E' que nunca lançaste ao menos um fortuito
Olhar ao novo deus, á nova providencia,
A quem a nossa idade appellidou de Sciencia !
E' que tu nunca olhaste as purpuras risonhas
Do Ideal do teu tempo ; é que ainda tu sonhas
Com o velho mundo, emquanto o mundo novo canta
Em roda do teu lar o hymno que levanta
As almas á região das grandes utopias
Louras como o verão nos seus sonoros dias !...

Tu, meu pobre burguez, deixaste-te ficar
Com a tua intelligencia ao pé do limiar
Dantesco e monachal da turva idade média.
Não quizeste applaudir a rispida comedia
Do rir voltairiano enorme e dissolvente ;
Não soubeste julgar a força omnipotente
Da vasta encyclopédia e mais de oitenta e nove ;
Continuaste a crer em Pedro, em Christo, em Jove,

Nos reis, no imperador, nos prades e no inferno,
E emfim não penetraste o portico moderno
Do seculo dezenove — a cathedral de idéa!

Dahi — esse teu ar, a catadura feia
Que eu noto agora em ti!...
Entretanto é preciso
Que tu fites além o luminoso viso
Dos montes da Verdade e do saber humano.
Has mistér de fugir do ergastulo tyranno
Chamado indifferença á que tens sido preso
E has mistér de deixar por uma vez o veso
Do passado e da fé religiosa, velha,
Que só te deixa ver a creação de esguelha!
. . . . . .
. . . . . .
Para isso é bastante esse pequeno esforço:

— Olhar para os clarões que o sec'lo tem no dorso!

O seculo tem no dorso o estado positivo

Esse estado, essa phase é como um largo crivo
Feito pela razão na consciencia humana,
Por onde agora jorra a onda soberana
Da verdade moderna.
O espirito do homem
Cançado de buscar nas brumas que se somem
A razão do seu ser e mais da natureza,
Cançado de trilhar a intermina deveza
Das hypotheses vãs, dos sonhos das chimeras,
Voluveis como o mar, franzinas como as heras,
Parou junto a esse marco erguido em seu caminho
Como um viajante pára em frente de um moinho.

Marco fecundo! Então, desde esse mesmo instante,
Elle poz-se a cavar com força triumphante
O solo do Real. Ficaram para traz
Os mysterios, o vago, as phantasias más

Que tanto haviam já desfigurado a Sciencia,
E hasteou-se a bandeira, emfim, da Experiencia
Sobre a ferrea muralha impavida do estudo!

Agora essa bandeira é que domina tudo.

Nos paços da Sciencia onde antes se sonhara,
O sabio de hoje pensa, observa, lê, compara
A materia no seus phenomenos gigantes,
Descobre-lhes as leis severas e constantes,
E afinal a poder de genio e de trabalho
Extrahe dessa jazida o rutilo cascalho
Onde está encerrado o brilhante formoso
Da verdade immortal, do Facto luminoso!

Foi de França que ergueu-se a aurora desse estado.

Augusto Comte foi o sol esbraseado
Dessa immensa manhã, dessa alvorada immensa
De que o mundo fez logo a sua nova crença.
Havia tempos já que a humanidade ouvira
(E' certo), como se ouvem as queixas d'uma lyra
Vibrando n'amplidão por uma noite antiga,
A voz de Galileu commovedora, amiga,
Unida ás de Descarte e Bacon e de Harvey,
Dizendo-lhe se estar forjando a grande lei
Da idade positiva hodierna...
Mas só Comte
Poude, estoico, escalar o alevantado monte
No pincaro do qual via-se a neve branca
Da nova concepção do mundo, recta e franca!
Deixando em baixo Kant, Simon, Burdin, Turgot,
Newton e Condorcet, e Leibnitz, — voou
Elle para as alturas magicas da gloria,
Após ter arrancado ao pelago da Historia
A vasta concha azul da Sciencia social!

Ah! Como eu sorvo a luz que vem desse phanal,

Como eu amo o clarão que vem dessa conquista!...

COSTA SENNA

Natura Mater

(FRAGMENTO)

Natureza infinita, mãi dos seres!
Quem póde contemplar-te sem vertigem,
Sempre a mesma, immutavel, magestosa,
Nos sóes do firmamento e além ainda,
Ou no atomo subtil, que não se apalpa!
Eras a mesma, que eu contemplo agora,
Na infancia da terra. — Então soberba
Te miravas nos fetus gigantescos,
Nos medonhos lagartos do oceano,
Nas aves monstros, no mamouth colosso:
Como hoje, na 'sculptura deslumbrante
Da filha da Circassia, na plumagem
Furta-côres das aves brasileiras,
Nas plantas odorosas do Oriente!...

Que cabeça mortal te abrangeria
P'ra ler em tua essencia, que se espraia
Pelo espaço sem termos, insondavel!
Vê-se a tua belleza sempiterna
No arrebol da manhã, na flôr do campo:
A tua sempre viçosa juventude,
Nas faces pudibundas da donzella,
No esquecido infusorio. — Da borrasca
Nos sombrios bulcões, lê-se o teu nome
Do fogo em caprichosos hieroglyphos;
Tua força se presente, quando abalas
Da terra os alicerces, quando arrojas
Para longe da praia os oceanos,
E, do cimo fendido das montanhas,
Choves em lavas — mineraes candentes,
E rochas a teu sopro derretidas!...

Oh! quem póde pensar sem ter vertigens,
Que do mesmo crisol, em que se funde
O granito, a platina, o ouro, o quartzo
E o rebelde carbono crystallisa,
Sahe tambem das flôres leve pollen
E a aza multicor da borboleta!
Que fazes rebehtar da vida o leite
Dos peitos da mulher, e a morte escondes
No leite, que as enphorbias alimenta!...

Vida e morte!... — Palavras sem sentido,
Que em teu seio sombrio se confundem,
E se estreitam n'um laço indissoluvel.
— Condição necessaria uma da outra —
O alento, que infundes no ser vivo,
As molas da materia cedo estraga,
E se perde de novo em sua essencia;
Emquanto que o cadaver, — o envolvente
De teu halito vital, vai de mansinho
Perfumes rescender nas açucenas,
Volitar n'um insecto sobre o lago,
Nas retortas do sabio s'inflammar!...
Do cerebro soberbo do monarcha
Fazes ossos ao rude proletario,
E dos musc'los do açor a mansa rôla!
Rainha inexoravel, que só queres
Ostentar tua essencia immoredoura
Na escala infinita da existencia!...

Como eu me sinto grande, quando penso,
Mundos perdidos na amplidão do espaço,
Seres todos da terra, que no seio
Da augusta natureza nos fundimos
N'uma estreita unidade! — Quando penso
Que são raios do sol, que se transformam

No manso compassado movimento
Deste musc'lo, que pulsa sem descanso,
Noite e dia em meu peito! Quando penso

Que são as selvas do Hindostão e da Africa
Que extrahem para mim o gaz da vida,
Desse ar pesado, que ennegrece o sangue,
Mas que lhe dá á seiva alento novo!

Não me escutas, bem sei. — Inexoravel —
Morte, vida, prazer e desventura
São iguaes a teus olhos! — Mas não posso
Reter o canto ardente, que expontaneo
Me rebenta do peito acceso em febre.
Quando, tuas grandezas contemplando,
Me extasio esquecido de mim mesmo,
Natureza infinita, mãe dos seres!...

JOSÉ EDUARDO TEIXEIRA DE SOUZA

Os Dois Amphitheatros

. . . . . .
. . . . . .

Eil-a a enorme ellipse em marmore talhada!
Abobada de pé, arcada sobre arcada,
A mil symbolos d'ouro, emblemas e floreios
Em torno á columnata, a descreverem veios
Artisticos, subtis ionios, corynthios, doricos,
E em cada capitel poemas allegoricos,
Onde ainda se vê, trazendo rico espolio
De mais uma conquista ao alto Capitolio,
Se debuxar, a par do mytho olympiano,
O carro triumphal do imperador romano.
Aqui está de Marte o carrancudo busto,
Alli a fronte esbelta e bacchica de Augusto.
Abala o amphitheatro a turba em vozeria:
« Ave, Cezar! » — E o rei na excelsa galeria,
Como o cão que foreja inanimada caça,
Sorri-se prazenteiro a toda populaça.
Dá signal o pretor, e das jaulas na arena
Atira-se um leão á frente de uma hyena.
Medem-se n'um momento os rudes combatentes,
As caudas ferem o ar, rosnam por entre os dentes;
E como se um tufão roncasse nas collinas,
Lança nuvens de pó o sôpro das narinas.
Arremettem de encontro os feros animaes;
Choçam-se a lacerar aquelles dous rivaes,
E attonitos, de pé, estacam de repente
Co'a celeuma que se ergue festival; fremente
Da plebe que os receia, applaude e surprehende.
Por todo o circo, então felino olhar se estende.

Olhar que em cada uma esplendida pupilla,
D'envolta com o desprezo, a colera fuzila!
O sangue lhe rebenta em jorros das mandibulas
Que batem-se a ranger sem descansar estridulas!
E trava-se de novo a interrompida luta!
As fauces o leão a escancarar, ja nuta!
Mas volta-se de um salto, a redobrar de esforço,
E no contrario flanco e no contrario dorso
Crava de uma só vez as aguçadas garras.
Do povo o borborinho estronda em algazarras
Que ao barbaro duello os animaes açulam!
As feras rebramindo ennoveladas pulam;
Rolam ambas por terra e ambas de pé logo
Ensaiam novo ardil n'aquelle feroz jogo:
Até que um uivo surdo, extremo, vacillante,
Mostra a victima exsangue, inerme, agonisante,
Cahir no ultimo arranco, os musculos desfeitos,
Inerte o coração nos descarnados peitos!
Era um lago de sangue, a revolvida arena
E o vencedor leão rugia pela scena!
Um moço gladiador e principe que era
Ao circo se arremessa e desafia a féra.
Ao ver que luta nova estava a ser travada
Expande-se em delirio a turba enthusiasmada.
O joven soberano, o cortezão mendigo,
Que esmola uma corôa ao Cezar, seu amigo,
Arrosta do animal a rabida ameaça:
Explora lisongeiro a cobiçada graça,
E ao protector monarcha o seu valor attesta.
— Era mostrar-se o sol no céo daquella festa!
Como que adormecendo á gloria indifferente,
Ou a pensar talvez na sorte inconsequente,
O intrepido animal fôra deitar-se ao fundo,
O altivo imperador ostenta-se jocundo!
« Elle recusa o repto! » exclama a turba louca.
Anima-se o mancebo, avança até a bocca
Do vencedor feroz e o gladio seu embebe
Na espessa e crespa juba em que veloz recebe
O rapido leão o golpe sem effeito;
O prelio ia ferir-se a peito contra peito!

Dupla animalidade em um só corpo finge
Aquelle grupo em terra a semelhar esphinge!
Acaso as forças d'alma, as forças da materia,
Do espirito o sentir, o circular da arteria
Não pleiteam tambem contenda tão renhida
No ergastulo fatal do que se chama a vida?
Lutar para viver — não é esta a divisa
Que a natureza em tudo eterna symbolisa?
D'um lado a intelligencia e d'outro lado o instincto,
Quem o laurel teria em rubro sangue tinto?
De Lacoonte a furia se estorcendo em dores
Parecia o arfar dos dois batalhadores!
Jupiter o sustem! condul-o alguma Déa
Qual Hercules outr'ora aos bosques de Neméa!
Attenta á cruel pugna a multidão murmura.
A praz-se inda o leão e o prelio, então, perdura
Indeciso, tremendo, incrivel e assombroso!
Mas como sempre vem o enjôo apoz o gozo,
Aquelle que mais força e armas tem consigo
Estreitamente aperta o peito do inimigo,
Os ossos seus esmaga, as carnes dilacera...
Assim inda esta vez ganhava o pleito a féra:
A juba a sacudir que sangue e pó espalha,
Domina o animal o campo da batalha;
Rodeia então a presa e ironico a anima;
Fareja a regia fronte e assenta a pata em cima.
Applauso sobre applauso, em frenesi resôa!
Ribomba pelo circo, estronda, além echôa!
O Cezar de sua festa enthusiasmado, ufano,
Decreta ao vencedor o titulo de romano.

(A Idéa.)

AUGUSTO DE LIMA

O Reino Mineral

Guiado pela luz tremula de uma tocha,
Desci a uma caverna e interroguei á rocha :
« Muda, esteril jazida, onde sómente medra
A hera mesquinha, foste, ó pedra, sempre pedra ?
Suffocada em carbono, em cyclos sem limite,
Choraste sempre assim prantos de stalactite ?
Não sentiste da lua o languido desmaio ?
Nunca o sol te enviou um glorioso raio ?
O ar livre, embalsamado em effuvios suaves,
O ar livre, alma da flôr, o ar livre, alma das aves,
Não poude penetrar jámais teu duro seio ?
A vida mysteriosa alguma vez não veio
Uma flôr, uma planta, uma raiz trazer-te,
Avigorando assim tua existencia inerte ?
O' pedra, sempre foste o Prometheu captivo
Da inacção, sem gosar do protoplasma vivo ? »

Mas, ao baço clarão da tocha, extincta quasi,
Estremeceu, por fim, a pedra em sua base,
E tudo começou a resurgir da morte,
Ao clarão de uma luz interior mais forte.
Um blóco de granito entumecido augmenta
E de accêsa esmeralda em arvores rebenta.
Um seixo abre-se em flôr, outro enrubece em fructo
E basta floração sáe do rochedo bruto.
E' o reino vegetal em sua plenitude,
Na robusta explosão da seiva e da saúde.

Alarga-se o horizonte, e onde quer que se estenda
A vista, um novo mundo immenso se desvenda

De arvores, de animaes, de passaros, de insectos
E de seres, emfim, de multiplos aspectos.
Monumentos, Babeis, populosas cidades,
Esquecidas no pó das pristinas edades,
Como num cosmorama ao resoar da orchesta,
Resurgem ante mim do seio da floresta!

E num desdobramento enorme, rediviva,
Eu vi desabrochar a vida primitiva.
Mas o sol apagou-se, e o archote estava extincto.
Mal pude abandonar o escuro labyrintho,
Ouvindo atraz de mim, com accento tremendo,
Uma voz do interior, que vinha me dizendo :
« Formas, viveis, morreis : sómente eu sou eterna. »

Foi assim que fallou a rocha da caverna.

Paradoxo

A' fumaça ligeira se costuma
Comparar o que é vão e fugitivo,
E não ha fogo que se não presuma
Substancioso, duradouro e vivo.

« Labareda da fé », é o velho estylo,
« Chamma sagrada, fogo do talento »,
Emquanto é fumo e é nada tudo aquillo
Que é leve e acaba em rapido momento.

Que preconceito! Extincta a chamma escassa
No obscuro combustivel, que a prendera,
Ainda sobe a tremula fumaça
Na curva azul da illimitada esphera.

E quanto menos densa, mais se espraia
Em transparencia, em extensão fecunda;
Ascende, subtilisa-se e desmaia
No vásto espaço que a amplidão circumda.

Vae-se — não se aniquilla : como d'antes,
O mesmo fumo permanence illéso,
Seus invisiveis atomos errantes
Gravitam sobre corpos de mais péso.

E elle — nuvem levissima e modesta —
Subsiste eternamente, erra e fluctua.
Quanto á chamma orgulhosa, ella só resta
Na lembrança que o fumo perpetúa.

(Symbolos.)

J. MARIANO DE OLIVEIRA

Hino a Mulher

Vergine madre, figlia del tuo figlio...
Trè cari nomi ha in te raccolti,
Sposa, Madre e Figliuola.

Virgem, si o culto humano
Tanto tempo foi cego, e sem nobreza
Deu-se para seu dano
Mesmo ás paixões, sem a menor firmeza ;
Si as primeiras idades ignorantes,
Por falta então de uma melhor ternura,
Erguião todo o amor de uma alma pura
Para deuzes distantes :
O coração, de amar não satisfeito,
Hoje atento ao reclamo deliciozo
De um amor mais perfeito ;
Atento á voz dos intimos conselhos,
Põe-te sobre o altar religiozo,
Adora-te de joelhos.

Bem viu o belo tempo medievo
O cruzado valente
Teu santo e nobre culto reverente
Anunciar com fervorozo enlevo.
— Cavaleiro da espada, a ardente chama
Que o a entava na paz ou no perigo
Era sempre a sua dama...
Nele tinhas escravo e um terno amigo ;
Era ele que assim substituia,
Ante o altar da amante que ideara,
A tua adoração piedoza e cara
A uma fé que morria.

Era ele que enchia nesse instante
O Occidente romano transformado,
De teu culto de amor mais elevado
Que de um Deus que se achava agonisante.
Tempo segrado e piedozo aquele
Que a mente agradecida já não esquece,
Em que ao ser mais imbele
Principiava-se a invocar na prece !...
E' que se via que a maior grandeza
Não está na fortaleza
De um braço armado, poderoso e rude ;
Presentia- se então a Humanidade :
Em vez da guerra, a fraternal piedade,
Em vez do odio, a angelica virtude.

Virgem, a alma grosseira
Do homem te admira e te respeita...
Tu és tão precioza e tão perfeita
Que ele hoje sente que a te amar não basta
A sua vida inteira ;
E tua natureza é tão excellente
E tão modificavel,
Que ora tu pódes, sendo pura e casta,
Fecundar-te sozinha finalmente...
O' milagre de amor incomparavel,
Poder moral tão grande e prodigiozo
E de tão altos brilhos,
Que, filhos de teu ventre admiravel,
O' Mãe, seremos para um santo gozo
Ainda mais teus filhos.

Ah ! quanto deve a Especie alevantar-se
Quando o intenso amor indefinivel,
Movendo-se em tua alma incorruptivel,
Teu ser da rude condição antiga
Em breve libertar-se !...
Maior então na graça, na pureza
Que em tua alma se abriga,

Te mostrarás tão bela á Humanidade,
Que terás com surpreza
Realisado o idéal que se escolhera
E os corações ocidentais enchera
Na medieva idade.

Então, a tanto amor, os vis ciumes
Das classes serão findos de improviso ;
Terminarão as lutas e os queixumes,
E uma casta sem ter progenitores,
Para a ação e o conselho soberanos,
Dará o chefe precioso.
Então sómente a teu amor confiada
A humana prole, os corações humanos
Tornar-se-ão melhores.
A Especie ver-se-á ainda alevantada.
Será teu seio como um cofre puro
Onde, doce reliquia improfanada,
Protegerão os maternais ardores
O germen do futuro.

Do egoismo humano as suggestões dominas,
E, ó santa e milagroza maravilha !
Ao mesmo tempo esposa, madre e filha,
Brandos pensares de alto amor subido
A' mente nos ensinas.
Sem mais fraqueza de paixões terrenas,
Nosso passo já piza conduzido
Por teu amor apenas.
Por nosso bem piedoza te disvelas,
E ao coração mais rude e impenitente
Tu falas, tu revelas
Que de real no mundo ha amor sómente.

Virgem, quanta emoção, quantas venturas
Teu doce olhar desperta !
Que fôra das humanas creaturas
Si de teu santo amor que nos aclara
Fosse a Terra deserta ?
Rude egoismo então nos separara,

Enchera o tedio as horas da existencia,
E na mortal dolencia
Cada um de nós por fim desesperara!
O' moce, ó pura, ó santa Providencia,
O' terno efluvio e cara luz divina
Que humildes veneramos,
Só teu amor nossas paixões domina,
Só de te amar jámais nos fatigamos,

Que harmoniosos canticos sublimes
A Terra hoje te entoa de louvores!
Tudo por ti resveste-se de luzes,
E onde teu pé maravilhoso imprimes,
Dezabrochão as flôres!
Entre beijos e olor tu nos conduzes...
Mal sahimos do berço, carinhosa,
De amor e graças plena,
Nos dás a mão piedoza.
No caminho do bem sorrindo incitas
Aquelle negligente a quem retarda
Alguma inutil pena;
E tuas azas sobre nós agitas
Como um anjo da guarda.

De santo olor suavissimo recendes;
O nardo fresco te embalsama a face;
De luz, de clara luz sagrada esplendes,
De luz limpida e eterna
E não de luz fugace.
E' assim que os corações teu amor governa:
E' assim que os dons a tua mão derrama;
E' não poupando as divinais caricias
Que redimir os corações emprehendes...
O' deusa tutelar
Por quem nossa alma timida se inflama.
Da vida humana as unicas delicias
Achamos todas no teu santo olhar.

Cheio de amor o Sacro-santo Nume,
No Grande-Meio um dia se movendo,
Escolheu para si as fórmas suaves
Que as mais sublimes graças envolvendo
Teu belo ser resume.
Que outras feições mais candidas e graves
Pudera achar esse Fator divino
Para, encantando nosso olhar indino,
Encher nossa alma como um santo lume ?...
Que idéal mais correto
O Organismo Supremo revestira
Que tão intimamente seduzira
Nosso estremado afeto ?

Jámais, jamáis os canticos do homen
Poderão te louvar quanto mereces...
Ante o minimo bem que lhe ofereces,
As mais subidas e altas homenagens
Humilhadas se somem...
Jámais, jámais as nossas vassalagens
Poderão te pagar neste exercicio
De agradecidas preces
O teu menor e fraco beneficio.
O' quanto és bela e sublimada em tudo !
Como para alcançar os teus carinhos
Nós somos tão mesquinhos
E o nosso labio é friamente mudo !

TERCEIRA PARTE

PARNASIANOS

LUIZ DELFINO

As Trez Irmans

I

A mais moça das trez, a mais ardente e viva,
Aquella que mais brilha,
Quando, sorrindo, aos seus encantos nos captiva,
Eu amo, como filha.

A segunda, que tem da pallida açucena,
Aberta de manhan,
A côr, o cheiro, a fórma, a languidez serena,
Eu amo, como irman.

A outra é a mulher, que me enleia e fascina,
E' a mulher que eu chamo
Entre todas gentil, é a mulher divina,
E' a mulher que eu amo.

II

A mais moça das trez, é linda borboleta;
Entra, abre as azas, sahe,
Não comprehende bem, nem nega, nem regeita
O meu amor de pae.

A segunda é uma flôr de fórma melindrosa,
De rara perfeição;
Não sei se ella desdenha, ou comprehende, e gosa
O meu amor de irmão.

A terceira é a mulher: anjo, monstro, hydra, esphinge,
Encanto, seducção :
Amo-a : não a conheço ; é verdadeira, ou finge ?
Não a conheço, não.

III

Se a primeira casasse, oh ! que alegria a minha !
Eu lhe diria : vae !
Veria nella um anjo, um astro, uma rainha,
O meu amor de pae.

Se a segunda casasse, eu mesmo iria á egreja,
Leva-la pela mão :
Dir-lhe-hia : o céo azul virar-te aos pés deseja
O meu amor de irmão.

Se a terceira casasse, oh ! minha infelicidade !
A mais velha das trez,
No horror da escuridão fôra uma eternidade
A minha viuvez.

IV

Se a primeira morresse, oh ! como eu choraria
A minha desventura !
Com lagrimas de dôr lavara noite e dia
A sua sepultura.

Se a segunda morresse, oh ! transe amargurado !
Eu choraria tanto,
Que ella iria nadando, em seu caixão doirado,
Nas aguas do meu pranto.

Se a terceira morresse, em seu caixão deitada,
Sem que eu chorasse, iria ;
Porque n'outro caixão, ó minha morta amada,
Alguem te seguiria...

Jesus ao collo de Magdalena

Jesus expira, o humilde e grande obreiro !...
Sobem já pela cruz acima escadas ;
E nos cravos varados no madeiro
Os malhos batem, cruzam-se as pancadas.

Ouve-se o chôro em torno. — As mãos primeiro
Inertes cahem no ar dependuradas ;
A fronte oscilla ; arqueia o tronco inteiro
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés — Augmenta o pranto e a queixa.
Só Magdalena ao oiro da madeixa
Limpa-lhe a face, que de manso inclina.

E no meio da lagrima mais linda,
Com o dedo erguendo a palpebra divina,
Busca ver si Elle a vê... beijando-o ainda !...

Cadaver de Virgem

Estava no caixão, como n'um leito,
Pallidamente fria e adormecida ;
As mãos cruzadas sobre o casto peito,
E em cada olhar sem luz um sol sem vida.

Pés atados com fita em nó perfeito,
De roupas alvas de setim vestida ;
O tronco duro, rigido, direito,
A face calma, languida, dorida...

O diadema das virgens sobre a testa,
Niveo lyrio entre as mãos, toda enfeitada,
Mas, como noiva, que cançou da festa.

Por seis cavallos brancos arrancada...
Onde vais tu passar a longa sesta
Na molle cama, em que te vi deitada? !...

LUIZ MURAT

O Meu Palacio de Ouro

(SOBRE A LAPIDE DE UM CORAÇÃO)

Meu beijo para te beijar, formosa,
Sobre os teus labios tremulos se ajoelha,
E, zumbe e as azas bole como a abelha,
No perfumado calice da rosa.

A aragem matutina em terno chalra...
As invisiveis pennas meche e freme...
Nella tambem uma saudade geme,
Nella tambem uma esperança palra.

Quando das cêpas rubro insecto rompe,
Lembra um sól microscopico e irritante,
Que da liquida opala do Levante
Entre frouxeis e purpuras irrompe...

Tambem teu busto branco e romanesco
Rompe desta saudade que não finda,
Porque me envolve a tua imagem linda
Neste quadro do AMOR pintado a fresco.

A tua bocca levemente arqueada,
Tem o mesmo rubor e o mesmo riso
Entrefechado como um paraizo
Que ainda guarda Eva intacta e immaculada.

Póde tudo peccar, sujar-se tudo;
Podem tornar-se as pombas malfazejas,
Não, de certo, esses olhos de velludo
De onde os raios mais rutilos dardejas.

Esses, formosa, hão-de sêr sempre aquellas
Duas estrellas que me acompanharam,
E que um cofre de sonhos vigiaram,
Como um therouso, duas sentinellas.

Correm ainda « Sara » o véo de brumas
Que o sol aos meus desejos occultava,
E ergueram sobre um chão, que o mar banhava,
Um palacio de conchas e de espumas.

Foi n'esse glauco a excentrico palacio
No qual tecendo a minha poesia,
Ouvi como uma vaga melodia
As canções remotissimas de Lacio.

Foi ali, que de alegres crenças cheio,
Provei do amor o doce e amargo favo;
Foi ali que a volupia, travo a travo,
Queimou-me as mãos e corroeu-me o seio.

Foi ali, nessa aureola diffusa,
Onde sonhava o olôr da tua trança,
Onde o beijo rulava uma esperança
Que ensinei a cantar a minha musa.

A's vezes, uma vaga, escura, em baixo
Do parapeito da janella estava
A vêr se pela astucia arrebatava
Do teu cabello precioso cacho.

Eu, que os seus movimentos não perdia,
Punha-me em guarda, rindo-me da empreza;
E quando a vaga ia tocar a presa
Fechava-lhe na cara a gelozia.

A luz da Madrugada e a luz do Occaso
Corriam doidas para esse retiro;
E, quando o luar voltava de seu giro
Beijava a flôr, mas sem tocar no vaso.

O mais sublime e ardente dos cantores
Naquelle esconso e lubrico remanso
Rendia-se das brisas ao balanço.
Com os seus queixumes, com os seus amores...

Uma só borbolêta perlustrava
Prados, sorrindo no mais lindo sonho ;
E após n'um quarto, de um rumor tristonho,
Em lêdo surto borboleteava...

. . . . . .

Emtanto, o meu palacio de ouro, agora,
Vive esquecido ; — é como um templo em ruinas,
— Enche-no a sombra immensa das collinas,
E a dor que o mar acerbamente chora.

LUIZ GUIMARÃES

O Beijo da Morta

Cresce a invernosa noite, um frio intenso
Morde-me as carnes : — livido, gelado,
No leito me ergo... e escuto o desolado
Uivo do inverno, atroz, convulso, immenso...

Tento dormir. Em vão ! Escuto e penso.
Penso na eterna Ausente... Ah ! si a meu lado
Ella estivesse ! Um beijo perfumado !
Um só ! me fora ardente e idéal incenso...

Abre-se então de leve a minha porta :
E' Ella ! Entrou. Na pallidez da morta
Uma aurora de beijos irradia :

Caminha... chega e diz-me n'um segredo :
« Une teu rosto ao meu; não tenhas medo :
« Venho aquecer-te : — a noite está tão fria ! »

(Sonetos e Rimas.)

A voz das arvores

Emquanto os meus olhares fluctuavam,
Seguindo os vôos da erradia mente,
Sob a odorosa cupola fremente
Dos bosques — onde os ventos sussurravam,

Ouvi fallar. As arvores fallavam :
A secular mangueira fielmente
Repetia-me a rir o idylio ardente
Que dois noivos, á tarde, lhe contavam ;

A palmeira narrava-me a innocencia
De um brando e mutuo amor, — sonho que veste
Dos loiros annos a feliz demencia ;

Ouvi o cedro, — o coqueiral agreste,
Mas excedia a todos a eloquencia
D'uma que não fallava : — era o cypreste.

(Sonetos e Rimas.)

JOSÉ IZIDORO MARTINS JUNIOR

Fim de Jornada

. . . . . .

Bem. Eu descanço aqui. Tiro as sandalias. Jogo
O meu bordão á relva e reflicto. E' de fogo
O poente — o travesseiro onde o sol vae deitando
A cabeça sangrenta. O ar está cantando.
Vim subindo, subindo anciosamente a escarpa.
Desejava galgar esta eminencia. A farpa
Da ambição me ferroava o peito pela estrada.
Eu queria subir, ascender á inflammada
Culminação do monte em que moram as pompas
Da luz, do céo, do azul ; queria ouvir as trompas
Da floresta vibrando ao sôpro crú dos ventos
Nesta vertiginosa altura, aos luzimentos
Do astro que morre além, como um heróe ferido,
Rubro, soberbo, nú, phantastico, incendido !
Cheguei. Quero estender o olhar pelo caminho
Andado. Eil-o : é tão longo e teve tanho espinho,
Que eu nem sei como pude effectuar a viagem.
Esta cota de matha alvissima — a coragem,
O escudo — Enthusiasmo, a lança — Inspiração,
Esta viseira — a Idéa, este punhal — Canção,
O estofo azul do verso, a armadura da Prosa,
As hallucinações do Ideial, a gloriosa
Febre da propaganda, o odio ao Erro, o amor
A' Humanidade, á sciencia — arvore sempre em flôr,
— Tudo eu joguei, lancei por essa estrada fora,
Como um joven nababo esturdio que não chora
Os milhões, o ouro em pó, as fulvas pedrarias,
Alfaias e coraes, perlas, tapeçarias...

Vou repousar agora. Esta eminencia tem
Astros, fulgurações, seiva, perfumes. Vem
Medroso, abrindo a aza, este passaro — a noite,
E eu quero procurar um canto onde me acoite,
Entre as vegetações cheias de insectos mansos,
Sobre o chão, sob o céo, aos dourados avanços
Do luar, que alli surge, e que espiando mudo
Por detraz do alcantil, magnetisa tudo!

ARTHUR AZEVEDO

Hotel

(A MUCIO TEIXEIRA)

Este meu coração é vasto hotel,
Onde é gratis o pasto e o aluguel.
Vivem vida melhor os inquilinos,
Pesar que todos lá são femeninos...
E' caso decidido : os d'outro sexo
Não têm, não podem ter na casa ingresso!
O logar d'honra, a sala, ha muito occupa
(Nem consinto que outra a sala entupa),
Aquella a quem mais serio amor consagro,
E que soube fazer de um gordo um magro.
Que saia quem quizer ; o que me importa ?
Mas tu ? Não saias, não... fecho-te a porta.
Na saleta pernoita a Dorothea ;
Esboço o seu retrato : faça idea
O leitor, si quizer ; si não, não faça ;
Mais vaporosa que subtil fumaça,
Mais bella que a leitora, si for feia ;
Rapariga de truz ou de mão cheia ;
Tem pequenina a mão ; mas o seu pé
Cabe dentro da caixa de rapé
Que um bom palmo medir (si não chegar,
Que lhe fique de fora o calcanhar).
No quarto atraz da sala a Genoveva
Em ciumadas d'amor o dia leva ;
Si em tres dias, porém, não se comporta,
Ponho-a n'olho da rua e fecho a porta.
Atraz desta mulher mora uma tola.
Socegada que é! mesmo uma rola!
E jámais se queixou! Pobre menina!
Julga ser ella a unica inquilina
Desse vasto edificio, onde as confundo,
E tem medo das almas do outro mundo...

No corredor logar onde pernoite
Achou certa senhora, que uma noite,
Dos labios meus ouviu (foi no theatro,
Diz ella ; eu não me lembro !) : Ai ! te idolatro !
A sala de jantar, que é mui comprida,
Está n'um dormitorio convertida.
Não presumas, leitor, si tu presumes,
Que as, que para alli stão, tenham ciumes ;
Esteve uma franceza alli morando,
(Oh ! namoro feliz e memorando) ;
Como viu que era hotel meu coração,
Fez cortiço do seu ! Teve razão...
Mas eu que me escamei... Ora, não ha !
Bati-lhe um dia o pé e... *Bonsoir.*
Esteve uma franceza alli morando,
A quem ouvi cantar a barcarola
De certa zarzuela. Inflexivel
Era o seu coração. Porém sensivel
A' lógica de um mimo : dei-lhe um broche...
Um dia se zangou e — *Buena noche.*
Uma ingleza tambem ! Que amolladora !
Eu tinha medo de mandal-a embora :
Podia vir um *box.* Um bello dia
Ella estava de *spleen*, eu — nostalgia,
Bradei-lhe, aborrecido : Vai-te ! vai-te !
Ella, gelada, suspirou : *Good night.*
Além d'estes, ha mais outros logares :
A casa é um casão : tem dois andares ;
As alcovas estão todas tomadas...
Meninas, todavia, endiabradas
Querem o muro escalar para o quintal !
Mas não posso aceitar mais pessoal !
E' ser, tornar a ser muito exigente !
Como eu hei de cuidar em tanta gente ?
Até tenho uma negra na cosinha,
O que confesso p'ra vergonha minha !

A leitora, si vem por bom caminho,
Talvez possa arranjar um logarsinho...

AS Estatuas

No dia em que na terra te sumiram,
Eu fui ver-te defunta sobre a eça,
Fechados para sempre — ó sorte avessa ! —
Aquelles olhos que me seduziram.

A' luz do sol uma janella abriram,
E o jardim avistei, onde, ó condessa,
Uma noite perdemos a cabeça,
E as estatuas de marmore sorriram...

Sahiste por aquella mesma porta
Onde outr'ora os teus beijos me esperavam,
Cheios de amor que ainda me conforta.

Quando o jardim saudoso atravessavam
Seis homens com o esquife em que ias morta,
As estatuas de marmore choravam !

B. LOPES

Flòr de Primavera

Vieram comtigo, flôr de primavera,
Na brilhante explosão de aureas phalenas
E andorinhas gazis, abrindo as pennas,
O sonho azul, a fulgida chimera...

Entre os lauréis de ramos de hera,
Myrthos floridos e humidas verbenas,
Rindo, talvez, ás doces cantilenas,
Abrem-se os ninhos, meigamente, á espera

Da aza primeira e do primeiro beijo...
E este aroma de rosas, este harpejo,
O sonho azul, a fulgida chimera,

Ferindo a luz do amor, a luz querida,
Que esta alma aquece e me illumina a vida,
Vieram comtigo, flôr de primavera!

Soneto

Nessas manhãs alegres, perfumadas,
De ether sadio e claro firmamento,
Acariciando o mesmo pensamento
Percorremos o parque de mãos dadas.

Aves trinando em cima das ramadas,
Alvos patos e um cysne a nado lento
Sobre as aguas do lago, num momento
Pela braza do sol ensanguentadas...

Brilha o sereno tremulo nas pontas
Do vistoso gramal, como se fosse
Solto rosario de opalinas contas...

Emquanto uns casos rusticos de aldeia
Eu vou narrando-lhe, em linguagem doce,
Escuto a queixa de seus pés na areia!

(Brazões.)

OLAVO BILAC

Via-Lactea

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Sahi, ancioso por te vêr : Corria...
E tudo ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o logar para onde eu ia.

E tudo me fallou, tudo ! Escutando
Meus passos, atravez da ramaria
Dos despertados passaros o bando :
« — Vai mais depressa ! Parabens — », dizia.

Disse o luar « — Espera ! que eu te sigo :
Quero tambem beijar as faces della ! — »
E disse o aroma : « — Vai, que eu vou comtigo ! — »

Cheguei : e, ao chegar, disse uma estrella :
« — Como és feliz ! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvi-la e vê-la ! — »

Ouvir estrellas

— Ora (direis) ouvir estrellas! Certo
Perdeste o senso! — E eu vos direi, no emtanto,
Que, para ouvil-as, muita vez desperto
E abro a janella, pallido de espanto...

E conversamos toda a noite, emquanto
A via lactea, como um pallio aberto,
Scintilla. E, ao vir o sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora : — Tresloucado amigo!
Que conversas com ellas? Que sentido,
Tem o que dizem, quando estão comtigo?

E eu vos direi : — Amae para entendel-as,
Pois só quem ama póde ter ouvido,
Capaz de ouvir e de entender estrellas.

(*Poesias.*)

EZEQUIEL FREIRE

O Camarim de Lucia

Um leito gracioso,
— Antes concha de perola —
Mais do que se mostrando — adivinhado
Atravéz a indiscreta transparencia
De um niveo cortinado...

Gentil, mysterioso,
— Antes ninho de passaro, —
De pequenino e alvo, e tão catita!
Mais visão idéal que asylo e alcaçar
De uma moça bonita...

Escondendo-se quasi
Na frouxa claridade da penumbra;
Antes fróco de nevoa,
De tão mimoso e fragil; — mais aerio,
Mais irreal que o afigura a idéa,
Menos realidade que mysterio...

Feito de scismas, de pureza e gaze,
De candura e innocencia
E, — como a gaze rumoreja a medo
Quando a brisa a balouça,
Trahindo phrases de uns sonhares lubricos,
Pagina aberta no mimoso enredo
De um romance de moça...

Alvo como a caçoula
De magnolia pallida,
Macio mais que o arminho alvinitente
De um berço de pellucia ;
De mais que o berço — uns longes de volupia,
De mais que a flôr — o callido bafejo
Do halito de Lucia...

Um toucador singelo ;
— Antes brinco da infancia ;
Mimo de confusão, capricho artistico,
Templo do estudo e altar da faceirice,
(Denunciando o espelho irreflectido
A feminea ledice...)

Um *Heine* meio aberto a espreguiçar-se
Sobre o pallido marmor ;
A brisa a despertal-o da indolencia
E, ao voltear das folhas, dispersando
As deslembradas petalas
De uma fanada flôr, — timido symbolo
D'intima confidencia...

. . . . . .

Dissereis a gentil miniatura
De um elegante cahos :
— As mil futilidades da costura,
— Caprichos feminis, frascos de essencia,
E — ao lado desses nadas — a brochura
De um livro de sciencia ! !

RAYMUNDO CORREA

Vesper

Do seu fastigio azul, serena e fria,
Desce a noite outomnal, augusta e bella;
Vesper fulgura além... Vesper! Só ella
Todo o céo, doce e pallida, allumia.

De um mosteiro na cupóla irradia
Com frouxa luz... Em sua humilde cella,
Contemplativa e languida á janella,
Triste freira, fitando-a, se extasia...

Vesper envolta em deslumbrante alvura,
Oh nuvens que ides pelo espaço afóra!
A quem tão longo olhar volve da altura?

Que olhar irmão do seu procura agora
Na terra o astro de amor? O olhar procura
Da solitaria freira que o namora.

As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... emfim, dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruflando as azas, sacudindo ás pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como vôam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

(Symphonias.)

VALENTIM MAGALHÃES

Prenuncio de aurora

Aos redactores de « A Evolução »

Entre nuvens de pó, das ruas nas calçadas
Movem-se as multidões, activas, apressadas.

Da Industria e do Commercio os robustos pulmões
Enchem o ar de viris e festivas canções.

Passam confusamente, em turbilhão espesso,
As manifestações soberbas do Progresso.

Fumam as chaminés. Ouvem-se os arsenaes
Cantando herculeamente as odes immortaes,
As epopéias de aço em nova lyra — o malho.
E' nobre a inspiração e chama-se Trabalho.
E a Musa, a grande Musa, austera e sacrosanta,
Que para o céu azul os olhos alevanta,
Banhados no fulgor virgineo da Justiça,
Que prega aos corações a lei da Nova Missa,
Cheia de robustez, de amor, de honestidade,
Essa Musa idéal chama-se Liberdade.
Thuribulo gigante : uma cidade inteira!
Por incenso sagrado o fumo das fornalhas.
Ferem-se na officina as rigidas batalhas
Da Vida contra a Morte, a velha traiçoeira ;
E cada som que sólta o malho na bigorna,
Que o negro muda em rubro e o ferro em brasa torna,
Cada som que elle tange é o som d'uma passada
Da invencivel legião, da cohorte sagrada
Das almas demandando a Promissão, a Luz.
O magestoso sol, dos velhos céus azues,

Beija serenamente a fronte dos obreiros.
Na bronzeada tez dos rostos dos ferreiros
Esbate-se o luar sanguineo dos carvões ;
E, sob o labutar dos musculosos braços,
O ferro serpenteia em rubras contorsões,
Colerico espargindo accesos estilhaços.
Um d'esses homens tem na fronte clara e larga
Esse *quid* que accende a electrica descarga
Que illumina o porvir e se chama Talento :
Forte como o oceano e livre como o vento.
Nos seus olhos leaes, mansos porém valentes,
Reflecte-se o fulgor dos ideaes candentes,
A serena altivez dos sonhos impollutos.
Ha naquelle operario a mansa robustez
Que dos poltrões distingue os homens resolutos.

Subito, um som agudo ao longe ouvir se fez.
Era um som de clarim, intermittente e forte.
Logo após toda a rua encheu-se dos abalos
Do estrepido de um carro e patas de cavallos.
Era o coche do rei, seguido da alta côrte.
Assim que o divisava, o povo humildemente
Tirava o seu chapéu com ares de indigente ;
E o rei comprimentava os seus fieis vassallos,
Talvez por não poder, de um golpe, degolal-os.
Quando o coche real passou pela officina,
Banhada no clarão da chamma purpurina,
O monarcha saudou, risonho, venturoso,
O audaz trabalhador robusto e talentoso.

(*Rimario.*)

AFFONSO CELSO

Na · Fazenda

Dorme a fazenda. Uniformes,
Com seu inclinado tecto,
Tem as senzallas o aspecto
De um bando d'aves enormes.

Os cães, no pateo encobèrto,
Repousam de orelha erguida;
São como oasis de vida
Da escuridão no deserto.

De vagos tons uma enfiada
Com o torpor lucta e vence-o;
E' no burel do silencio
Franja sonora bordada.

A's vezes, da porta estreita
Sae um chorar de creança,
Chamando a mãe que descança
Morta do afan da colheita.

Talvez no infantil assombro
Já se lhe antolhe mais tarde:
— O eito, emquanto o sol arde,
E o peso da enxada ao hombro.

Os cães levantam-se a meio,
Geme a creança um momento
E, a pouco e pouco, em lamento
Succumbe o isolado anceio.

Longe, na sombra perdido,
Ha no perfil de um outeiro
Algo de estranho guerreiro
Da cota de armas vestido.

Ao lado reluz a linha
De extensa e alvacenta estrada,
Como a lamina da espada
Que lhe saltou da bainha.

E o disco da lua nova
No lar azul das esphéras,
De nuveus, que lembram féras,
Como um reptil sae da cova.

Ondula no espaço o fumo
De algum incendio invisivel;
Chóra a creança. Impassivel,
Prosegue a noite em seu rumo.

(Rimas de outr'ora.)

THEOPHILO DIAS

A voz

Vibra na tua voz, de um perfido attractivo,
Um rythmo fatal, dissolvente, impressivo,
Que me acceléra o impulso ao sangue impetuoso,
E docil ao seu timbre electrico, expressivo,
Meu ouvido o reflecte ,em fremito nervoso.

No som dominador, na imperiosa ternura,
Exhala sensações funestas ; — a loucura,
A vertigem, a febre ; e — estranha phantasia !
A embriaguez cruel, que affaga, e que tortura,
Um philtro musical, um vinho de harmonia.

Exerce sobre mim um brando despotismo,
Que me orgulha, e me abate;—e ha nesse magnetismo
Uma força tamanha, uma electricidade,
Que me fascina e prende ás bordas de um abysmo,
Sem que eu tente fugir, — inerte, sem vontade.

Assim como o pendor, facil, accidentado,
De rocha de crystal, que a lympha tem cavado,
Presta á onda, que o mina, o voluptuoso dorso,
Por onde ella espreguiça o corpo perfumado,
Indolente, a rolar, sem o minimo esforço ;

Não de outro modo, assim, ao som de tua falla,
Ha um declive doce, extatico, que embala,
No fundo de minha alma, a tua voz tremente,
Que em meandros subtis, invisiveis, resvala
E penetra-lhe o abysmo harmoniosamente.

O rio e o vento

Muitas vezes se vê, sobre os rios do Norte,
Na quadra em que o calor abafa mais ardente,
Horrisono tufão rugir, sanhudo e forte,
Em direcção contraria á indomita corrente.

Freneticos pegões, com impavidos roncos,
Arrancados com furia ás validas entranhas,
No impetuoso correr lascam os velhos troncos,
E fazem desabar as pedras das montanhas,

De encontro ás aguas rúe a turbida descarga,
E em brusco assalto ferve, e remoinha e brama :
— Sem cólera, encrespando a superficie larga,
Atravéz da floresta o rio se derrama.

Como um athleta, o vento, em porfiado esforço,
Cava a humida arena ; — o rio, que se empóla,
Sob a affronta, erriçando o magestoso dorso,
Com lento passo egual a rude massa róla.

Apenas, nesse dorso herculeo, que fumega,
Brincam da espuma errante os fervidos matizes,
E elle vae fecundando as regiões que rega,
Nutrindo e avigorando as soffregas raizes.

Idéal ! idéal ! tu és como esse rio !
— Sem ouvir o clamor dos sceptros, das thiáras,
Com grave placidez, imperturbavel, frio,
Vaes rolando em triumpho as tuas ondas claras.

Embalde sobre ti a bava dos insultos
O preconceito cospe, e golpheja a insolencia :
— Vaes nutrindo de amor os corações incultos,
Fecundando o dever em cada consciencia.

Fatigando ao passado a resistencia, a furia,
Marchas para o futuro inalteravelmente ;
Não te póde sustar a força, nem a injuria :
— O tufão não suspende aos rios a corrente !

ADELINO FONTOURA

Beatriz

Beatriz! Beatriz! sombra querida,
Branca visão que em toda parte vejo,
E's a ventura unica que almejo,
Que outra igual me não fôra concedida

Meu amor, minha crença e minha vida,
Todo bem com que sonho e que antevejo,
Tudo que aspiro e tudo que desejo,
A ti te devo, ó alma commovida!

Do meu amor não saibas, todavia,
Pois que se igual amor te não mereço,
Antes quero cuidar que o merecia.

Succumbirei á dôr de que padeço;
Se tal fraqueza chamam cobardia,
Eu serei um cobarde por tal preço!

Rastro de amor

Vasos d'oiro, tapetes, luzes, flôres,
Porcellanas, espelhos de Veneza,
Essencias, pedrarias, de mil côres,
— Tudo resplende aos brilhos da riqueza.

Mas de repente, archanjo de pureza,
Ao tom da festa, em meio dos fulgores,
Tu surges no salão, e a singeleza
Do teu vulto é o maior dos esplendores!

Passas sorrindo, timida innocente,
E eu te acompanho o passo enamorado
Com longo olhar, apaixonadamente.

Depois desappareces; mas, calado,
Meu espirito segue inconsciente
O teu sonoro rastro perfumado...

LUCIO DE MENDONÇA

Consorcio maldicto

Elle é um rude sujeito honrado e generoso,
Forte e trabalhador. Ella é toda franzina ;
E' de antiga nobreza ; e é da raça felina
O seu mavioso gesto electrico e nervoso.

Jura-lhe amor, e tem-lhe um odio rancoroso,
Sobre o peito do ahtleta o regio busto inclina,
E mette-lhe no bolso a mão fidalga e fina
E despoja-o. E elle, o bom e cégo esposo,

Deixa-se despojar, e trabalha. calado.
Flla com uns padres vis anda de mancebia,
E fartos, riem d'elle, o enorme desgraçado.

Ella é a Messalina, a barregã sombria,
Elle, um trabalhador estupido e enganado :
— Elle chama se — Povo, e ella — Monarchia.

(*Murmurios e Clamores.*)

OZORIO DUQUE-ESTRADA

Soneto

Lyrios aqui... vejamos : a morada
Que sob estes cyprestes acha abrigo,
Não é, por certo, a tenda illuminada
Que tu sonhavas habitar commigo!...

O' alma sem piedade maltratada!
— Porque, após expiar o teu castigo,
Vieste, em leito de seda amortalhada,
Buscar a eterna paz deste jazigo?

No marmore gelado da saudade,
Por mitigar a magoa que não finda,
Ajoelho ; e, emfim, olhando com piedade

A pedra que te guarda, ó joia linda,
Venho aquecer, na sua frialdade,
Meus idéaes... mais gelidos ainda!

Thezouros

De um rei contaram-me um dia
Que em seu thezouro guardou
Tanta luz de pedraria
Que os proprios olhos cegou.

A mim, não me fez cegar,
Mas pôz a minh'alma louca
A luz que vive a brilhar
No escrinio da tua bocca.

Longe

Depois de passados dias
De ventura, esta alma escrava
Punha bençãos e agonias
No beijo que te deixava!

Depois, rolei como um morto
Pelo alto mar: nem o céo
Dava-me mais o conforto
Que o teu sorriso me deu...

Mas não supponhas que, acaso,
De ti me aparte um momento:
O sol afunda no Occaso,
Mas redoira o firmamento.

Da melhor das creaturas
Nem me podem afastar
Estas tremendas e escuras
Trezentas legoas de mar!

Aspiro ainda a fragrancia
Com que o teu labio me anima:
Quanto maior é a distancia,
Tanto mais nos approxima!

Prefiro ao sol (crê si queres)
A luz com que o mundo espantas :
E's a mais santa entre as santas
E a mais pura entre as mulheres.

O sol mergulha no lôdo,
A estrella beija o paúl...
— Não troco pelo céo todo
Este pedaço de azul !

F. A. DE CARVALHO JUNIOR

Soneto

Quando, pela manhã, contemplo-te abatida,
Amortecido o olhar e a face descorada,
Immersa em languidez profunda, indefinida,
O labio resequido e a palpebra azulada,

Relembro as impressões da noite consumida
Na lubrica expansão, na febre allucinada,
Do gozo sensual, phrenetico, homicida,
Como lamina aguda e fria de uma espada.

E ao vêr em derredor o grande desalinho
Das roupas pelo chão, dos móveis no caminho,
E o *boudoir*, emfim, do cahos um fiel plagio.

Supponho-me um heróe da velha antiguidade,
Um marinheiro audaz após a tempestade,
Tendo por pedestal os restos d'um naufragio!

EMILIO DE MENEZES

Os tres olhares de Maria

I

A ANNUNCIAÇÃO

Entre gente modesta, e existencia prosaica,
Longe do grande luxo e vivendo distante
Do fausto babylonio e da pompa chaldaica,
Sem nada a lhe turvar o angelico semblante ;

Diz uma tradição de santa lenda archaica
— Cuja veracidade a Escriptura garante —
Floresce a melhor flôr da familia judaica
Como um lotus ideal de aroma penetrante.

Vive calma e feliz. Todo o seu bem resume
Em ter pelo seu Deus e seu supremo guia
Tudo o que a dôr lhe acalme e os sonhos lhe perfume.

« Mãe do Senhor serás » — o archanjo lhe annuncia.
E Ella accende no olhar do espanto o estranho lume !
— Era o primeiro olhar dos olhos de Maria !... —

II

A PAIXÃO

Messias annunciado, e do Céo predilecto !
Tu que és Filho de Deus, e Rei do mundo todo,
— Filho da minha crença e meu primeiro affecto,
Soffres dos maús, assim, o repellente apôdo ?

Tens o Teu coração de bondade repleto
De perdões e de fé, de audacias e denodo;
E eu vejo assim na terra, o Teu divino aspecto
Maculado de sangue e coberto de lodo!...

Será possivel, Deus! Pae da suprema graça!
Que assim deixes passar pela dura agonia,
Porque Meu Filho, o Teu, por entre os homens passa!?

E n'isto a Virgem-Mãe, cujo olhar irradia,
Tem nos olhos a dôr e a duvida a traspassa!...
— Era o segundo olhar dos olhos de Maria!... —

III

A ASCENSÃO

Sinto-te, emfim, Senhor! Sei quem és Tu, meu Filho
Que de Teu Pae trouxeste aos algozes da terra,
O roteiro que mostra o verdadeiro trilho
[serra.]
Que vae de bosque em bosque e vae de serra em

Agora sinto, emfim, que todo o estranho brilho
Que nos meus olhos vês e nos Teus olhos erra,
No humano coração não encontra empecilho,
Todo o rancor acalma e acalma toda a guerra!

E'assim que a Virgem-Mãe entre preces murmura
Vendo, entre nuvens de ouro e rara pedraria,
A ascenção de Jesus para a infinita altura!...

Que era o filho de Deus, tudo ali lhe dizia...
E em seus olhos brilhava a suprema ventura!...
— Era o terceiro olhar dos olhos de Maria!...

(Poemas da morte.)

QUARTE PARTE

POETAS DE TRANSIÇÃO

ALBERTO DE OLIVEIRA

O exame de Hercilia

(INEDITO)

(A Mello Moraes Filho.)

Em casa da bôa Hercilia
Já de ha muito dorme toda
A familia,
Toda, até mesmo um bichano,
Que, hirto o pêllo, se accommoda
Sobre o piano.

Onze horas lentas, onze horas,
Num timbre estridente e agudo,
Deu sonoras
O relogio. Espesso e enorme
Silencio amortalha tudo...
Tudo dorme.

Só Hercilia, o olhar esperto,
Febril, nervosa, acordada,
Alli perto,
Insomne róla no leito
Com a coberta repuxada
Sobre o peito.

E' que viva, pobre criança,
Traz desse dia tão breve
A lembrança,
E inda uns echos de alegria
Lhe vêm do prazer que teve
Nesse dia.

Fez exame. Foi julgada
Pela commissão de exame
Approvada!
Difficeis provas aquellas,
E nem temor, nem vexame
Deante dellas!

Não tendo lettra bonita,
O seu continuo receio
Era a escripta...
Mas: « A lettra pouco importa;
Se... eja clara, embora meio... »
Meio torta...

O que se quer é certeza
Na... as palavras. » Gaguejara,
Junto á mesa,
Um dos examinadores,
Da jarra, ao pé, alta e clara,
Vendo as flôres.

Quando se fez a chamada:
— « Dona Hercilia de Azevedo! »
Apressada,
— Presente! — disse, tão calma,
Que, bem se viu, nenhum medo
Lhe ia n'alma.

Na prova oral mais de um'hora
Levaram a interrogal-a...
Sim, senhora!
Estavam alli, da villa,
Muitas pessoas na sala
Para ouvil-a.

Fallou alto e forte. Prompta,
Ora na pedra fazia
Uma conta,
Ora, voltando-se para
O audictorio, discorria
Com voz clara.

Das fracções, as ordinarias
E decimaes, aos complexos,
Questões várias
Resolveu. Levava o espanto
A todos, alli perplexos,
Saber tanto.

Em geographia, a victoria
Era certa. Tinha a sciencia
De memoria.
Disse toda a Europa, disse
(Que expressão e que eloquencia!
Quem a ouvisse!)

A Asia toda, a Africa em parte,
Que o tempo entre outras alumnas
Se reparte.
Esmiuçou dos continentes
Rios, lagos e lagunas
E torrentes.

Subiu ao Altas, de um salto,
E ao Kilimandjaro; logo,
De tão alto,
Ao Barh-al-Abiah, de agua clara,
Desceu, e ao saibro de fogo
Do Sahara.

O Klutcheveskoi, medonho
Volcão, o Koriaskaia,
Como em sonho,
Fez chammejar, igueo e rudo...
Mares, cabos, praia a praia,
Disse tudo.

Só não soube em sciencia tanta,
A escapar-lhe, como um fio,
Da garganta,
No mappa mural fronteiro
Mostrar o Estado do Rio
De Janeiro.

Da grammatica na prova
Revellou, profunda e artistica,
Vista nova;
Bateu o antigo processo,
Fazendo ver da linguistica
O progresso.

Discorreu sobre os oxytonos,
(Citando exemplos da pratica)
E os barytonos;
Passou á analyse logica,
Kampenomica, syntactica,
Morphologica.

Condemnou a metaphysica
Em moral; com o mundo atomico
Entra em physica;
Historia o fluido electrico;
Vae de um problema economico
A um geometrico.

Já pelo azul super-theorico
Adejava, num tresmalho
Metaphorico,
Quando a mestra, dessa altura
A puxou para o trabalho
De costura.

Toda a sala, que alli estava,
De admiração quasi louca,
A escutava;
Nem sciencia tanta e tão fina
Sahiu jámais de uma bocca
De menina!

Foi um não findar de abraços,
Quando ella acabou. Anciosa,
Nos seus braços
A professora tomou-a...
Que mestra que é a dona Rosa!
Como é bôa!

E ante Hercilia, lenta, lenta,
Da mestra a velha figura
Se apresenta...
Dão-lhe graça essa verruga
E esses oculos de escura
Tartaruga.

E por trás da mestra, em bando,
Vê com a multidão que chega,
Vir entrando
Arabella, Dulce, Estella...
Foi sua melhor collega
Arabella.

E Hercilia, a pensar na amiga,
Dorme-não-dorme, olha á porta
Uma antiga
Aberta por onde a lua,
Num raio que a sombra corta,
Se insinúa.

E — illusão, talvez, pareça,
Vistosa c'rôa, aurea e bella,
Lhe adereça
A luz. Várias, multicôres,
Grandes gemmas brotam della,
Como flôres.

—Ah! que é isto! Um mimo régio!
Mandou-m'o, talvez, a mestra
Do collegio! »
Brada Hercilia. E ergue-se, vôa,
Péga o mimo, e, alçando a dextra,
Cinge a c'rôa.

E vê-se ao espelho. Farto,
O luar, de um raio que era,
Enche o quarto.
O espelho á luz irradia,
Como em céu de primavera
Claro dia.

Vê-se. E moça, moça vê-se!
De moça o seio nevado
Lhe apparece;
De moça a fórma, alva e lisa,
Se adivinha entre o rendado
Da camisa.

Moça! e c'roada! e rainha!
— « Mas — diz ella, e o espelho encara :
Será minha
C'rôa, assim, que a todas vence
Em fulgor? C'rôa tão rara
Me pertence? »

E uma voz — baixa do tecto?
Do chão lhe sóbe? produl-a
Cada objecto?
Vem do luar? Não sabe de onde,
Uma voz no ar que se azúla
Lhe responde :

— « Sim, é tua a c'rôa, é tua!
Mas não vem, como imaginas,
Nem da lua,
Nem da escola; porque, emfim,
Não ha lá, para meninas,
Premio assim...

Vem da tua mocidade,
Que estás moça, e é esse o estemma
Dessa edade!
A luz, em que o vês arder,
E' a da graça que diadema
A mulher.

E' a luz da belleza. E és bella!
Ciuge a c'rôa, e, triumphante,
Vae com ella.
Sobre tens sonhos em flôr
Rutile cada brilhante
Um esplendor.

Cada illusão que alimentes
Espalme, iriantes, as azas
Refulgentes
De ouro e chrysolitas... Ris?
Cante em teu riso a alma em brasas
Dos rubis!

Exulta, folga, ave agora
Emplumada! Flôreo calix,
Abre á aurora!
Phalena, a que o sol seduz,
Sáe a gyrar pelos valles,
Vae com a luz!

Estás moça! Esse pesado,
Vão saber, que crês houveste,
Põe de lado;
Em nada te hade valer
Tanta cousa que soubeste...
Sem saber.

Grande e sábia, a Natureza,
Mais te ensina, e com verdade
E clareza,
Que a escola que te approvou
E tanta banalidade
Te ensinou.

As entre-cruzadas teias
Do aranhol, em que, perdida,
Tu te enleias,
Espedaça, ó alma! e, a voar,
Vem, mais livre, ao sol a vida
Ver e amar!

Bella é a vida, e és bella! E ah! quanto
Será mais intenso e vasto
Seu encanto
Se ao teu dever a razão
Servir sempre, e ao bem teu casto
Coração!

Vem ser bôa, e meiga, e pura!
Bella não só, mas querida,
Por ventura,
De todos, Hercilia! E, mais:
Vem ser o orgulho, a alma, a vida
De teus pais! »

A visão da torre

Descamba o sol. Scisma a isolada torre.
Scisma. E, alongando o olhar de pedra fria,
Parece ver desse final de dia
No raio extremo a antiga fé que morre.

Menos que aquelle fumo que arrebata
Lá embaixo o vento, e vae traçando o rumo
Do céo na espira, viu durar o fumo
Dos sagrados thuribulos de prata.

Como na areia, ao tempo, a tenda erguida
Que o abrigára das chuvas, o viajante
Esquece e vae buscar um pouso adeante :
Os corações deixaram-n'a esquecida.

Não vibra mais ! Seja manhan de inverno
Ou verão, brilhe ardente o sol a pino
Ou caia o sol — jaz-lhe pendido o sino,
Com a corolla de bronze, em somno eterno.

E — tempo extincto ! delle ouviu sonoras
Noutra quadra melhor — como de um calix
Sáe um bando de abelhas pelos valles —
Sair cantando pelo espaço as horas.

E agora muda, abandonada ao vento !
Muda ! entregue ao deserto arido, infindo !
Como pésa, meu Deus, mesmo caindo
Sobre uns hombros de pedra, o esquecimento !

Estar só! viver só! trance tremendo!
Só! e inutil sentir passar a vida!
Só, com uma sombra aos pés!... Torre esquecida,
Entendo-te a alma, tua dor entendo.

Só! que angustia indizivel! Só! que magua!
— De quando em quando uma andorinha apenas
A busca e beber vem, ricando as pennas,
Na rôta claraboia um pingo d'agua.

Alma dos homens, não vos move á inveja
A ave do céo que, erguendo-se á procura
De um pouco d'agua á sêde que a tortura,
A terra deixa e vem buscar a igreja?

Tendes em que matar a sêde vossa,
Alma dos homens! A « serena fonte »
Já não é necessario vol-a aponte
Torre brutal de cantaria grossa.

Crença, culto, dever, tudo esquecestes!
Varra agora, passando, a ventania
Dos vidros d'esta cupola sombria
O pó das azas das visões celestes.

Varra, leve-lhe tudo!... — A torre scisma.
Como um phantasma na planicie pôsto,
Alta, de pé, bate-lhe o sol no rosto,
E ella no sol o olhar de pedra abysma.

E olha, alonga-se, espia... e lhe parece
Ver de costas além — sombra apagada
Quasi de todo — lá no fim da estrada
O ultimo crente que desapparece.

NESTOR VICTOR

Filha morta

Crocitando, n'um vento de loucura,
Veiu a desgraça me bater á porta !
Ao berço immovel de uma sepultura
Mandei agora minha filha morta.

Não sabe um pae o que é ser pae emquanto
Os tem aos braços, descuidado e crente ;
Sabe o que é amal-os, pallido de espanto,
Quem vê que é pae para os chorar sómente.

Exanimes, cahirem-nos na estrada !
Do céo em vão pedirmos a clemencia !
E' de luto cobrir toda a jornada,
E' transformal-a n'uma penitencia.

Porque um pae, quando entrega um filho á Morte
Faz-se um homem — cypreste. Mata os passos.
Aonde quer que o destino nos transporte,
Vamos levando o seu caixão nos braços !

Os filhos são para nos pôr ao peito
Piedosamente as duas mãos cançadas,
Para, fechando-se o caixão estreito,
Alguem sentir as palebras molhadas.

Não é irem tão pallidos sorrindo,
Como tu foste, minha filha ha pouco,
E um pae ficar o prestito seguindo,
N'este sorriso tragico de louco !

Elles então ás vezes vêm sómente
Espreitar quando estamos descuidados
Para ás mãos nos fugirem de repente,
Apavorando uns pobres desgraçados ? !

Não vale ter um coração piedoso,
Em nossos filhos adorar o Céo,
Esse amor, tão humilde, é máo, é odioso,
Como o crime nivela-nos a um réo.

Eu sei que o Soffrimento é a unica escada
Que entre os astros do Céo e a Terra oscilla
Que a Dôr é que nos ergue, abençoada,
Fazendo um homem de uma pobre argila.

Mas a angustia não lessemos na face
D'estes seres angelicos, ao menos.
Nos seus hombros a Dôr não balançasse,
Elles sendo tão frageis, tão pequenos !

No tragico silencio em que padecem
Olham á gente com tão grande espanto !
Interrogar-nos como que parecem
Qual o motivo por que soffrem tanto.

E fica um pae, com o pisar de um lobo,
Vagando inutil em redor do leito,
Sorrindo á tôa, como um triste bobo,
Quasi a arrancar o coração do peito !

Ai esta dôr ! Não póde haver no mundo
Coração que a receba resignado !
Ella revolta o proprio Céo profundo !
— E' a dôr horrivel do ludibriado !

Irrisorios simulacros inuteis
De protecção, — vê-se afinal — nós somos !
Contra aquelle martyrio vãos e futeis
São todo pranto ou todos os assomos !

Estes seres — que não nos cause assombro —
Uma missão já tinham confiada...
Elles vêm para a mão pôr-nos ao hombro...
Mas justamente quando está gelada!

Vem acordar-nos para o negro trilho
Com seu funebre e tacito carinho.
— E' só depois de se perder um filho,
Que a selva escura vemos do caminho!

E' preciso, no entanto, ter coragem,
Olhar para si proprio resoluto,
Aceitar o bordão, sacco e roupagem,
E não tremer-se, vendo o céo de luto...

SILVESTRE DE LIMA

A partida

Do alto, volvendo o olhar á extensão da campina,
Que a estrada, aberta ao sol, corta como uma veia,
Palmo a palmo eu gravava essa milha de areia,
E a aurora aos céos corria a trevosa cortina...

Com que doida avidez, com que amor, na retina
Palmo a palmo eu gravava essa milha de areia,
Do alto, volvendo o olhar á extensão da campina,
Que a estrada, aberta, ao sol, corta como uma veia.

E caminhos além, de collina em collina,
Engolphado no tedio, a alma de pranto cheia,
Eu que a sentia em mim, que a trazia na ideia,
Eu suppunha ainda vel- a — apparição divina —
Do alto, volvendo o olhar á extensão da campina.

FONTOURA XAVIER

Flôr da decadencia

Sou como o guardião dos tempos do mosteiro !
Na tumular mudez d'um povo que descança,
As creações do Sonho, os fetos da Esperança
Repousam no meu seio o somno derradeiro.

De quando em vez eu ouço os dobres do sineiro...
E' mais uma illusão, um féretro que avança...
Dizem-me — Deus... Jesus... outra palavra mansa
Depois um som cavado — a enxada do coveiro !

Minh'alma, como o monge á sombra das clausuras,
Passa na solidão do pó das sepulturas
A desfiar a dôr no pranto da demencia.

— E é de cogitar insano n'essas cousas,
E' da suppuração medonha d'essas lousas
Que medra em nós o tedio — a flôr da decadencia !

(Opalas.)

A minha dôr

Silencio, ó minha Dôr; que alguem te não aviste
As lagrimas fataes.
A' noite iremos sós colher um riso triste
A' diversão dos mais.

Como ao prazer, ha pouco, eu dar-te-ei o braço
E iremos como os bons
Ao circo hoje assistir á estréa de um palhaço
E não sei quantos *clowns*.

E como importas muito, ou viva, ou morta, ou salva,
Aos pezames gentis,
Irás vestida á moda, a pasta á Marialva
E á *boutonnière* um liz.

Que tu és sempre má! laceras cruelmente
Uns pobres corações,
E ficas a pensar que vai chorar-te a gente
A rir dos histriões!...

Depois ao *restaurant!* E como és nova e féra
E eu não te sagro amor,
Lá poderás lançar o pomo de Cythéra...
Eu te conheço, Dôr!

Esperam-te talvez as seducções do vicio,
Os tremedaes do mal,
Eu sei, tu prézas muito a vida entre o bulicio
Ao choque do crystal.

Embora um ideal completo em ti não sonhe,
O' Dôr, tu podes vir...
Em frente a uns seios nús e um calix de Bourgogne
Tu saberás sorrir.

Já não és mais a vil que conduzia á morte
Os cerebros *blazês*,
E's um acinte ao tom, e como a moda o córte,
Eu mudo-te, bem vês.

(Opalas.)

MAGALHÃES DE AZEREDO

A' Grecia

Abra-se a tumba ha seculos fechada
Pela manopla ferrea do Islamita,
Nas cinzas a alma dos heróes se agita ;
Soam na Héllade toques de alvorada ;
O' Grecia, resuscita !

Toma a égide e a panoplia de Minerva,
E os raios de teu Jupiter empunha ;
Investe a raça barbara e proterva !
Do que has soffrido o mundo é testemunha !

Tornem os dias imperecedouros
De Athenas elegante e Sparta rude ;
Colha outra vez a tua juventude,
Com os louros da arte e da destreza, os louros
Da civica virtude !

O sol dos fortes no levante assoma,
Chamando-te á palestra dos athletas ;
E no teu nobre e classico idioma
Vibram os cantos dos antigos poetas !

Não recordes idyllios voluptuosos,
Desses que, á sombra do olival no monte,
Ainda conta ao narciso e ao trevo a fonte,
Que os aprendeu, em dias ociosos,
Do velho Anacreonte

Recorda os carmes de Tyrten e Homéro,
Achilles, Rheso, Ajax, Heitor desperta;
E, de Eschylo acabando o drama austero,
O acorrentado Prometheu liberta !

Lembra-te Byron, que a belleza pura,
A lyra de ouro e o estro peregrino
De Apollo herdara, por favor divino,
— E que por ti, em épica aventura,
Foi tentar o Destino ?

Sem o gozo supremo da victoria,
Elle caiu em face do inimigo;
Mas neste albor da tua nova Historia,
Seu grande espirito estará comtigo !

Quanto no mundo oppressos e oppressores
Raivosamente lutam peito a peito
Não has de defender, no acerbo pleito,
Quem firma, padecendo santas dôres,
O imperio do Direito ?

Deixarás tu que do deserto a areia
Sem fruto absorva, ha quasi dois mil annos,
O sangue derramado na Judéa
Pelo maior dos martyres humanos ?

Soffrerás que a christãos seu jugo imponha
O Musulmano, embrigado de ira ?
Que com impuro alfange abata e fira
Irmãos da nossa Fé, para vergonha
Do seculo que expira ?

Não vês que o odio fatal raizes lança
Nos corações que ulcera o vilipendio ?
Não vês que ao proprio céu pedem vingança
Saques, torturas, exterminio ou incendio ?

Vai ! Soccorre os teus filhos de Candia !
Soccorre-os ! Fartos de uma iniqua sorte,
Elles clamam, com voz altiva e forte :
Basta de assolamento e tyrannia !
Ou liberdade, ou morte !

Não querem resignar-se ao dolo e à affronta,
Quaes vis eunucos que em senil marasmo
Dormem, e que a odalisca rindo aponta
Do Gran-Senhor ao imperial sarcasmo!

Canhões reboam — estremece a terra.
Contra quem os navios vêm armados?
Contra o Sultão e seus crueis soldados?
Não; contra ti. E os que te fazem guerra
São netos de Cruzados!

Alça o pendão nos mastros da flotilha,
Desafia as esquadras frente a frente,
E com teu acto generoso humilha
A inepta covardia do Occidente!

Quantas nações te ameaçam, só por medo
Da sua mesma universal cobiça!...
Vem tu, com o gladio de Alexandre, á liça,
E as malhas romperás do torpe enredo
Em nome da justiça!

Impelle avante o teu heroico Povo!
Embora frema a Europa e o Turco brade,
Tu vencerás emfim, tu que és de novo,
O' Grecia, a mestra e a mãe da humanidade!

(Revista Brazileira.)

GUIMARÃES PASSOS

Eu, peccador...

Nás tuas horas de arrependimento,
Pensando em mim, o proprio amor maldizes,
E, revolvendo o peito nas raizes,
Fallas até nas grades de um convento.

Do gozo tiras o maior tormento,
Das dôres tiras as mais negras crises,
Pois nos dias que somos mais felizes,
Eu leio tudo no teu pensamento.

Tu vês o inferno, quando eu vejo a aurora,
E nos teus olhos, onde a dôr se imprime,
Deus me acena, formosa peccadora.

Bradas ao céu de medo, aos céus eu brado;
Tu, pedindo perdão para o teu crime,
Eu, pedindo que augmente o teu peccado.

(Horas mortas.)

Numero avulso

Um dia, num alfarrabio,
Eu li que um louco vivia
Toda a noite e todo o dia
Uma estatua a namorar ;

Olhavam todos o misero,
Riam a tanta loucura,
E o pobre, em frente a esculptura,
Devorava-a com o olhar.

A's vezes, se erguendo tremulo,
Cobria a estatua de beijos ;
Dos seus olhos os lampejos
Emprestavam doce luz

Aos olhos mudos e pallidos
Da mulher de pedra, e logo
O louco abrazado em fogo,
Abrindo os braços em cruz,

Cantava a belleza angelica
Do rosto que nunca rira,
Do corpo que nunca vira
Nem alma, nem coração.

E de novo, macambuzio,
Em frente á estatua jazia
Toda a noite e todo o dia
Na mais firme adoração.

Eu sei que ris desse ingenuo...
Mas elle tinha a certeza
De que a dona da belleza.
Que o não amava, tambem.

Jamais neste mundo vario,
Um só minuto, um momento,
Teve noutro o pensamento,
E nunca amara ninguem.

Minha alma paira na duvida.
Invejo, filha, esse louco...
Quem me déra, dentro em pouco,
Ver-te de pedra ficar!

Eu, louco, amara-te, estatua!
Teu amor nunca teria...
Mas ninguem te possuiria,
Nunca podias amar.

(Versos de um simples.)

LUIZ PISTARINI

Balladilha

Eu vivo triste, meditando
Na tua negra ingratidão...
E sei que tu, — vives cantando,
A torturar-me o coração!
Mas, si por tanta dôr passando
Me vês, e atreves-te, a cantar,
Porque heide eu só viver chorando,
Sempre fiel, smpre a te amar ?!

Bem sei, não sentes me lembrando,
Nem a menor satisfação...
E dás, após, em me olvidando,
A's gargalhadas expansão!
No emtanto eu, triste, vegetando
Longe de ti, sempre a penar,
Vivo esta magua supportando,
Porque não deixo de te amar!

Não me procuras... e, zombando
Deste amor, desta paixão,
Si, acaso, eu busco-te, o olhar, brando,
Volves, ingrata! para o chão!
E eu, tristemente, em não fitando,
O céo azul do teu olhar,
Quasi endoudeço blasphemando
Contra mim proprio por te amar!...

E as mãos aos céos, alevantando,
Cheio de dôr e de pezar,
A morte, a Deus, vivo implorando,
Mulher de bronze, — por te amar!

(Bandolim.)

Mão primorosa

Aquella mão... Meu Deus! quando a primeira
Vez, apertei na minha mão tremente,
— Como um lyrio nevado, aberto á beira
De um val florido, intemerato e olente :

Achei-a fria e tremula... Mais fria
E mais tremula, em summa do que a minha...
Tremia tanto! Mas, porque tremia
Aquella mão de fada ou de rainha?

Não sei! talvez que a sua joven dona,
N'esse instante (criança!), suppozésse,
Que eu, dos meus labios, a levasse á tona,
Para beijal-a como bem merece...

Mas não tinha razões p'ra tremer tanto
Na minha mão aquella mão tão pura :
— Amo-a, idolatro-a, com amor! portanto,
Não lhe manchára a immaculada alvura.

E essa mão de que fallo, — perfumosa
E branca flôr de lys, —
E' do Universo, a mão mais primorosa
E calça... lettra X!

(Bandolim.)

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Noiva perdida

(Fragmento)

(INEDITO.)

Os meus versos de amor todos rasguei-os...
Tanto minh'alma tinha n'elles posto,
Tanto elles 'stavam de amargura cheios,
Que, num dia de cólera e desgosto,
Quiz atiral-os ao esquecimento.

Ah! como elles se foram, tão de leve,
Borboleteando ao deslisar do vento,
Tambem podesse, n'um momento breve,
Ir todo assim meu louco soffrimento!

Uns — os que eu fiz na noite amaldiçoada,
Na horrivel noite do teu casamento —
Lembro-os ainda. A'svezes a magoada
Cadencia d'elles sobe, dolorosa,
Sobe, a cantar-me tristemente na alma
Versos crueis...

A treva silenciosa,
A doce mãe dos corações feridos,
Toda no espaço se alastrava calma...
Noite profunda, noite escura e fria...
No socego infinito, em sons perdidos,
Um queixume do mar, longe, carpia...

Eu andava sem rumo, ia cançado,
Pensando em ti... E immenso, e louco, e extranho,
Um soffrimento, gêmeo das loucuras,
Como jámais poude existir tamanho,
Trazia ao meu olhar allucinado
A nitidez das scênas mais impuras...

Via-te ao leito do noivado, núa,
Núa... apenas o branco da camisa,
Mal sobre a tua pelle rósea e lisa,
Cobrindo a grega formosura tua...
Tinhas deixado o véo; tinhas desfeito
As largas ondas do cabello escuro
E palpitára de emoção no peito
Teu meigo e nobre coração tão puro,
Quando afinal viste cahir despido,
Entre os ramos de flôr de larangeira,
Teu deslumbrante e esplendido vestido...

Era de sêda branca (lembro-o ainda!)
De uma sêda *moirée*, que, á mais ligeira
Ondulação, vibrava á luz brilhando.
Tinha a belleza seductora e linda,
Que dás a tudo. Apenas, enfeitando
A barra em tôrno, um fio delicado
De botões o cingia. E, quasi ao solo,
Solto á direita, um ramo pequenino
Parecia cahir abandonado.

Nem pela noite trágica e sombria
Da cabelleira real, nem pelo collo,
Nem pelo pulso delicado e fino,
Nem por todo o vestido — esplandecia
Uma joia qualquer...

E docemente
Tudo te foi despindo...
O alvo corpinho,
Cahiu tambem... E então, morno e tremente,
Livre afinal do perfumoso ninho
Das rendas da camisa, o róseo seio
Tremeu, medroso e sólto...

E tudo... e tudo...
Tudo isto eu via apparecer, no meio
De uma allucinação desordenada,
P'ra que a meu ciume doloroso e mudo
D'esse tormento não faltasse nada!

Vi-te no leito após. Senti teu beijo
Cantar, sonóro e doce, a meus ouvidos
E pareceu-me vêr, rubro de pejo,
O teu rosto gentil...

Não sei que vento
De maldição cruel, entre gemidos,
Trouxe-me então o arranco derradeiro,
O — ai! — supremo de extranho soffrimento
Da tua morta virgindade...

E' inteiro,
Todo esse quadro de volupia ardente,
Na perversão da minha ideia louca
Desenhou-se na treva claramente...

Oh! borbulham ainda em minha bôcca
Os versos que então fiz, versos de lava,
Versos de lava e fel... Tremula e rouca,
Minha voz pela noite os declamava...

Tanto minh'alma tinha n'elles posto,
Tanto elles 'stavam de amargura cheios,
Que, n'um dia de cólera e desgoto,
Os meus versos de amor todos, rasguei-os...

Te deum laudamus...

(INEDITO.)

A ti, Deusa do Amor e da Belleza,
A ti, Senhora,
Louva, em arroubos de fervôr accesa,
Minh'alma, que te adora!

No leve rasto de teus leves passos,
Sóbe, sonora e forte, a vibração
De minha voz, semeando nos espaços
Os victoriosos hymnos da Paixão!

Ninhos de águias de luz são os teus vivos
Olhos brilhantes...
Delles, ferindo os corações esquivos,
Ellas vem, triumphantes!

Bemdita sejas! Sem um só lamento,
Sob as garras torcendo-me, febril,
Creio, vindo de ti, que o Soffrimento
E' melhor que a delicia mais subtil!

Ciborio sensual — teu labio quente
Mostra aos desejos
A hostia rubra da Luxuria ardente
Que a alma communga em beijos!

Teus nobres seios — da Canção do Goso
Marcam, pulsando, o compassado tom...
Vibra por todo o teu perfil glorioso
Do Hymno da Forma o incomparavel som!

Das tuas mãos o mais pequeno gesto
— Gesto sublime —
Póde atirar um coração honesto
A's gehennas do Crime!

« Mata! » dirás... E um tigre em cada peito
Ha-de rugir, indomito e feroz...
Honra e Brio e Valor : — tudo, desfeito,
Cáe, ao rumor da tua doce voz!

Barbas brancas de velhos — a teu mando,
Rojando a lama,
Jazeriam, contentes, si, brilhando,
Vissem-te o olhar em chamma!

Bemdita sejas! Para os que te adoram
E's o supremo e mais divino idéal :
Tudo o que outros homens inda imploram
Ao pé de tua sombra nada val!

Como o orvalho e o calôr são para a alfombra
Quasi cahida
Tu — teu passo, teu rasto, tua sombra —
E's toda a minha vida!

Eu te desejo, como os condemnados
Podem do inferno desejar a Deus,
Sempre sedentos e desenganados,
Tendo a certeza de não vêr os céos!

Sê, pois, bemdita, Deusa da Belleza!
A ti, Senhora,
Louva em arroubos de fervôr accesa
Minh'alma que te adora!

FELIX PACHECO

Elisabeth

Na doce quietação do constellado ninho,
Angustiosa, febril, na camara tristonha,
Entre os alvos lençóes do perfumoso linho,
Belsa, no almo languor dos heliantos, sonha...

Uma idéa de amor, traidora como o vinho...
Sonha que alguem a vê descomposta e bisonha,
E se aproxima, e pede a esmola de um carinho...
Um sonho máo... Desperta... Eil-a outra vez risonha!

Orgulhosa Vestal indifferente e fria,
Santa do Desamor, ninguem, ninguem te via,
Santa de alma de pedra e sorrisos de gelo!

A aza dos sonhos de Arte aos páramos se libra;
Não mereço, porém, as honras do teu zelo:
Amo sómente em ti o marmore que vibra!

Longe

Arvore núa, dibe, onde cahiram
As tuas folhas bastas, verde-escuras?
Onde aquellas florinhas roseas, puras,
Que em loiras alvoradas te sorriram?

Que fructos amarellos, côr de gemmas,
Pendiam-te da rama onde cantava
A' tarde o sabiá, que me lembrava
Doces, agrestes e immortaes poemas!

Bem sei que não morreste; só precisas
De outro sol, de outro orvalho e de outras brisas
Que façam recobrares o vigor!

Hoje, minh'alma, como tu, supporta
Essa mesma nudez: parece morta,
Vivendo longe de seu casto amor.

(Accórdes.)

LEOPOLDO BRIGIDO

Fra Angelico da Fiesole

(SECULO XV.)

Erram, fogem os tons da tarde extincta
Na veneranda abbacial capella...
Solitario, *il Beato*, alma singela,
Alma pura, ajoelhado, orando, pinta.

De um Christo morto a face heroica e bella
Avulta já na lividez da tinta,
E Angelico trabalha, sem que sinta
A prostração que o seu pallôr revela.

A' porta que se entreabre, o olhar o espreita
Dos velhos monges, pasmos, silenciosos,
Sentindo a radiação dessa alma eleita...

Santamente, esquecendo o fugidio
Tempo, elle pinta, — e os olhos dolorosos
Vertem divinas lagrimas a fio...

ERNESTO SENNA

Soneto

O passado esqueci. Tristes lembranças
Da memoria apaguei... Sigo outro norte,
Irei comtigo onde quizér a sorte
De crenças cheio e cheio de esperanças.

Quem a roubar-te ao meu amplexo forte
Se atreveria? As longas negras tranças
Esparze como um lago de bonanças
E deixa-me sonhar até a morte.

Sonhar, sonhar... Que importa o mais? Amar-te?
Ver-te, sentir-te em tudo, e em toda parte.
Venha amanhã a morte impenitente...

Doce ha-de ser a morte horrendo e fera
No teu regaço; cavarei contente
O meu sepulchro em plena primavera!

VITAL FONTENELLE

Visao da Morte

I

Que quer essa mulher á minha porta,
Magra, espectral, de negro ? Inda é tão cedo !
A lua inda não vai de todo morta...
Augmenta o frio. A neve é tanta agora !

Veste toda de negro essa senhora ;
E' alta, grave, e, quando ri, faz medo !
Vem só. Ninguem a vê. Só eu a vejo.
— Louca ?... medito. — Qual o seu almejo ?
Infunde-me pavor !
Parece-me um agouro !
E mais me attrae. Tento fugir-lhe. Horror !
Grito, estremeço em convulsivo choro,
E não lhe entendo uma palavra, um gesto !
Céos, que fazer ? Toda a attenção lhe presto.
Que me desejas ? Dize. Uma ironia
Mostra no riso, horrivelmente fria.

E a neve cae em flocos neste inverno.
Dizem os velhos que jámais se viu
Passar um Junho assim, de gelo. Inferno !
Por que tão cedo te finaste, abril !

II

Fala-me agora :
« Venho visitar-te.
Queres saber? Pois bem. Venho buscar-te.

O meu dominio é grande, eterno e forte;
Eu sou, de carne embora, a propria Morte.
Quantos erros que tens, quanta maldade!
Mas has de tu soffrer maior saudade
Do mundo a que te arranco! E' teu castigo.

Por que negaste tanta vez abrigo
Ao pobre e lhe não déste — ó desgraçado!
Uma esmola? Soberbo do teu fado,
Satisfizeste sempre o teu capricho,
Soffresse embora alguem, penasse alguem.
Do teu palacio — um caprichoso nicho
De tudo quanto é rico e nobre e raro —
Vedaste á plebe a entrada e foste avaro
Do teu ouro! Pois vaes soffrer tambem
Por quanto foste má.
Teu castigo é fatal. »

Sinto que desfalleço. O meu tormento
Cresce, que tudo quanto ouvi é falso.
Falta-me a luz — acerbo soffrimento —
Para correr dessa mulher ao encalço.
Ella me deixa assim, desfallecido,
E vae — negra visão — sem ter-me ouvido,
E fóge ao meu appello e desparece.

Senhor! ouve-me a voz!
Attende á minha prece
Tu, que velas por nós!

Pobre, nunca deixei sem pão o pobre
Que me procura; abrigo-o sob o tecto,
O mesmo tecto humilde que me cobre.
Tu, que sondas a todos o secreto
Sentimento, julgar podes se é puro
O que te digo, puro e verdadeiro;
E aos mais, se mandas, eu, de prompto, juro.

III

Fito o céo; uma estrella tão sómente
Alto refulge. Que belleza a sua!
E', de certo, a mais linda, a matutina
Estrella. E é quasi morta a branca lua...
Dentro em pouco um clarão aurifulgente
Ha de vir do levante, e a passarada
Estridulando em limpida risada,
Ha de saudar a aurora. Hosanna! Hosanna!

. . . . . .

IV

Pleno dia, afinal.
Que luta insana
A minha, — considero — a repellir aquella
Negra visão da Morte, a sós com ella,
Magra, espectral, de negro, á minha porta,
E minh'alma a fingir-se soberana,
Mas fria, fria, algente, quasi morta!

Horrorisa-me ver o meu retrato.
Senhor, como isto foi? O meu semblante
— Olha — que pallidez baça e mortal
Revela! E mais: Qu'insomnia tão profunda
O meu olhar completamente inunda!
Dize-me tu, Senhor, lá, bem distante
Que sejas, lá do céo, com teu poder,
Que caso singular, que horrendo facto
Foi este que me põe todo a tremer!
Vos outros, que me ouvis: Onde a visão
Medonha, que gelou meu coração?

Minha casa é soturna
Depois que recebeu
A Morte, que a encheu
De treva, a tenebrosa
Visão mysteriosa,
Que a fez com uma furna.

E ninguem me responde. Olho e estremeço :
Eu de negro, espectral, todo o cabello
Branco !...
Tudo é de certo um pesadelo
Ou a Morte sou eu !
Assim dizendo,
— Que luta enorme e que soffrer horrendo ! —
De novo, já sem forças, desfalleço.
. . . . . .

NESTOR VICTOR

Morte posthuma

D'esses nós vemos : lá se vão na vida,
Olhos vagos, somnanbulos, callados ;
O passo é a inconsciencia repetida,
E os sons que tem são como que emprestados.

— Dia de luz. — Respiração contida,
Para encontral-os despreoccupados,
Ahi vem a Morte, estupida e bandida,
Rangendo em secco os dentes descarnados.

Mas embalde ella chega, embalde os chama :
Ali não acha nem de longe aquelles
Grandes assombros que aonde vae derrama !

E abre espantada os cavos olhos tortos :
Vê que elles tem os olhos vitreos, que elles...
Elles já estão ha muito tempo mortos !

(Pallium.)

CUNHA MENDES

Paisagem d'alma

Verás dentro em minh'alma esta negra paisagem :
— Um cypreste, ao bramir da forte ventania,
Em saudade profunda e em profunda agonia,
Move sentidamente a funebre folhagem...

Sobre a pedra de grande e merencorea lagem,
Uma flôr se debruça, uma flôr murcha e fria ;
Ah ! que vasta amargura, ah ! que melancolia
Cobre, por dia e noute, a lugubre paragem....

Paira no ar o pavor de estranhos desconfortos
E, por entre os montões de meus desejos mortos,
Desce um raio de luar nostalgico e tristonho.

E, lá baixo, mais longe, em funereo recanto,
Inda tendo na face as gottas de meu pranto,
Morre crucificado um derradeiro Sonho... —

(Pallium.)

EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO

Pethion de Villar.

A suprema epopéa

(REFLEXOS DE HUGO)

Esplendida visão! Tempos futuros!
Divino Sonho emfim crystallisado;
Das bastilhas por terra os negros muros,
O lobrego deserto atravessado!
Depois dos areiaes — a veiga em flôr,
Depois da Escuridão, depois do Horror,
O Sol, o riso bom da Primavera,
A Paz que os corações todos estreita!
Parece a Terra a noiva que se enfeita
E o Homem o desposado que ella espera!

Não mentiram as velhas prophecias:
Além, nas brumas do horisonte, avisto
A realisação das Utopias
Que entresonhara o coração de Christo!
O Povo ha muito espedaçou os ferros,
Ha muito o Verbo, jugulando os Erros,
O estandarte plantou da Liberdade
Na apotheose enorme de um Thabor!
Não ha escravos, já não ha Senhor...
Venceu a Luz! Venceu a Humanidade!

A jaula escura, o ergastulo profundo
Da antiga Lei, do velho Preconceito,
Em cuja gorja, em cujo barro immundo,
O Despotismo, em nome do Direito,
Prendêra as consciencias indomadas,

Os corpos das Nações crucificadas,
As almas todas, limpidas, severas,
Todos os grandes homens generosos,
Escondendo-os do Sol como leprosos,
Amordaçando-os como bestas-féras.

A porta d'esse barathro de horror,
O sello atroz d'essas prisões supremas,
Abriu, de um golpe, um braço vingador,
Quebrando ferros e quebrando algemas!...
E logo, todos os suppliciados,
Erguendo os tristes olhos assombrados,
Vibrando a fronte cheia de esplendores,
Azas bateram pelo céo em fóra,
Livres voaram procurando a aurora,
Como uma revoada de condores!...

Sublime paz, tranquillidade santa!...
Risonha exulta a Natureza em festa!
Tudo sorri, tudo trabalha e canta:
O passarinho — á sombra da floresta,
A Humanidade — á sombra da justiça!
Soberbo, o Povo que venceu na Liça
Segue, o Progresso — o grande palinuro —
Ao cicio da penna, á voz do malho,
Cantando a symphonia do Trabalho,
Cantando a Marselheza do Futuro!...

Ninguem se lembra mais dos Bonapartes;
Torres, canhões, leviathans de guerra,
Fortalezas, torpedos, baluartes,
Tudo ruiu, tudo rolou por terra!
Ja não ha tropas, já não ha fronteiras,
Alheias terras, plagas estrangeiras,
— Livres os portos, as cidades francas! —...
Sobre as Nações, emfim emancipadas,
No azul de um céo primaveril, paradas,
Arqueia a paz as grandes azas brancas!!

A ferrugem roeu as espingardas,
Roeu a traça a purpura dos reis ;
Das colossaes, flammivomas bombardas,
A cujos raios se escreviam leis,
D'esses sinistros masthodontes de aço,
Não resta, generaes ! nem um pedaço,
Na relva esmeraldina dos caminhos,
Nos altos montes, 'no areial da lande.
Um pedaço sequer, bastante grande,
Para servir de taça aos passarinhos !...

Norteia do alto o Verbo que irradia !
A Liberdade já não é um crime...
E' gladio — a Penna, o Livro — a artilheria,
Os Idéaes — o exercito sublime
Dos grandiosos prelios incruentos,
Das batalhas de luz dos Pensamentos !...
Deus, enfeixando essas soberbas armas,
Para amarrar esse trophéo divino,
Tomou a corda que tangia o sino,
O velho sino escuro dos alarmas !

Olhae, irmãos ! na profundez do céo,
Além, aquella estrella paquenina
Que vem rasgando, pouco, e pouco o véo
Da escuridão com sua luz divina...
Olhae !... ella annuncia, alviçareira,
A fraternisação da terra inteira !...
O' Republica ! ó Patria universal !
Hoje — visão, remota claridade,
Utopia... amanhã realidade,
Divino Sol, eterno e triumphal !...

. . . . . .
. . . . . .

Esplendida visão ! Tempos futuros !
Divino Sonho emfim crystallisado ;
Das bastilhas por terra os negros muros,
O lobrego deserto atravessado !...

Depois dos areiaes — a veiga em flôr,
Depois da Escuridão, depois do Horror,
O sol, o riso bom da Primavera,
A Paz que os corações todos estreita!
Parece a Terra a noiva que se enfeita
E o Homem o desposado que ella espera!...

(A Suprema Epopéa.)

ADHERBAL DE CARVALHO

Ideal

Venus, deusa pagã de altiva realeza,
Cujo corpo ideal, cujo cabeça airosa,
E redondos quatris, são a mais primorosa
E gentil perfeição da plastica belleza ;

Venus, mytho sublime e cheio de grandeza,
Quando surgiu do mar como um botão de rosa,
Não tinha a tua voz suave e harmoniosa,
E não possuia alfim teus olhos de princeza !

E's a Venus christã de um templo mais moderno,
Mais cheio de paixões nevrosthenicas de arte,
Em que a carne solfeja a Volupia do inferno!!!

E's o lótus budhista, o rubi do Oriente,
E's..., eu já não sei mesmo a que eu hei de egualar-te,
Quando louco contemplo o teu seio fremente !

Flôr de marmore

Na pallidez da tua face, n'esse
Cabello louro scintillando airoso,
Fico extatico, tremulo, medroso,
Qual se um iman meu corpo percorresse.

E' que tomo por ti tanto interesse,
E' que este meu amor, demais fogoso,
Quando te vê fem extasis de goso!...
E tu, como se nada acontecesse!

No entretanto (apezar d'esta frieza),
Ainda te adoro, ó pequenina louca,
Ainda te quero, ó flôr do meu desejo!

E, para dissipar esta tristeza:
— Por castigo dar-me-has a tua bocca,
Para que n'ella eu deposite um beijo!

O amor

(*A Carlos Colin.*)

Decantado elle foi nos poemas de Homero,
Da *Iliada* idéal á *Odysséa* encantada.
Em Andromacha, ao vêr Heitor morto por féro
Imigo, e na mulher de Ulysses, na chorada
Ausencia d'esse heróe que nunca esqueceria!

Teve a concentração profunda de um estudo,
No grande Shakespeare, esse colosso humano!
E na loucura atroz do D. Quixote ossudo,
A grandeza assumiu de um hysterismo insano,
E a frialdade mortal de uma grande ironia!

Que lamentem em vão nossos Werthers modernos,
Todas as Lauras e — todas as Dorothéas!
Que os novos Dantes têm outra especie de infernos,
E os poetas milhões de bellas Dulcinéas,
Que alimentam os seus voluptuosos amores!

D'esse numero eu sou tambem, minha querida!
O meu intenso amor é como a luz do sol
Que as aves em canção julgam que seja a vida!
O amor é como o bello : — um fulgido crysol,
Cheio de rouxinoes, de primavera e flôres!

(*Ephemeras.*)

FIGUEIREDO PIMENTEL

Olhos mysteriosos

Enygma vivo! esphynge indecifravel!
Quem poderá, acaso, desvendar
Os arcanos que existem no insondavel
Fundo d'aquelle olhar?!...

Olhar que lembra o Fogo-fátuo, errante,
De cova em cova, rapido, a fugir;
Olhar d'aço — ora morto, ora brilhante,
Exquisito, a fulgir...

Olhar immenso, olhar caliginoso,
Do Infinito espelhando a vastidão,
Que terrivel segredo mysterioso
Reflecte o teu clarão?

Olhar que falla... Mas, que lingua estranha,
Que idioma de barbaro paiz,
Fallam taes olhos, cuja luz me banha,
Fazendo-me infeliz?!...

Que paizagem fantastica de Sonho
Esse olhar nebuloso reproduz
— Logar triste, deserto, ermo, tristonho,
Sem trevas e sem luz;

Onde uma côr funerea, indefinida,
(Uma côr, que não é bem uma côr)
Paira como uma luz amortecida,
Um livido pallor?

Enygma vivo! esphynge indecifravel!
Quem poderá, acaso, desvendar
Os arcanos que existem no insondavel
Fundo d'aquelle olhar?

Olhar trevoso, olhar que nos aponta
Incognoscivel *Região d'Além* :
Quem é que sabe o que esse olhar nos conta?!..
Ninguem!... ninguem!... ninguem!...

FREITAS GUIMARÃES

Morta !

Tinha quinze annos só. Seus olhos grandes, cheios
De uma suave luz, de um mysticismo doce,
Eram dois céos azues, mas n'elles eclypsou-se
O sol que convidava est'alma aos devaneios !...

A bocca — uma caçoula oriental — vermelha
Como a sanguinea côr das madrugadas claras,
Pyra accesa, a queimar essencias as mais raras,
E onde ardia do goso a rúbida scentelha

Que as carnes incendeia e o sangue precipita ;
Amphora que guardava o nectar dos divinos
Moradores do Olympo ; ámbula que os mais finos
Licores encerrava... agora, sem a fita

Rubra que déra vida aos labios, desmaiada,
Muda, sem risos, fria e exsangue, mas ainda
De mil perfumes cheia... a sua bocca linda
Fez-se calix de flôr immácula e nevada !...

Os cabellos, meu Deus ! a cabelleira, loura
Como os louros trigaes de outubro, — flavo manto
De ouro que lhe cahia aos hombros —, essa, entanto,
Embora esteja morta, inda lhe os hombros doura !...

E n'essa trança farta, — um turbilhão de fios
Sedosos e subtis, dourados, tentadôres —
Minha dextra espalhou as pétalas das flôres
Que se abrem ao calôr fecundo dos estios !

Morta, com as mãos em cruz sobre os dois seios pul-
[chros,
Desbotoados ao sol da puberdade, quando
Fito o seu morto olhar, vejo n'elle, boiando,
Luz semelhante á luz que se ergue dos sepulchros!...

Então, parece viva... e o meu olhar perscruta
Dos seus olhos no fundo o que o seu peito encerra,
Peito em que irá bater talvez, dentro da terra,
O mudo coração que esta minh'alma escuta!...

Fico só, a pensar horas inteiras, triste,
N'essa creança morta em plena mocidade,
Buscando em seu olhar a meiga claridade
Que me banhava o ser e eu penso que inda existe!...

Mas... pobre coração! a realidade é esta:
Viveu... é morta agora, exsangue, emmudecida!...
— E não se me vai nunca esta enfadonha vida,
Esta vida sem fim, estupida e funesta!

(Estrophes.)

JOÃO RIBEIRO

Lux et umbra

Sahiste e para sempre! e vi na escada
Mollemente rolar os ondulosos
Folhos do teu vestido róseo e a cada
Ondear, senti uns fremitos nervosos.

Poderia correr todo este mundo,
Ir-te buscar insano e desvairado,
Porque bebe-me o sangue esse profundo
Amor tão grande quanto desgraçado.

Poderia seguir-te na carreira
E cahir como a sombra tenebrosa,
Que se debruça aos pés d'uma palmeira,

Até que o sol acima e o dia em meio,
A sombra pouco a pouco sequiosa
Viesse confundir-se no teu seio.

Paisagem sergipana

Scintilla o sol nas pedras lutulentas
E' mei-dia talvez... os boiadeiros
Pelas rubras estradas poeirentas
Passam cantando. Os longiquos oiteiros

Vem deformar-se á tona da lagôa...
Sobre o aquoso brejo humido e molhado
Uma esguia e solitaria canôa
Fluctúa presa a um tronco abandonado.

Ao longe na montanha semelhante
A' parasita que abre-se a mei-dia,
Enflora a alegre solidão distante
Uma choupana alegre e luzidia.

ANTONIO BRAGA

Esquece!

Fujo a mim mesmo pallido de espanto
Para que a Cruz sobre este amor — delicto
Que nos condemna e que nos une tanto —
Não abra os braços de algido granito.

Si extincta fosse esta affeição infinda,
Talvez então sentisse, o peito gasto,
Calor e luz! Ha tanta virgem linda,
E como o teu ha tanto seio casto!

Porém, o coração, sempre luctando
Contra os punhaes acerbos da agonia,
Vae, gotta a gotta, o sangue espadanando
Dos sonhos mortos sobre a lagem fria.

E passam annos! E, comtudo, sinto
Tristeza tanta e magoa tão profunda,
Que ao ler os versos meos, dirão que minto,
Rindo da estoica dôr que me circumda.

Porém, o seio teu que foi vendido
Perante os homens e perante altares,
Sei que, em silencio, agonico e ferido,
Sente na lyra minha os meus pezares.

Mas, ai, querida! A ti que flagellada
O seio tens na mesma Treva immerso;
A ti que, afflicta, em lagrimas banhada,
Soffres ouvindo o grito de meu verso;

Mais uma angustia te prepara a Vida...
— Talvez com teu olhar tranquillo e triste
Nunca mais possas ver, minha querida,
Quem te prefere a tudo quanto existe!

Então, te peço, olvida este martyrio
Que ha tanto inutilmente nos tortura...
Tudo termina, immaculado lyrio;
Terminará tambem a desventura.

Longe de mim encontrarás conforto,
Terás allivio á dôr que te descora!...
Longe de ti, embora quasi morto,
Quero sonhar como sonhava outr'ora!...

(*Cenaculo.*)

PAULO DE ARRUDA

Ave, Maria!

Bemdita seja essa visão serena
Que hoje aos meus sonhos, soberana, desce,
Esse perfil hebreo que resplandece
Como o da santa Virgem Nazarena.

Bemdita seja a candida açucena
Que entre os lyrios do céo, casta, floresce,
E que por mim, piedosa, o céo esquece,
E a agonia dos sonhos me asserena.

Clamem, radiando, os astros que supplantas,
E as estrellas e o luar, clame o infinito :
« Gloria na Altura á Santa entre as mais santas ! »

« Amen » digam-te os anjos noite e dia,
Que eu dentro d'alma, trémulo, repito :
Bemdita sejas tu, doce Maria ! »

No exilio

Só, na escarpada rocha onde esfusia
Do mar da Vida a colera espumante,
Eu fito ao longe sob um céo distante
Minha patria ideial da Phantasia.

Lembro o tempo feliz em que eu vivia
Cantando o Amor, sonhando a cada instante,
E essa lembrança torna mais cruciante
O immenso horror de minha nostalgia!

E lá, bem longe, em plena immensidade,
Vejo-as passar, tristonhas e serenas,
As soluçantes aves da Saudade!

De azas pendidas, mortas de cansaço,
Passam deixando um leve rastro apenas
De plumas soltas pelo azul do espaço!

FROTA PESSÔA

Rouxinol

Passas cantando, rouxinol de tranças,
Essa eterna alegria gargalhando...
Canta. Tempo virá, que só lambranças
Do passado feliz irás cantando.

Esses que vivem magoas soluçando
E que jámais cantaram de esperanças,
Esses talvez que se aborreçam, quando
Passas cantando, rouxinol de tranças.

Mas eu, que tive os risos da ventura,
E cantei as cantigas que a ternura
Costuma por na bocca das creanças,

Quero-le bem por toda essa alegria
Que, com teus risos cheios de harmonia,
Passas cantando, rouxinol de tranças.

Cruel perfume

Tu és a flôr sinistra e tenebrosa,
Que no jardim do vicio te formaste...
Vi-te ao passar ; parei... Alta e formosa,
Com teu perfume atroz me embriagaste.

Quiz te fugir, tu me prendeste. Airosa,
N'um balouço gentil te debruçaste ;
E estremeci, tulipa venenosa,
A's fortes emoções que me inspiraste.

Era livre e tornei-me teu escravo ;
Algemado vivi, triste e submisso,
Era livre e tornei-me teu escravo ;

E a pompa, a força, o peregrino viço
Fugiu ao coração rigido e bravo
E foi só teu perfume que fez isso...

LEONCIO CORREIA

Alma de Artista

Sob o azul melancolico e dolente
Das noites de luar, — a alma saudosa
Do Artista se abre, palpitante e quente,
Como oloroso calice de rosa :

E todo o effluvio do luar dormente
Aspira, sorve e com volupia gosa :
Que desse luar toda a tristeza sente,
E toda a nostalgia luminosa ;

Pois nessa concha, victoriosa e fraca,
Onde do Mal seccaram as raizes,
E do Odio torvo o temporal se applaca,

Passam, gemendo, em longas desfiladas,
A proscripção das raças infelizes,
E os sorrisos das gentes desgraçadas....

Pela Africa

Ha o calor, que suffoca. A areia, a argila,
As broncas pedras asperas dos montes
Abrasam. A agua espuma, e ferve... Oscilla
O mar. Curvam-se em fogo, os horisontes.

Queda-se a matta, esplendida e tranquilla;
Repoisa, aos céos erguendo as atras frontes,
A monotona, tarda e longa fila
Dos crocodilos e rhinocerontes...

Paira pela pesada natureza,
— Como um luar nostalgico e perenne, —
O genio do Infortunio e da Tristeza;

E, como que ainda se ouve, ás suas portas,
O dolorido anciar da alma solemne
E veneravel das idades mortas...

CARLOS COELHO

Canção dos tropicos

A cigarra estridúla, e, supplice, cicia,
Occulta no silvedo; iriantes borboletas,
Amarellas, azues, avermelhadas, pretas,
E outras brancas, da côr da espuma fugidia

Das aguas em cachões, adejam; violetas
Espargem o perfume, ameno, que inebria;
Ouve-se, muito além, ao descambar do dia,
O pesado rodar das rusticas carretas.

O sol desapparece atraz de alta montanha;
O crepusculo empresta á tarde, vagaroso,
Suave claridade empallecida, estranha;

E perturba o silencio horrifero das mattas,
Sob o limpido céo tranquillo e magestoso,
O rouco despenhar das querulas cascatas.

Harmonia selvagem

A lua vem rompendo atraz de uma collina...
O gavião corta o ar com seu vôo altaneiro ;
Pelas moitas em flôr o limpido ribeiro
Espreguiça-se e corre ao longo da campina.

Os pyrilampos de aza irradiante e fina
Tremeluzem por entre as touças de espinheiro;
A cigarra chilreia ; o zephyro fagueiro,
Que, timido, perpassa em quérula surdina,

As lianas agita e brandamente inclina
Do ipê florido a cópa ; e, junto de um coqueiro,
A onça, deitada sobre a relva esmeraldina,

Alonga pela estrada em que o bosque termina
O pavoroso olhar, vivo como um brazeiro...
A lua vem rompendo atraz de uma collina.

(Psychoses.)

JARBAS LORETI

Noites

Quanto vos quero, ó noites estrelladas,
Tão cheias de um silencio deleitoso,
E unicamente feitas para o goso,
Para o enlevo completo das amadas!

Quer se escôe o luar pelas ramadas,
Quer brama o lemporal, atro e raivoso,
Escurecendo o céo esplendoroso,
E inundando as montanhas escalvadas,

E' sob o vosso manto sempiterno, —
Que se esquecem torturas lá do inferno,
Nas delicias de um somno confortante...

Só vos não ama, ó noites mysteriosas,
Quem não gosta dos lyrios nem das rosas,
Quem nunca adormeceu junto da amante...

Fórmas aerias

Quando vos vejo, ó nuvens esgarçadas,
Neste profundo e concavo céo manso,
Me vêm á mente, num tristonho avanço,
Umas minhas antigas namoradas...

Nas suas fórmas roseas ou nevadas,
O de poeta meu olhar descanço,
Como si achasse divinal remanso,
Feito de arminho e flôrés nacaradas...

Opala e borboleta, — a phantasia
Cresce-me então como si fôra infinda,
E vive do que outr'ora ella vivia;

E doura os vultos, onde os olhos ponho,
De Esther, Maria, Alice, Laura e Arminda,
— Cysnes mortos no lago de meu Sonho...

LUIZ GUIMARÃES FILHO

Emquanto reina o silencio

Pela estreita janella côr de rosa
Do pavilhão cercado de verdura,
A Princeza Gentil sente a frescura
Da noite luminosa...

As aves dormem sobre os ramos frescos,
Na perfumada sombra do pomar...
E no tecto dos templos gigantescos
Reflecte-se o luar...

A Princeza Gentil tem nas espiras
Da sua trança de ébano, enrolada,
Uma longa serpente recamada
De esplendidas saphyras...

A cegonha que desce da montanha
E vae pousar no lago, entre os salgueiros,
E' mais alva que as aguas dos ribeiros
Onde a Lua se banha...

A Princeza Gentil fita o horizonte,
E agita o leque em sandalo esculpido...
Emquanto a voz do pombo adormecido
Chóra de monte em monte...

E um desmaiado raio de luar,
Indo cahir na refulgente veste,
Faz sobre a sêda pallida brilhar
Uma enorme turqueza azul-celeste...

A flôr da laranjeira e a saudade

Diz a primeira — num perfume inquieto
Mais doce que os terrestres idiomas —
Abrindo o seio ao luminoso insecto,
E derramando musicas de aromas :

— Eu visto o campo azul de mocidade!
Cubro de neve os laranjaes enxutos!
Sou o emblema immortal da virgindade,
E o berço branco dos dourados fructos!

Cerco de amor a fronte das esposas!
Aromatiso a virginal manhã
Do transparente manto dos noivados...

Mas tu que fazes, triste flôr das lousas?
E a saudade responde á altiva irmã :
— Eu perfumo o caixão dos engeitados!

(Ave-Maria.)

XAVIER MARQUES

Seductora

Pallida, esguia em formas, delicada,
De um talhe fino, porte esvelto e airoso;
Lançando o olhar olympico, orgulhoso,
Qual soberba rainha enthronisada;

Cabellos em ondas, como flamma airada,
Collo-virgineo lago bonançoso
A entremostrar a perola do goso,
Para supplicio d'almas, engolfada.

Se o puro esmalte de seus dentes brancos
Aiveja ás vezes em sorrisos francos,
Palpita a flôr sanguinea do desejo...

Como seria bom beijar-lhe o riso
Na propria bocca, fosse até preciso
O coração pagar por esse beijo!...

Amor proprio

Arfa-lhe o seio, o coração lhe bate,
Ferve-lhe o peito num desejo ardente...
Ella, comtudo, finge estar contente,
Velando a custo o intimo combate.

Que se estortegue em ancias, que se mate
De aceradas paixões interiormente...
Forçoso é rir, como a lagrima latente,
Luctar com a tentação que n'alma embate.

Querem fallar os labios, mas não fallam;
Querem gritar as dores, mas se calam,
De austera voz ao mando soberano

Padeça o amor sublime de ternuras;
Qu'esse amor-proprio, origem de torturas,
Barbaro sendo, infelizmente é humano.

PEREIRA DA SILVA

Vae victis

(« IN EXTREMIS »)

Et videti si est dolor
sicut dolor meus.
(*Lamentationes Geremiae.*)

Não visse eu perto a legendaria, a feia,
A parca fouce a reluzir no gume;
E o nosso amor que tanto hoje me enleia
E me enche tanto de paixão e ciume

Certo trouxera a minha alma cheia
De Luz, de Sons, de beijos, de perfume...
Mas já não posso ! esta infeliz ideia,
Cada vez mais, vulto maior assume:

A Morte! A Morte! E em toda parte, em tudo
Este phantasma acocorado e mudo
Sempre acenando, sempre me acenando...

Estranha idéa ! idéa estranha e louca !
Quando me beija tua propria bôcca,
Parece a morte que me está beijando !

LUIZ EDMUNDO

Mystica

I

Alma! quem te formou assim tão bem formada?
(E nasceste talvez para viver commigo.)
Santa! quem te desceu do immaculado abrigo
Onde a ventura móra e tens tua morada?

Homens vis! Homens crueis! De alma no amor chagada;
Que esta vida affrontaes como um cruel castigo!
Ah! sentisseis a luz de seu olhar amigo
E o tacto de sua mão pequena e avelludada.

Quem te mandou a mim? Como soubeste, Pura,
Que aspirando viver na maxima ventura
Desejei teu amor e desejei a vida?

De onde vens a trazer aos intimos refolhos
De minh'alma o clarão que eu vejo nos teus olhos,
Sonho feito mulher! Oh, fórma estremecida!

II

Deixa que eu possa ler o idyllico poema
Dos teus olhos de luz cheios de castidade,
Que este sonho que me ergue aclara-me a verdade
De um bem que eu vejo como uma ventura extrema.

Oh! casta apparição! Immaculado emblema
De pureza sem fim, de extranha claridade!
Eu já sinto o poder que acorda a virgindade
Dos nossos corações dentro da mesma algema.

Vem! amor que esperava, em placido momento!
Santa! trazes a luz toda do firmamento,
Toda a firmeza e toda a placidez do luar.

Tu que as dôres do mal nos corações estancas,
Abre por sobre mim as tuas azas brancas
Para eu poder viver! Para eu poder sonhar!

A galera fatal

Na superficie azul dos teus olhos parados,
Mar que mostra a agua mansa e que guarda no fundo
Em torvas convulsões hydras, feras e um mundo
De severos tritões e golfinhos ousados;

Na payzagem, na luz de que me aqueço e inundo,
Luz que nasce do ardor de enormes sóes doirados,
Vejo que traça o mar, num risco alvo e profundo
A galera fatal dos tristes condemnados.

Vão ao eterno paiz da Magoa e da Tortura,
E o mar é calmo e o céo é brando e o vento é leve.
Tudo é propicio ao Mal quando o Mal se procura...

E eu que os vejo, e eu que sei a sorte que os espera
Não temo por saber que hei de seguil-os breve,
Que hei de viajar á Dôr nessa fatal galera!

DALTRO SANTOS

Taça cheia

O coração humano é uma taça exquisita :
— Ora no rendilhado e fino bojo ostenta
Delicioso licor que o pezar afugenta
E á gloria, ao goso, á luz a nossa vida incita ;

Ora o concavo guarda uma escura e maldita
Mistura de veneno e de fel que arrebenta
Os labios ; ora, emfim, nossa bocca sedenta
Enche de sangue, e o travo a raiva nos excita.

Sempre cheia ! Jámais emborcamos a taça !
Quer nos traga o Prazer, quer nos traga a Desgraça,
A alma bébe, impellida, subjugada e ductil.

E quando a Morte vem, sorrateira e silente,
A taça, emfim, quebramos, rindo heroicamente :
— Imprestavel p'ra sempre, eternamente inutil !

(Obelisco.)

OSCAR PADERNEIRAS

Ausencia

Desponta a aurora e nasce o claro dia
Que corre... e corre... e corre lentamente,
E desce logo apoz, silentemente,
A noite, a triste noite, humida e fria !

E eu, a clara luz, que se irradia
Do sol, o grande sol vermelho e ardente,
No silencio da noite a alma erradia
Vóa p'ra ti mulher, que estás ausente.

Vejo-os tambem, não passa um só momento
Sem que elles dois estejam revoando
Doces imagens ! no meu pensamento !

No entanto tu me escreves duvidando
De que esta ausencia é o unico tormento
Que vae meu peito aos poucos lacerando.

Luz e Trevas

Era hontem já bem tarde. Eu fui ao cemiterio.
Partia-se-me a alma em vagalhões de dôr
Ao concerto funereo
Do cyprestal bravio e da saudade em flôr.

Cavava o bom coveiro alli, n'aquelle imperio
Do pranto e da tristeza, o bom trabalhador.
Em frente ao eremiterio,
Cantarolava a rir uns canticos de Amor!

Eu fui ajoelhar-me aos pés da cruz erguida
A' ultima esperança, á luz da minha vida
Ao meu amor primeiro.

Emquanto eu soluçava a prece dolorida,
Vinha ferir-me a alma em trevas embutida
O canto do coveiro!

DEMOSTHENES DE OLINDA

Luz e sombra

Um para o outro nós vivemos como
A luz e a sombra vivem para a flôr,
Vamos á terra santa da Esperança
Colher os beijos do mais santo amor.

Ahi mais que ditosos nós seremos
Como noivos amantes suspirando,
E vendo as nossas supplicas unidas,
Calmas, serenas para o céo voando!

Eu creio nos teus olhos pensativos,
Tu nos meus pensativos olhos crês,
E nos espera o thalamo de rosas
Que para nós e os passaros se fez!

Choras? não chores! cahe-me o pranto n'alma
E minh'alma tambem comtigo chora...
Dentro em meu peito as lagrimas tremulam,
Como no espaço as lagrimas da aurora!

E dizes-me: que importa o soffrimento
Si eu te vejo tambem por mim soffrer?
Mas eu não tenho o coração de arminho
Para tão finas perolas conter.

Vê como o céo é calmo e a noute é bella
Florejada de estrellas e de sonhos!
E porque choras pallida, envolvida
Em scismares lethargicos, tristonhos?

Enxuga o pranto! A fé nos abre o vôo,
Vejo o mesmo crepusculo que vês,
Mas eu creio em teus olhos pensativos
E nos meus pensativos olhos crês...

(Ortivos.)

JAYME GUIMARÃES

Sonhos

Na bemdicta estação da mocidade
Enchem-nos a alma as grandes utopias ;
E' um sonho a vida : — amores, alegrias,
Que um dia recordamos com saudade.

Depois vêm da existencia as ironias,
Depois vem, a seguir, a austeridade ;
Os sonhos mudam, porque nessa edade
Nós somos presas de outras phantasias !

Sonhamos sempre. O espirito risonho
Não pára nunca e é sempre a mesma cousa :
E' despertar e recahir no sonho...

Chega a velhice... Nessa quadra incerta
As almas vão sonhar na fria lousa...
Mas deste sonho ninguem mais desperta !

Madrugada

Salve, olhar do nascente, orgia idéal das côres,
Longinquo e aureo balcão, de onde, a face num véo,
Aurora canta á vida e enfeitada de flôres
Assiste todo o dia ao carnaval do céo.

O sonho, o pesadelo, a tortura de réo [horrores,]
Que enche o sommo de crime e a alma inunda de
Fogem quando ella surge envolta de esplendores,
Assim como um bandido ante um regio trophéo.

A treva e a luz são dois gladiadores na arena.
Um amphitheatro — o espaço, e a fantastica scena
Domina, a terra inteira é um formidavel côro...

Salve, aurora triumphal, gloria da natureza!
Tu que trazes no sol tua eterna riqueza, [ouro!]
No amplo cofre que se abre enchendo o mundo de

LYCIO DE CARVALHO

Lyra

Cantei na terna lyra os amorosos
Instantes de alegria e soffrimento,
De fadas mil sorrisos primorosos
E as estrellas no azul do firmamento.

Passarinhos gentis e venturosos
Tambem cantaram dulçurosamente;
Ouvi os seus poemas maviosos,
E meu passado me voltou á mente.

Tambem cantei, formosa, a sorridente
Alma querida, que a illusão inflora
Da primavera na estação ridente.

Senti, então, um pranto de saudade
Rolar-me pelas faces, como agora,
Rompendo o véo de minha soledade.

(Peregrinas.)

Perseverando

Flôr de minha, alma, escuta! — Eu não lamento
A cruel sorte que me rouba a vida...
Gemidos de meu peito e meu tormento
Não revelo a ninguem, — minha querida.

Não roube o tempo teo celeste encanto,
Seja tua vida florescer divino ;
Enxuga de teus olhos triste pranto !...
Que lucte eu só e só contra o Destino !...

Porém, se o corpo meu, — pomba innocente,
Cançado de soffrer buscar a morte,
Envia ao desditoso, docemente,
A luz de teu olhar que me conforte.

(Peregrinas.)

HENRIQUE CASTRICIANO

Noiva Ideial

I

A minha noiva no oceano habita,
Mora no pego azul dos vastos mares...
Orna-lhe o manto, a pallidez bemdita
De uma cinta de conchas estrellares.

Do crepusculo na tunica divina,
Eu vejo—a sempre quando a noite desce,
Sonhando, ás vezes, perto de um'ondina,
Envolta, ás vezes, n'um luar de prece.

Seguem meus olhos essa moça ignota,
Essa visão serenamente doce ;
E o coração transforma-se em gaivota,
Si, por brinquedo — em vaga — ella mudou-se.

Doudo me chamam... dizem : pela praia
Vagueia o louco n'um delirio insano,
Emtanto, o seu vestido de cambraia
A minha noiva tece no oceano...

II

Tingio-se o mar, um dia, de vermelho...
— Elle padece — todos murmuravam ;
E as camponezas, tristes, de joelho
O firmamento mudo interrogavam.

Raiava o dia branco e aljofarado,
Como quem desce de longiquas plagas
Principe loiro, loiro e delicado,
Vinha beijar as tunicas das vagas.

Do largo céo no descampado immenso,
Morria a estrella d'Alva immaculada;
Pingo de leite, tremulo, suspenso
Das pomas ideiaes de alguma fada.

E a moça me apontando o vasto,
O vasto abysmo cerulo a chorar,
« Senhor », — me disse n'um queixume casto, —
Alguem ferio o coração do mar?

Ingenua e branca, a virgem não sabia
Que a minha noiva enternecida e langue,
Pallida chorava, e que seu pranto ia
Mudando o abysmo n'um luar de sangue.

E quando revelei-lhe o meu segredo,
Terna fitou-me compassiva e mansa...
Depois, fugindo como quem tem medo,
Ella teve sorriso de creança.

« Como chamai-vos? — Perguntai á esphera ».
« E a vossa noiva...? » — Para que saberdes?
E' uma pequenina primavera,
De olhos azues e de cabellos verdes!

Rio-se de novo a camponeza. Emtanto,
Eu via, sempre n'um delirio insano,
Que minha noiva desfazendo o pranto,
Tecia o seu vestido no oceano!

(Ruinas.)

ONAS DA SILVA

No Bosque

Eu e tu, caminhando passo a passo,
Sob a virente cupola dos ramos,
Docemente sorrindo, alegres, vamos
Tendo o teu braço preso no meu braço.

Por fim, depois de muito andar, paramos
Ambos mortos de amor e de cansaço;
Só se escuta vibrar de espaço a espaço
O dolente cantar dos gaturamos...

Vendo inscripções nas arvores, murmúras:
Si os nossos nomes tu tambem gravasses
Para lembrança em epocas futuras...

— Para lembrança no futuro, louca,
Eu sentirei teu beijo em minhas faces,
Tu sentirás meu beijo em tua bocca!

Morta

Da brancura dos alvos nenuphares,
Ella — formosa e timida creança,
Partiu sorrindo em busca da bonança,
Em busca dos edenicos pomares.

Tinha no olhar o brilho dos luares,
Das noites sem luares tinha a trança,
E nos finos setins côr da Esperança
Dormia qual um lyrio á flôr dos mares.

Hoje, sorrindo, em meio aos esplendores,
Vive no Empyreo, no paiz das flôres,
No paiz dos harmonicos cantares.

Mas, na miragem rutila do senho,
Inda contemplo o seu perfil risonho,
Da brancura dos alvos nenuphares!

(Amphoras.)

CARLOS GOES

Ironia do vento

Lá fóra a grande noite constellada,
O espaço silencioso, ermo e vasio...
Na altura que resplende marchetada
Os velhos astros chocam-se de frio!

Da noite immota ao tremulo arrepio
Ouço uma nota turgida e magoada,
Um prolongado e vago murmurio
— Brando rumôr da noite na calada...

Ergo-me e escuto... A mais e mais distante
O mesmo som dorido vai rolando
N'uma expressão sarcastica e irritante!

A noite ausculto... Céos! E' uma ironia
Do vento que no espaço reboando
Ri-se da dôr que a alma me crucia!

Amor e scepticismo

Oh! que dourada quadra enflorada de beijos
Essa, que o nosso amor architectou fremente!
Nós iamos a rir n'uma alegria ingente
Atirando ao azul os musicos harpejos

De uma canção sanguinea, esplendorosa e quente!
E dos nossos febris e calidos desejos
A flammula vermelha, ondulosa e tremente,
Do vento desfraldada aos tremulos bafejos

Desferia no espaço uma caricia enorme...
Sondei do febro amor os intimos arcanos
E desci d'esse abysmo ao barathro profundo!

Hoje esse ovante amor — féra enjaulada — dorme...
Vivo apathico e só e, no verdor dos annos
Punge-me o scepticismo e descreio do mundo...

(Crotalos.)

JULIO DE FREITAS JUNIOR

Magna dolor

Cantava outr'ora o coração ridente,
A melodia idéal da f'licidade.
A vida em gozos, na risonha idade
Das primaveras, do sonhar ardente,

Era um perenne chilrear contente,
A fantasia na realidade.
Mas eis que, subito, a infelicidade
Tudo transforma dolorosamente.

Hoje, em ruinas é minh'alma o asylo,
Onde se acoita, co'o maior sigillo,
A dôr mais negra que aos mortaes é dada.

E vós, que tendes coração e amor,
Quereis saber porque eu abrigo a dor?
Pois bem : 'stá longe a minha noiva amada!

(*Embryonarias.*)

ALVES GUIMARAES

A vela

Pingo a pingo se vae gastando a vela,
A minha boa amiga,
Que com o vento que sopra-a da janella,
N'uma lucta constante choramiga.

Não tive inda o prazer de contemplal-a
Socegada um momento;
Doudo insecto vem logo atormental-a,
Se acaso de affligil-a deixa o vento.

A' custo sua luz tremula espalha
Pelas quatro paredes alvacentas,
Uma phalena a chamma lhe amortalha
Nas azas pardacentas.

Tristonha me fitando, pede, afflicta,
Que o insecto noctivago afugente,
E que a janella feche a esta maldicta
Rajada impertinente.

« Deixa que eu durma um pouco. De descanso
Preciso. Como vês, chego a dobrar
Sobre o livro a cabeça. Eu te affiança
Vir d'aqui a uma hora alliviar ».

. . . . . .

Quando acordei em plena escuridão
Achei-me, maldizendo aquelle somno,
Por deixal-a morrer, que ingratidão!
Em completo abandono.

Apenas, qual vestigio bem sinistro,
Da perda lamentavel,
Que com justo remorso aqui registro,
Doida a consciencia inconsolavel,

Da pobresinha achei uma enfiada
De lagrimas, compridas, numerosas,
Que pela face sua descorada
Tinham corrido tão silenciosas...

. . . . . .

Se, tu ao desamparo te apagaste
Nesta noite fatal, vela querida,
Não se apaga a saudade, que deixaste
Accesa no meu peito toda a vida...

Em um album

(DEPOIS DE INSTANTES PEDIDOS)

Se pela Medicina a Musa, um dia,
Eu não deixasse por causar-me atraso,
Em vosso rico Album deporia
Uma estrophe, qual flôr em fino vaso.

Desde a data em que entrei p'ra Academia
Foi-me vedado o ingresso na Parnaso,
Como filho de Hypocrates devia
Do pulchro Apollo não fazer mais caso.

A lyra, então, troquei pelo escalpello,
Não mais cantei o grandioso, o bello
Vi ser materia tudo o que figura...

Já que roubou-me a sciencia o estro, a rima,
Que o alto apreço em que vos tenha, exprima
Em vosso album a minha assignatura.

ULYSSES SARMENTO

Almas amantes

Essas que vão a rir pela existencia afóra,
Almas boas e sarís, sublimes e enlaçadas,
Que vagam desde a noite ao despontar da aurora
A sacudir o pó das illusões doiradas,

Sem reverem do mal que os corações devóra
O peso, e o dissabor das horas torturadas,
Lá vão ellas a rir, ora entre beijos, ora
Entre o doce volver das illusões passadas.

Almas boas e sans, almas ingenuas, almas
Que não viram na vida as sensações defuntas,
E se vão pela vida esperançosas, calmas,

Levadas pelo amor e pelo amor crescidas,
Vivas — vagam na terra e se contemplam juntas,
Quem sabe se com a morte hão de viver unidas?...

(Torturas do idéal.)

No banho

Vae para o banho mal rompendo o dia
Vem, e ao vel-a na praia, carinhosa,
O loiro sol que no seu rosto espia,
Morde-lhe a carne lubrica e nervosa.

Ella estremece, e a cabelleira fria
Desnatra, mas tão tenue e receiosa
Que ao vêl-a n'essa timidez sombria,
Toda a minh'alma curva-se medrosa.

Nua, de pé, cruzando lenta os braços,
Curva a cabeça, só fitando a areia,
Onde imprimira levemente os passos;

Ella, livre afinal de extranha magua,
Levando a carne de volupia cheia,
Vae se arrojando aos poucos dentro d'agua...

(Clamydes.)

O sonho de Marco Antonio

Rompe o luar purissimo, doirando
O céo do Egypto. E' noite. Um murmurio
De vozes, vae aligero passando,
Estremecendo os palmeiraes e o rio.

Sonha o guerreiro. Tremulo e sombrio
Bate-lhe o seio puro, que o domando
Viera outr'ora, n'um luar de estio,
O amor feliz, esperançoso e brando.

Sonha que vê Cleopatra no leito
Estendendo-lhe a mão nervosa e fina
Sobre o formoso e enamorado peito.

Sonha; mas n'alma ferem-n'o os desejos
E mesmo em sonho morde-lhe a divina
Face, ao ranger frenético dos beijos!...

(Clamydes.)

HERMETO DE LIMA

Palacio vasio

Transpuz primeiro a grande escadaria
Desse palacio outr'ora resplendente,
E receioso e tremulo e descrente
Os corredores todos percorria.

Em tudo a mesma solidão sombria,
Por toda parte essa mudez ingente,
Quanta tristeza nos salões, sómente
Dantes abertos para a fidalguia.

. . . . . .

Como o palacio solitario, antigo,
Quanta gente no mundo traz comsigo
O coração tambem ermo e vasio,

E que guarda, comtudo, até agora,
O segredo das galas de que outr'ora
O mesmo coração já se cobrio!

(Estalagmites.)

Atravez de passado

O que é feito de vós, gentis morenas,
Que tanto idolatrei ? Onde occultaes
As vossas frontes puras, divinaes,
O minhas juritys, minhas phalenas ?

Maria, onde é que estás ? Onde as serenas
Manhãs de Abril, manhãs orientaes,
Em que nós dous, por entre os matagaes,
Iamos, rindo, em busca de açucenas ?

E tu Cordelia meiga, e tu Dolores,
E tu casta Eleonor ?... sim, meus amores
Todos se foram pelos céos afóra !

Mas ah ! nos sonhos meus, em longo bando,
Destaco, vagarosas, caminhando,
Essas que foram minha vida outr'ora.

(Estalagmites.)

ELYSIO DE CARVALHO

Olhos verdes

Estes teus olhos, criança,
Verdes, verdes como o mar,
Em calmaria, em bonança,
Têm mais brilho que o luar.

E quando me fitas, quando
Lanças os olhos em mim,
Eu penso que está me olhando
Lá dos Céos um Seraphim.

Mesmo porque nelles vejo,
Em teus olhos côr do mar,
Um Anjo, em rapido adejo,
Com a mãosinha a me acenar...

E vou... Mas assim, formosa,
Que me approximo de ti,
Foges, vôas, pressurosa,
Para bem longe de mi...

Si foges, pr'a que me acenas?
P'ra que me fazes penar?
Porque é que assim me envenenas,
Com teus olhos côr do mar?

ANTONIO SALLES

O Carro de Bois

Chove, e os fios de chuva, como espinhos
Crivam da terra o palpitante seio,
Envolto, embora, no frouxel das folhas,
E a agua, tinta do barro dos caminhos,
Dos morros flue num escarlate veio,
Em purpurinas e trementes bolhas.

Torce-se a terra ao barbaro castigo,
Crispa-se ao vento sacudindo a coma
Verde, sorante de seu pranto amargo...
E eu, tiritante e allucinado, sigo,
Preso d'esse terror que não se doma,
Sobre o corcel, que avança a trote largo.

Gemidos cavos, afflictivos gritos,
Doridos ais, soluços estridentes,
Mysterioso gaguejar de vozes,
Ouço a resoar com timbres exquisitos
Nos recolhidos penetraes dormentes,
Sem um ruflar de remiges velozes.

Do glauco abysmo das cavadas grotas,
A cujo fundo o olhar não chega nunca,
Se eleva a melopéa obsedante
De litanias funebres ignotas,
E a palma de um bambú, tremula e adunca,
Perfida, acena ao misero viandante ;

O sudario da bruma envolve os montes
E os fólhos brancos pela encosta estende,
— Avalanche intangivel, que não rola
Sobre mim, mas me veda os horizontes,
De incertezas num cingulo me prende
E da paizagem de em redor me isola.

Um tom falso de noite prematura,
Porém mais triste do que a noite, agora
Tisna os ares... oh, pavidos negrumes
Que me obumbraes o sol em plena altura!
Vós sois a alma da Parca que devora
Virgens, moços, botões, e aves implumes!

E a lamentosa musica redobra:
Gemidos, gritos, estertores, vascas,
N'um *dies iræ* elevam-se frementes;
O rio ao lado, numa fulva dobra,
Subito assoma entre graniteas lascas,
— Lingua enorme a surdir de enormes dentes.

Redobra a horrenda musica... Transponho
A curva alfim da colleante estrada:
Fulge um raio de sol nesse momento,
E, eu, despertando do meu tredo sonho,
Vejo um carro de bois, cuja toada
Produzia esse estranho encantamento.

Cessara a chuva; a luz em mil estilhas
Fulgura; foge a treva em debandada,
Tudo palpita num incendio louro:
São fitas d'ouro as inundadas trilhas
Que as rodas deixam na vermelha estrada
E o rio é como um basilisco d'ouro.

Meu pesadello dissipou-se... O carro
Aos solavancos vai sulcando o solo,
No seu gemer nostalgico e profundo;
E, livre emfim do mal estar bizarro
Que me empolgava, eu rio num consolo
De quem se vê restituido ao mundo.

Jovialmente exclamo : boa tarde !
Aos carreiros, e, lesto, passo adiante,
— Olhos no azul profundo e fugidio ;
O sol por entre os altos cirrhus arde,
Uma ave ensaia um limpido descante,
Sonoro e largo, vai cantando o rio...

EMILIO KEMP

Mez de Maria

Como está bella, meiga e serena,
Nossa Senhora no seu altar.
Que luz tão doce! Que luz amena
Creio estar vendo no seu olhar!

Tanta meiguice, tanta doçura,
Faz-nos contrictos ajoelhar.
E a Virgem Santa, divina e pura,
A vóz dos crentes põe-se a escutar.

« Oh! Virgem Casta! Nossa Senhora,
Dá-me o conforto do teu olhar!
Que são tão máus os homens d'agora
Que me abandonam sem pão, sem lar!...

Tremo de frio! Dá-me o teu seio,
Nossa Senhora, p'ra me abrigar;
Eu este mundo perverso e feio
Pelo teu reino quero deixar! »

Humilde, em lagrimas, dizendo isto
Um pobrezinho põe-se a rezar
Com os olhos fitos na mãe de Christo.

« Santa Maria! Senhora Nossa,
Que tudo podes com teu olhar!
Olha meu filho p'ra que elle possa
Dos nossos dias o pão ganhar.

Conserva-o sempre robusto e forte
P'ra que não deixe de trabalhar.
Ah! se o perdesse, que triste sorte!
Quem é que havia de me amparar? »

Humilde, tremula, dizendo isto
Uma velhinha põe-se a rezar
Com os olhos fitos na mãe de Christo.

« Oh ! Mãe divina que por teu filho
Soffreste tanto sem te queixar !
Vela meu filho com todo o brilho
Da luz amiga do teu olhar.

Dá-lhe a doçura, toda a piedade
Que Jesus tinha p'ra perdoar...
Que as azas negras da atra maldade
Passe por elle sem lhe tocar. »

Humilde e supplice dizendo isto
Joven senhora põe-se a rezar
Com os olhos fitos na mãe de Christo.

« Maria ! ó gloria de nós mulheres !
Por Deus eleita Mãe sem peccar !
Tu que a teu lado tens e preferes
As virgens mortas antes de amar,

Não me abandones por ir em breve
Pelo amor delle me desgarrar
Do teu rebanho branco de neve...
Dá-nos a bençam do teu olhar ! »

Humilde e pallida dizendo isto
Formosa virgem põe-se a rezar
Com os olhos fitos na mãe de Christo.

E a virgem Santa, meiga e serena,
Do nicho branco do seu altar,
Conforta a todos com a luz amena
Do seu divino, piedoso olhar.

(Poesia.)

MARCOS DE CASTRO (ALBERTO RAMOS)

Mathilde

(Fragmentos.)

Como nos campos desabrocham flores,
As margaridas e os jasmins, dispersos
Das minhas dores e dos meus amores
Nascem os versos.

A' namorada manda o namorado
Flores ; sorri-se ella, e nas tranças pretas
As rosas prende com benigno agrado,
E as violetas.

Mas o poeta, o sonhador, tranquilla
Sombra prefere ; e nos silencios graves
Para o seu bem versos de amor burila,
Rimas suaves ;

Versos louvando as graças de Mathilde,
Rimas ardendo de paixão discreta ;
Benignamente ella os acolhe, humilde
Dom de poeta

Quem anda aqui ? Chamou-me
Uma voz pelo nome...
Tão pura !
Pareceu-me ouvir passos...
Meus pobres olhos lassos,
Loucura!

Ah ! foi como si um beijo
Me despertasse ! Eu vejo
Passares...
E o sol morre ao poente,
Morre tranquillamente
Nos mares.

Revive a velha historia
Cara á nossa memoria
Incerta ;
E o velho amado sonho
No coração tristonho
Desperta

Como um som mal extincto,
Como o aroma indistincto
De flores ;
Como espectros amigos
Ou memorias de antigos
Amores,

Tu nos meus braços, nos meus beijos,
Só viste a carne appetecida ;
Hoje, acabaram-se os desejos
E nem te dóe a despedida.

Triste é a noite de inverno ; grave
O nosso adeus ; desesperado,
Beijo a tua bocca suave,
Tremendo como um namorado.

Nunca mais gosaremos juntos
Na terra vil glorias discretas ;
Mas, filha, eu creio nos defuntos
E na promessa dos prophetas.

A carne impura desce á cova,
Mas o Espirito, o Espirito eterno,
Renasce para a vida nova.

Marco-te um rendez-vous no inferno.

Maria

Quando tu fores uma velhinha,
Tarde, assentada ao lume deserto,
Como nos tempos em que eras minha
Tremerás, ouvindo passos perto.

Abre, sou eu, abre a tua porta,
E o doce espectro do tempo antigo,
Toda a tua mocidade morta
Discretamente bate ao postigo.

Então, querida, do teu poeta
Só resterá um velho velhinho;
Tu sorrirás, velhinha discreta,
Alva na tua coifa de linho.

Conversaremos em confidencia
E, sendo velhos, seremos francos;
Vóvó, que póde a maledicencia
Quando a gente tem cabellos brancos!

Deixa-me (a noite estava tão fria!)
Nichar-me perto do teu pescoço,
Era o refugio que eu preferia
Quando eras moça, que eu era um moço.

Dormia assim — era o meu costume —
Soffregamente unido ao teu peito,
Quando cravaste o terrivel gume...
Mariazinha, vê, que mal feito!

Ah, quando penso nisto, pergunto,
Ah, nem sei mesmo por que motivo
Não sou agora um pobre defunto...
Não chores, vê, bem vês que estou vivo ;

Que vido ainda e sou desgraçado,
Não chores, póde que alguem nos ouça ;
Pois quem se lembra mais do passado
Que já passou... Loucuras de moça...

Agora tudo passou ; descança
O coração, da tremenda prova,
E eu venho a ti como uma criança
De alma refeita, esplendente e nova.

Deixa-me estar assim nos teus braços
Idolatrados ! Eu não te disse
Que havia de seguir os teus passos
E reflorir a tua velhice ?

(Versos prohibidos.

DEODATO MAIA

Peregrinação

Quando eu sahi da Minha Pobre Tenda
Tão branca, como as preces do Luar,
Trouxe a Esperança pela Escura Senda,

Por onde incauto eu ia transitar.

A' sombra d'um Carinho, suave e calma,
O Philtro dos Amores fui beber :
E, nunca mais socego tive n'alma,

Desde então comecei para o Soffrer...

Longo tempo perdido pela Estrada...
Sem, ao menos, saber me dirigir ;
Nunca mais vi romper uma alvorada

Que me guiasse ás Terras do Porvir.

Somente eu encontrei pelos caminhos,
Uma velhinda enregelada — a Dôr —
Ella tirou-me as urses é os espinhos,

E' minha amiga, e eu lhe tenho amôr...

Hoje... vejo chegar, erma e sombria,
A Velha Morte, como um triste augur..
Ah, que Saudade Branca : a Nostalgia

Da Minha Pobre Tenda ! o Meu Tibur..

RODOLPHO PAIXÃO

Ridente lyra

Eu não lamento imaginarias dores,
Nem choro pena que não foi soffrida ;
Marchando da razão aos esplendores,
A vida hei de acabar, amando a vida.

Goso das salas a alegria extreme,
Adoro o enlevo que me offerta o lar ;
A minha lyra exulta, e ás vezes geme,
Mas a chimera nunca a fez cantar.

Fala, porém, ao divinal encanto
Que a natureza aglera dia e noute :
A minha lyra soará emquanto
Da morte eu não cahir ao duro açoute.

Rompendo as trevas que a verdade somem,
Vôa e revôa o pensamento aos céos ;
E, quando volve á terra, diz o homem :
« Acolhe o mimo que te envia Deus ! »

Tambem me abrazo no fulgor de idéas
Que o genio vae colher á celsa arena ;
E assim decanto da sciencia as deas
Que mais rebrilham na mundana scena.

(Trinos e Cantos.)

MUCIO TEIXEIRA

O sonho dos sonhos

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais sinto ter passado, distrahido,
Por tanto bem, tão mal correspondido,
Por tanto mal, tão bem recompensado!

Em vão relanço o meu olhar cançado
Pelo sombrio espaço percorrido:
Andei tanto, em tão pouco; e assim perdido
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado...

Assim prosigo, sempre para diante,
Vendo, o que mais procuro, mais distante,
Sem ter nada de tudo que já tive.

Quanto mais lanço as vistas ao passado
Mais julgo a vida um sonho, mal sonhado,
De quem nem sonha que a sonhar se vive!

O amor

Vive nas côrtes e nas aldeias,
Encontra Fadas, ouve Sereias...

Dorme em palacios, sonha em cabanas,
Abraça Infantas... beija serranas.

Faz mil loucuras... e faz poemas!
Tem afogado tantas Moemas...

Aos seus olhares ardeu Lindoya;
E em labaredas crepitou Troya!...

Tem os espelhos incandescentes
Com que Archymedes pasmava as gentes

Quando incendiava com arrogancia
As naus da frota surta á distancia.

Fluctua em ondas de magnetismo,
Voando em fundo somnambulismo...

Agita um facho que inflamma as almas,
E faz mais verdes florirem palmas.

Quando em seus labios se enfloram risos,
Abrem-se portas de paraisos!

Das mais formosas não sai de perto,
Vivendo sempre num céo aberto!...

Tem, nas viagens maravilhosas,
Galeras d'ouro num mar de rosas...

E abrindo as velas ás tempestades
Provoca as furias das Divindades.

Em noites frias, nos Pampas, *upa!*
Vôa em cavallos — que dão garupa...

Tem, em Veneza, gôndolas — onde
O seu thesouro discreto esconde.

E dos palacios, á luz da lua,
Trémula a sombra n'agua fluctua...

Faz diabruras : desenha olheiras
Nas maceradas faces das freiras.

Faz sacrilegios : em nichos santos
Rasga ás Madonas os longos mantos...

Subjuga as forças da natureza,
Como a poetisa Santa Theresa.

Senhor despótico, humilde escravo,
Domina, e cede... covarde e bravo!

... Em serenatas, por horas mortas,
Gemem guitarras e rangem portas...

Mulheres novas, ardentes, bellas,
Correm afflictas para as janellas :

E nas sombrias, desertas ruas,
Lampejam folhas de espadas nuas!

Brancas Ophelias boiam sombrias,
Engrinaladas, nas aguas frias...

Romeus e Faustos, de braços dados,
Seguem Hamletos allucinados...

E estas palavras repete o vento :
« Vai p'ra o convento... para o convento! »

Frescos pomares, grutas floridas,
Ai ! Julietas e Margaridas !

Paulo e Francisca, sempre abraçados
Num vôo eterno de condemnados,

Rasto de sangue deixam nos ares...
Mas levam n'alma sóes e luares !

ESCRAGNOLLE DORIA

Noute de batalha

A Paulo Margueritte.

Tanta gente morreu, mas de que vale,
Na peleja dos tropas carniçadas
Ha sob corpos ás pilhas quem exale
O ai das boccas convulsas e cerradas.

Mas ha quem para sempre alli se cale.
A' dôr humana alheias, socegadas,
Descem sombras da tarde ao meigo valle
Em finas, doces tintas esfumadas.

Lindo, sobre sangueira de tal monta,
No céo o plenilunio d'ouro aponta
— Vigilia funeral da vã batalha —

Derrama-se o luar pela paizagem
E os linhos da celeste, branda imagem,
Aos cadaveres servem de mortalha...

A Valla commum

A Jayme de Seguier.

Na collina do vasto cemiterio,
Açoutada, varrida pelos ventos,
Stá a valla commum, cujo mysterio
Exóra o céo a todos os momentos.

Do céo apenas chega o refrigerio
A's covas baixas, limpas de ornamentos.
Lenindo a rude sorte ao duro imperio,
Ha quem compense os negros tratamentos.

Na verdade que importa alveje a pompa
Do marmor, se dos tumulos tão rasos
Queixa não haverá que triste irrompa;

Pois a elles natureza póde dar,
Logo após os damascos dos occasos,
Os finos setins brancos do luar.

QUINTA PARTE

SYMBOLISTAS

CRUZ E SOUZA

Recorda!

Quando a onda dos desejos inquietantes,
Que do peito transbórda,
Morrer, emfim, nas amplidões distantes,
Recórda-te, recórda...

Revive dessa musica já finda
Que nas estrellas dórme.
Volta-te ao mundo seductor ainda
Da Illusão multiforme!

Vólta, recórda eternamente, vólta
Aos pharóes da Esperança,
Do Sonho estranho as grandes azas sólta
A' celeste Bonança.

Recórda mágoas, lagrimas e risos
E soluços e anceios...
Revive dos nevoeiros indecisos
E dos vãos devaneios.

Revive! Gósa! Desolado, embóra,
Sorrindo e soluçando,
Erguendo os véos de já passada aurora,
Recordando e sonhando...

Cada alma tem seu intimo recato
N'uma estrella perdida
E cada coração intemerato
Tem na estrella uma vida.

Applica o ouvido á correnteza fria
Dos golphões da materia
E recórda de que lama sombria
E' composta a miséria.

Recórda! Sonha! Nas estrellas érra,
Beduino do Espaço.
Aos sonhos brancos, que não são da Terra,
Dá, sorrindo, o teu braço...

Dá o teu braço, pelos céus sorrindo
E recordando parte
E has de entender os claros céus, sentindo
Que andas a recordar-te.

Bate á porta dos Astros solitarios
Dos eternos Fulgôres,
Em busca desses mortos visionarios,
Almas de sonhadores.

Ah! vólta á infancia dos primeiros beijos,
Dos momentos sidereos,
Volta á sêde dos ultimos desejos,
Dos primeiros mysterios!

Ah! volta aos desenganos primitivos,
Volta á essencia dos annos,
Volta aos espectros tristemente vivos,
Ah! volta aos desenganos!

Volta aos serenos, floridos oásis,
Volta aos hymnos profundos,
Volta ás efflorescencias dos Lilazes,
Volta, volta a esses mundos!

Fique na Sombra e no Silencio d'alma
Todo o teu ser dolente,
Para tranquillo, com ternura e calma,
Recordar docemente...

Na sombra então e no Silencio denso,
Como em mágicas plagas,
Faz accender o alampadario immenso
Das Recordações vagas...

Pousa a cabeça, meigamente pousa
Nesse augusto Quebranto
E nem da Terra a mais ligeira cousa
Te despérte do Encanto.

Para o Amôr, para a Dôr e para o Sonho
Nas Esphéras transbórda...
E entre um soluço e um segredo risonho
Recórda-te, recórda...

(*Pharoes.*)

O Assignalado

Tu és o louco da immortal loucura,
O louco da loucura mais suprêma.
A Terra é sempre a tua negra algêma,
Prende-te n'ella a extrema Desventura.

Mas essa mesma algêma de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma supplicante gêma
E rebente em estrellas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assignalado
Que povôas o mundo despovoado,
De bellezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica,
Toda a audacia dos nêrvos justifica
Os teus espasmos immortaes de louco!

(Ultimos sonetos

Odio sagrado

O' meu odio, meu odio magestoso,
Meu odio santo e puro e bemfazejo,
Unge-me a fronte com teu grande beijo,
Torna-me humilde e torna-me orgulhoso.

Humilde, com os humildes generoso,
Orgulhoso com os seres sem Desejo,
Sem Bondade, sem Fé e sem lampejo,
De sol fecundador e carinhoso.

O' meu odio, meu lábaro bemdito,
Da minh'alma agitado no infinito,
Atravez de outros lábaros sagrados.

Odio são, odio bom! sê meu escudo
Contra os vilões do Amor, que infamam tudo,
Das sete torres dos mortaes Peccados!

(Ultimos sonetos.)

EMILIANO PERNETTA

Azar

A Silveira Netto.

A galope, a galope, o Cavalleiro chega :

— Rey, ó meu bom Senhor ! com tua filha cega.

— Hoje, teu advinho assim traçou no ar :
A fróta d'El-Rey perdeu-se no alto mar !

— Eu, ao descer a noite, ouvi cantar o gallo :
Foi a Rainha que fugiu com um teu vassallo.

— Teus exercitos, oh ! as bronzeas legiões,
Morreram nos areaes da Lybia como leões !

— Nos teus dominios sopra o vento Noroeste :
A mangra, o gafanhoto, a secca, a alforra, a peste.

— Uivam ! Lobos ? o Mar ? o Vento ? o Temporal ?
Não. E' a plebe que arrasta o teu manto real.

— Lá vêm as trez, ó Rey, lá vêm as trez Donzellas.
Tende piedade, meus irmãos, orai por ellas !

— Vem tão brancas dizer que as noras sensuaes
D'El-Rey mataram seus maridos com punhaes.

— Tuas pratas, teu oiro, e mais ricas alfayas,
Roubam do teu palacio os famulos e as aias.

— Teu diadema, o sceptro, as plumas e os broqueis,
Em poeira, e sangue, e sob a pata dos corseis!

— O povo reza, que doçura! E' bom que reze!
Pela tua alma... já são horas... Quantas?... Treze!

— Maldito seja quem Throno nem Reyno tem!
Maldito seja o Rey! Maldito seja! Amen!

— No vinho que te dão, e no teu melhor pomo,
No manjar mais custoso onde entre o cinamomo,

— Na lympha clara, vê, no leito eburneo, sei,
Nas palavras, no ar, dão-te veneno, Rey!

— Ouvem os Arlequins missa, todos de tochas,
E estão vestidos de sobrepelizes roxas.

Resmumgam baixo teu nome as Velhas, e assim
Queimam em casa, cruz! palma benta e alecrim.

— Estão rezando por ti muitos padre-nossos,
Mas os cães estão a espera dos teus ossos.

— O' ventos! ó corvos! que estaes grasnando no ar!
Eis o cadaver do bom Rey de Balthazar!

— Dlom! dlem! dlom! dlem! — Ouve, bom Rey, de [serro a serro,]
Os sinos dobram, ai! dobram por teu enterro.

— O' ventos! ó corvos! que estaes grasnando no ar!
Eis o cadaver do bom Rey de Balthazar!

— Ventos! ó funeraes! ventos! lamentos roucos!
O' ventos roucos, ó redomoinhos loucos!

— Dlom! dlem! dlem! dlem! — Bom Rey, teus ossos [não são teus!]
Nem o teu Throno é teu! houvado seja Deus!

— Nem a tua alma é tua, ó Rey, depois de morto,
Pois demonios estão dançando n'um pé torto !

Maldito seja quem Throno nem Reyno tem !
Maldito seja o Rey ! Maldito seja ! Amen !

E a galope, a galope, o Cavalleiro esguio
Vai pregar a outro Reyno : a Doença, a Noite, o Frio!

(Pallium.)

CARVALHO ARANHA

A uns olhos tristes

Olhos doridos, olhos maguados,
Plenos das sombras de vãos martyrios,
Viveis rezando pelos finados;
— Almas de aroma dos roxos lirios.

Olhos doridos, olhos maguados,
Para os finados só bastam cirios.

Julguei teus olhos mago castello
Do sonho erguido por sobre o mar;
E a fantasia fel-o tão bello
Como os castellos erguidos no ar.

Julguei teus olhos mago castello
Onde os meus beijos iam pousar.

Meu Deus, as sombras de intensa magua
Lhes dão, no emtanto, vagos clarões,
Vejo os teus olhos tão cheios d'agua...
Chorando a morte das illusões?

Meu Deus, as sombras de intensa magua
Vivem nos olhos e corações.

A nostalgia cobre-os, Rainha,
De uma tristeza crepuscular...
Parecem olhos de uma andorinha
Que se resolve, triste, a emigrar.

A nostalgia cobre-os, Rainha,
De uma saudade que faz penar.

. . . . . .

Hoje conheço, piedosa santa,
A dor sem termos do teu olhar :
— O nosso affecto foi como a planta,
Foi como as flores de nenuphar :

— Se vem a vaga... lá vai se a planta
Rolam as flores, mas fica o mar...

VIVALDY COARACY

Violante

D'essa que vae além com passos altaneiros
D'olhos em pleno céo, soltas as tranças louras,
Como que a recordar fidalga os cavalleiros
Das justas medievaes, as pallidas senhoras...

Como que a recordar amorosos troveiros
Cantando ao mandolim da noite em mortas horas,
Como que a recordar, nos castellos fronteiros,
O bellico tinir de grevas e de esporas...

Dizem que mata o beijo doce e venenoso,
Que seus labios contem um segredo de morte
Que ao amante é fatal na tortura do gozo.

Embora, eu bemdiria assim a minha sorte :
Se a morte eu alcançar pudesse ao mesmo instante
Que um dos beijos fataes da tragica Violante.

ISMAEL MARTINS

Acerba viagem

Vou. Em torno ninguem... A aridez é completa...
O dezerto é tão longo e eu estou tão cançado!
Não quizéra soffrer; mas como? sou um poeta
E o poeta sempre foi (Piedade!) um desgraçado!

A minha alma não sei porque tanto se inquieta...
A ama que me criou e não me tem deixado
E' a mesma: ferem sempre as suas garras de setta!
Oh! não queiram jamais suas caricias... Cuidádo!

Um dia, começava esta acerba viagem,
Alem, Senhor! hem sei... talvez seja a miragem...
Quero-a... Ahasverus feliz, q'delicia, q'cheiro!...

Hoje perdi a fé... sem fé nînguem resiste...
E o dezerto é tão grande e a amplidão é tão triste...
E o simun?... Que demora! Onde vai o coveiro?...

THIAGO PEIXOTO

Medieval

I

Dona Rozalba, minha senhora
Fenecem flôres nos teus jardins,
O inverno avança — sinistra auróra, —
Despetelando brancos jasmins

Lyrios e cravos jazem tristonhos,
Noctambulando com o luar!...
Dona Rozalba, voam os sonhos
Que o branco inverno vem a chorar!...

II

Partio c'o inverno seu namorado
O pagem louro do seu solar,
Plumas, ao vento, seda e brocado,
Louro, sorrindo para o luar!

III

Dona Rozalba vê com saudade,
Neve cahindo no seu balcão!
Quanta tristeza na sua herdade,
— Tumulo aberto para a amplidão! —

IV

A primavera voltou de novo
Cheia de sonhos e madrigaes,
E foi florindo de povo em povo...
. . . . . .
Mas o seu pagem não voltou mais.

GUSTAVA SANTIAGO

O Cavalleiro do luar

Eu sou como o formôso Cavalleiro,
Que á branda luz adormeceu do luar,
E nunca mais, formôso Cavalleiro,
E nunca mais tornou a despertar!

Sonhos que a mente lhe affagáram,
Risos, quiméras, lucidas visões...
Tudo se-foi e todas se-apagáram
A' dôr de não sentidos corações.

Elle tinha o cabello louro
E era um principe encantado,
Veiu a Vida, roubou-lhe o ouro,
O cabello fez-se prateado.

Com as suas honras, glorias e riquezas,
O Mundo um dia o deslumbrou;
Logo o encanto se-lhe quebrou:
Honras e glorias... lamas accêsas!

Fechado então no seu castello,
Pôz-se a scismar, pôz-se a sonhar...
Scismas de amôr... que sonho bello!
Um anjo ácena-lhe lá do luar!

Não se conteve de enamorado
Que o louco intento não praticasse...
(Quanta tristeza por vezes nasce
De um bem apenas imaginado!)

Valles e montes, eil-o a correr,
Olhos Lá-em-Cima, a fascinação!
Na alma sereno a florescer
O lirio branco da Redempção!

Valles e montes, bosques, florestas...
Quem o-vencêra no seu fadário?
Ai! Cavalleiro! que tão funestas
Ai! Cavalleiro! que itinerario!

Céos côr de cinza, céos côr de chumbo,
Longes paizes atravessando...
Como seduz, á tona boiando
Do Lago Azul, a flôr do nelumbo!

Bárbaras gentes,
Tribus e povos;
Na dôr dos velhos continentes
A dor que o-sendo inda são novos.

Manhãs radiosas
De puro sol;
Noites... vigilias velludosas
De um Heróe...

Nem mais escuta a Voz que lhe-diz
Dos horrôres e perigos a passar:
Tão surdo caminha! feliz
Do anjo ácenar-lhe lá do luar!

Embevecido, que a doce Chyméra
Já o-sustenta nas suas azas,
Arvores, aguas, largas e rasas
Campinas verdes em primavera,

Tudo deixando, sem o-sentir,
Lá vae aligero, a tudo alheio,
Olhos Lá-em-Cima... o Anjo a sorrir
De tudo em meio!

Abysmos lhe-surgem apavorantes,
Negros, profundos, tremendos,
Abysmos cujos fundos hôrridos horrendos
Monstros habitam horripilantes!

São pestilentes aguas estagnadas,
Rios verdes, lagôas amarellas,
Mares de ondas putridas, paradas,
Oceanos feitos de erisypélas.

São as serpentes lúbricas da Tréva,
Os esfaimados tigres do Silencio,
Pantheras, Hyenàs, Leões... Mas nada vence-o:
Tão surdo!, tão cégo! no anjo se-enleva!

Por toda parte, sanguinolentas,
Rebentam guerras devastadôras,
Rompem os ares, atroadôras,
Nunca entrevistas, feias tormentas.

Entram agora a encher os espaços
De ancias, gemidos, gritos e ais!,
As multidões dos hospitaes,
Carnes em chagas, cahindo aos pedaços.

Pelos caminhos
Ha creanças esquartejadas,
E mães terriveis, hallucinadas,
Que com punhaes golpeiam ninhos.

Soltam-se rábidos, sanguisedentos,
Ladrões, Falsários e Assassinos,
Todos Aquelles cujos destinos
Já os-marcáram os nascimentos...

Tem pesadêlos o hálito aceiro
Da Terra...
— Quem o-salvasse, ao Cavalleiro!
Imagem da Alma que ahi erra!

Mas, campos em-fóra, sempre a sorrir-lhe
O anjo do luar,
Lá segue, lá some, sempre a fugir-lhe
O anjo do luar!

Até que, uma noite, cançado, vencido,
Parou a cobrar o alento perdido.

Era em vasto areal, perto um rio em derivo,
Na calma azul do céo o luar suggestivo...

(Eu sou como o formôso Cavalleiro
Que á branda luz adormeceu do luar,
E nunca mais formôso Cavalleiro,
E nunca mais tornou a despertar!)

EUCLIDES BANDEIRA

Eolia

A's vezes, quando estou muito alegre, escancaro
Plenamente a alma ao Sol, ás Emoções, á Rima,
E os Sonhos n'ella, então, vêm-se aninhar n'um raro
E doce revoar de aves pela vindima.

Entram fazendo um ruido, extranhamente raro,
De plumas a ruflar pizzicatos de prima,
Piano dolce... crecendo... apoz *forte*, e reparo
Afinal no rumor que estronda lá por cima!...

Uma babel, ó Deus! e que grata algazarra
De arrulhos e de arruto e de espanejamentos,
A dos sonhos ideaes-bellos pombos torcazes!...

Ah! mas não mais escuto essa orchestra bizarra:
Allucina-me e vejo, em meos deslumbramentos,
Viva Aquella que dorme á sombra dos lilazes...

FRANCISCO MANGABEIRA

Santa!

(Fragmento.)

Não conto a historia da minha vida,
Porque ella é triste demais, Senhora...
Acaso a rosa desfallecida
Relata suas magoas — á aurora?

Não conto a causa deste quebranto,
Nem o que soffro por este amor...
Acaso a aurora, que brilha tanto,
Escuta as queixas da pobre flôr?

Nem tambem rogo doce guarida
Na luz dos Vossos Olhos, Senhora...
Acaso a rosa de olor despida
Supplica aromas á luz da aurora?

Não Vos declaro porque não canto,
Nem porque vivo louco de amor...
Acaso a aurora que tem no manto
Luz — manda luzes á morta flôr?

Não saibais nunca da insana lida,
Em que me agito por Vós, Senhora...
Acaso a triste rosa pendida
Conta os martyrios que tem — á aurora?

Ai! Eu não quero chorar, emquanto
Sentir no peito chammas de amor...
Pois vendo a aurora, do céo o encantó,
Será possivel que chore a flôr?

Não direi mesmo que está perdida
Toda a minh'alma sem fé, Senhora,
Acaso a rosa, da haste partida,
Vae pedir seivas á fulva aurora?

Não tenho crenças e até me espanto
Dos Olhos Tristes do meu amor,
Unica aurora que enche de pranto,
Em vez de orvalhos, a murcha flôr.

(Hostiario.)

Dona Leonor

(Fragmento.)

Não ha no espaço noite mais negra
Do que a da Sua Trança, no entanto
Enche de luzes e mesmo alegra
As sepulturas d'um Campo-Santo.

Não ha nos prados flor mais formosa
Do que Essa Pura Face Risonha :
Ao vel-A —o verme palpita e gosa,
Ao vel-A — o mocho gorgeia e sonha.

Não ha estrellas de luz tão mansa
Como Esses Olhos — meu evangelho ;
Fazem um velho tornar-se criança,
Uma criança tornar-se um velho.

Não houve mimos no paraiso
Como Esses Labios Provocadores :
Todas as flores mostram num riso...
E enchem de risos todas as flores.

Não tem mais brilhos a madrugada,
Não têm as aves mais garrulice :
Chorando... a lua fica magoada,
Sorrindo... o proprio cypreste ri-se

Não ha nos nichos santa mais santa,
Não ha nos thronos rei mais altivo :
Ao vel-A se ergue, sorrindo, a planta,
E o sol se ajoelha, como um captivo.

Não ha no mundo vinho mais forte
Do que Esse Riso, que a amar convida :
Faz um ditoso buscar a morte,
Um desgraçado buscar a vida.

O Seu Sorriso só não acalma
A dor que dentro de mim se estende...
— E' que ella nunca leu na minh'alma,
E só minh'alma no mundo A entende.

(*Hostiario.*)

DOMINGOS NASCIMENTO

Ronda sinistra

Dentro do coração eu sinto uma patrulha,
Que ronda noite e dia, ininterruptamente.
E o bando de espiões a fazer tanta bulha,
Tanta algazarra em torno ao coração doente!

Esta ronda sinistra, esta ronda maldita
Não permitte que eu durma o derradeira somno
E o grilheta que suba os degráos desse throno
Onde a paz reina, e donde a guerra foi proscripta!

Torva ronda que espreita o coração enfermo!
Se elle adormece, presto, a ronda grita : alerta.
E busque o condemnado á lucta por um termo,
Se a prisão nunca teve uma janella aberta?...

Ah, como illude a vida! Ah, como illude o mundo!
E eu julgava, sorvendo o hydromel da ventura,
Que nos dias fataes, nos estos da tortura,
Consentissem dormir o pobre moribundo!...

E eu julgava que apóz a tempestade austera
Da Dôr, que a minha fronte em firmes tons registra,
Exhausto o coração, a patrulha sinistra
Me offertasse da paz a eterna primavera!

Mas, não. Ha tanto já esta alma doentia
No seo tredo covil soluça enclausurada.
Se geme, a ronda corre, e attenta, e escuta, e espia...
— E esta alma infeliz sempre sobresaltada!

Vós todos que soffreis, ó victimas do amor!
Almas castas que andaes por este mundo errantes,
Vetustos corações, dizei-me vós, se d'antes
Era tão bruta e vil a patrulha da Dôr!

Tenho odio de ti, como te odeio, ó guarda!
Guarda rubra, infernal, vigia da desgraça!
Porque cércar assim a misera mansarda,
Como exercito, audaz sitiando uma praça?

Quero ser livre, quero a paz, quero o descanço.
Quero morrer cantando uma doce canção.
Ronda, não faças bulha, ò velho coração
Expira lento e lento, e canta manso e manso:

— Porque tanto penar, porque tanto soffrer?
Dona Morte, bom dia, ó minha velha amiga!
Quero teo seio, quero em teos braços morrer
Numa explosão de amor á guisa de arte antiga!

Quero beijar-te, quero, insinuante carcassa,
Sentir, soffrer teu beijo esplendido e mortal!
Bemdita sejas tu, livra-me deste mal,
Esta ronda tenaz que minh'alma devassa!

Mesmo assim dentro em mim, rasteja uma patrulha
Que ronda noite e dia ininterruptamente.
E o bando de espiões a fazer tanta bulha,
Tanta algazarra em torno ao coração doente!...

ALFONSUS DE GUIMARAES

Trio romanesco

A ti, Archangelus, meu irmão.

Uma aldean que passa cantando :

O coração humano é como os jasmineiros :
Tem mais perfume quando as noites são de luar...
Que lua ha de florir os meus sonhos primeiros,
Mais brancos que os jasmins das terras de além-mar!

Um velho sentado á beira da estrada :

O coração humano é como as sepulturas :
Póde conter a morte e ser como um jardim...
Fechadas para sempre estão as azas puras
Das esperanças que adejaram sobre mim !

Um poeta que segue a aldean :

O coração humano é como as larangeiras :
Floresce um mez e espera outro setembro em flôr...
Ah ! quando voltarão as illusões primeiras
Para outra vez florir o meu finado amor !

(Da *Pastoral aos Descrentes do Amor.)*

ARISTIDES FRANÇA

Dolencia astral

Ha por todo o infinito uma magoa infinita,
Qual se fluidos de dôr corressem pelo espaço...
Astros ! vós que cantaes, por vossa bocca d'aço,
Um selvagem hymnario audaz — forte e exquisita

Harmonia que fére o Azul como um fracasso...
Rompei co'o alfange cruel de vossa luz bemdicta,
Essa desolação que se espalha e gravita
Para a terra, seguindo em torturado traço...

Azul ! Velario azul, brilhante e estrellejado !
Oh ! que immensa tristura exhala-se empolgante,
Desse véo e o Universo punge e vibra e agita...

Paira, no pallio azul por sobre nás arqueado,
A dolencia augural de Outomno desolante...
— Ha por todo o infinito uma magoa infinita !

JULIO PERNETTA

Cavalleiro da Morte

A' dama triste dos meus sonhos
que alegra a minha existencia.

« Minha alma a tua alma em vel-a
« Invoca sonhos d'outr'ora :
« Do teu olhar — uma estrella,
« Do teu sorriso — uma aurora.

« Sonhos de amôr, plumas de ouro,
« Plumas de ouro a fluctuar ;
« Cavalleiro fino e louro,
« Pára no teu galopar.

« Tenho o corvo da agonia
« Na minh'alma a crocitar
« Do teu perfil se irradia
« Um perfume de matar. »

Fallava assim D. Helena
Na mór tristeza sem par,
Que vel-a causava pena
No seu longo soluçar.

E o Cavalleiro da Morte
Se um instante se voltar,
De funambulesca cohorte
Se fazia acompanhar.

Em ligeira desfilada
— Nuvens de pó pelo ar,
Ao sol fuzila uma espada
Que a morte a outro vae dar.

D. Helena estende os braços,
Soluçando a supplicar,
Silencio polos espaços,
Nuvens de pó pelo ar.

RICARDO DE LEMOS

Pergunta louca

« Teus pés, disse eu, perpassam por espinhos,
Como um casal de colibris perpassa
Pelas flores, á beira dos caminhos...

Sabes que ha monstros soltos pela praça ;
Que ha bandos de orphãos orphãos de carinhos,
Na bôca um hymno, o hymno da Desgraça !

Mas como sabes?... Pela voz materna,
Dizendo : Filha, ao nosso Pai Celeste
Pede por esses, cuja vida agreste
Dos maus o proprio coração consterna ! »

E ella... (ó innocencia, de que céos vieste !...)
Ouço-lhe ainda a voz tão meiga e terna,
— Aquella voz que é como a voz fraterna,
A me dizer : « E tu... como soubeste ? »

JULIO CAMISÃO

Barcarola

Singra estas aguas, batel ligeiro,
Qual leve pluma por sobre o mar!
As auras cantam hymno fagueiro
Ao sempiterno, doce luar.

Vôa, barquinha, vôa serena,
Como as gaivotas no céo azul!
A voz do vento — vibrante avena —
Traz melodias á lyra exul!

Brilham estrellas no firmamento
Fulgem caricias no coração;
Batél mimoso, qual pensamento,
Vae, pois, seguindo n'esta amplidão!

Sonhos de fadas, beijos de flôres,
Vozes de archanjos, luz do luar...
Graças, carinhos, mil esplendores
Agora temos no vasto mar...

Corre nas aguas, fragil barquinho
Por essa esteira que forma a luz!
Se tens nas vagas roseo caminho,
Sinto delicias tambem a flux!

Pelo horisonte — calma e bonança,
Nem uma nuvem. Quanto esplendor!
Aqui fruimos tanta esperança!
N'alma gozamos fluidos de amor!

Sinto a sereia dos meus scismares
Vir inspirar-me, docil, gentil...
Brotam os risos, fogem pezares...
Conduz-me ao longe, barco gracil!

Sonhos de fadas, beijos de flôres,
Vozes de archanjos, luz do luar...
Graças, carinhos, mil esplendores
Agora temos! Ao mar! Ao mar!

RICARDO DE ALBUQUERQUE

Canção de Aljofares

I

Foi em Setembro, foi em Setembro
Que soffrimento, que funda magua!
Tua affeição confente afago-a!
Com que saudade de ti me lembro.

Mez de martyrio, mez de agonia,
No dia quinze, marca minh'alma:
— Tristeza infinda que sempre psalma
A noite eterna, triste e sombria.

Somente sinto, somente vejo
Na luz tristonha d'alvos luares,
Os doces brilhos tão singulares
Do teu sagrado, divino beijo.

Sobre mim tenho — luz sempiterna —
A via lactea do teu sorriso
Por onde alegre — santa — diviso
A tua benção que me governa.

Iris sagrado, d'alma alliança
O teu carinho meigo scintilla
Qual a candura d'uma pupilla
D'uns olhos d'ave, serena e mansa.

Morte és a vida que desvendamos
No velludoso manto siderio
Berço de luzes inda em mysterio
Cypreste cheio de gaturamos.

II

No dia d'hoje quanta alegria,
Dava a meu estro dulcido encanto;
Inda a meus olhos magico e santo
O teu affecto fulge e me guia.

Recordo aquella santa velhinha,
Avó sublime, que sempre pude
Idolatrando sua virtude,
Ver que su'alma dos céus provinha.

Tinhamos flôres, festa divina
No lar querido; tudo parece
Que tinha um casto fulgor de prece
— O ensinamento de uma doutrina.

Na tua benção, no teu afago
Quanta ternura! Quanta meiguice!
Então sentia, como sentisse,
Notas de um canto celeste e mago

Sempre esse dia me foi dilecto,
Das datas todas a mais querida.
— A Santa Aurora da tua vida —
— Eterno Dia do meu affecto —

A tua morte, traduz apenas —
Noite contendo tons d'alvorada —
Astros occultos, na delicada
Sombra cheirosa das açucenas

(Sacrario.)

SILVEIRA NETTO

Balada spleen

La douleur est le fond de la vie humaine
LAMENNAIS.

Astros, sois templos do Ether no Infinito,
Eu sou na terra o templo da Tristeza.
E' um doido o celebrante ; ouvi-lhe a reza
Na symphonia trágica do Grito.

O sorriso é um lyrio errante,
Que saudades meu amor!
Ha um sino dobrando a mortos
No meu coração em flôr...

E' um doido que soluça em minha nave,
Sob a livida estamenha de um asceta.
Oh! sol de Maio! oh! loiros cantos de ave!
E' o coração de um Poéta...

Ha um sino dobrando a mortos
No meu coração em flôr...

Que profunda tristeza, olhos brancos do Azul,
Ha no corpo que encerra
Esse doido avatar das neblinas do Sul,
Esse pária da Terra.

Olhos ardentes o amaram,
Que saudades, meu amor!

Veio commigo ao mundo, pobre d'elle...
Viu a dor de um mendigo das estradas.
Se a desgraça désse o Genio e a Gloria, elle
Vibraria a maior das lyras desgraçadas.

No seu berço de finados
Baptisaste-o, minha dor...

Como Byron, correu climas diversos,
De aziágas lembranças perseguido,
Até que eu desse a ermida dos meus versos
Ao seu pranto dolorido.

Ninguem mais o amou na terra,
Que saudades, meu amor!

O Universo — o leão da floresta dos Seculos —
Viu-o como um propheta annunciando o amor.
— E a Carne reprímia o seu cortejo de éculos ;
— E um vago luar de lenda embalsamava a dor.

Vae-se o tempo, vão-se os beijos,
Não te foste, oh, minha dor!

Viu-o á beira da estrada aos Espaços rezando,
Com o arrulho na bocca á espera de outra bocca ;
Mas a reza quedou-se, envolta a um nome echoando,
No triste sonho de uma freira louca.

Porque a dor dobra a finados
Num coração ainda em flôr?

Sonhára o amor como a Sarça Ardente da vida,
E amou com esse amor que a loucura traduz ;
Mas fel-o uma ambula partida
A dor de Magdala ao expirar Jesus.

Foi-se-lhe tudo, e a desgraça
Esqueceu-te, oh, minha dor!

Delirou como Arvers no azul da rima,
E a solidão esqueletou-lhe a face ;
E a contar percorreu mundos de baixo a cima,
Até que o angelus chegassse.

Ave Maria... desce a noite...
Que saudades, meu amor!

Ave Maria !.. o sino, em seu longo quebranto,
Que scismas de ouro lhe accendeu...
Oh ! meu casto perfil de antigo encanto
Com seu olhar voltado para o céo !

Ave Maria !... céos viuvos...
Chorando ao Poente o seu amor.

Avatar do Mysterio, Evocador profundo,
Quiz para a saudade um templo roxo e espalto,
De onde clamar pudesse á sua patria do Alto
Que, iniqua o abandonou na Siberia do mundo.

Ah ! o Sonho é lyrio ardente,
Que saudades, meu amor !

Argamassa a Paixão e o Calafrio,
E a Noite surge : é o templo do delirio.
O pórtico é um longo poente sombrio
De tons sangrentos de martyrio.

Ha tanto finou-se o dia
E não te vaes, minha dor...

Para erguer o zimborio
Estrellado do templo, a alma distende e arqueia.
E a Saudade — seu unico oratorio —
Para ser hostia gela-se na Lua Cheia.

Anda a noite em horas mortas
Que saudades, meu amor !

Mas é tanto soffrer, seu martyrio é tamanho,
Que esse templo sómente a funeraes supporta.
Então, elle gravou sobre o pórtico extranho :
Porque a Cova não foi minha primeira porta ?

Alem da Cova, do outro lado,
Quem nos dirá, meu amor,
Que a dor não dobra a finado
Num coração ainda em flôr ?

(Luar de Hinverno.)

NESTOR VICTOR

Dueto de Sombras

— Ah! descuidosa Ophelia, é o irresistivel que me
[está chamando,]
Mas não te deixarei abandonada...
A corôa de rosas? Desfolhando,
Não pela doida correnteza,
— Mãos esguias, de cera enregelada —
Irás, mas docemente, aos meus dois braços presa,
Teu olhar, a sorrir, no meu olhar fitando.

— Mas como é frio este caminho!
— Abriga-te em meu manto de loucura!
— Estás tão alto! Não alcanço o teu carinho...
Eu era mais feliz com a paz que ha na planura...

— Sobe! — Subirei, que te amo!
— Sobe, soffrendo embora! Leva para o alto a fé!
Lá em cima de uma arvore nova pende um ramo
(Palma? loureiro? — aureo e viride) que não se sabe
[para quem é.]

O Constructor

Moureja, moureja, moureja,
Ora á torre subindo,
Para ver não se sabe o que seja,
Ora descendo ás entranhas da terra, ouvindo
Não sei que voz que o chama.
Coberto de aureo pó, — como que estrella e lama, —
Quando vem a noite elle descança ;
Tão exhausto, porém, que ao vêl-o, não se sabe
Si o titulo de edoso mago é o que lhe cabe
(Mas que ar mesquinho que elle tem !) ou o nome de
[creança.]

CUNHA MENDES

Ave Maria

I

A noute desce,
Desce de brando :
O sol parece
Uma rosa de fogo aos céus illuminando...
A ave Maria
Chora nos ares :
Ah, nostalgia
Dos que estão a scismar bem longe de seus lares !

II

O som do sino
Expira em dores :
Lembra o destino
Das crianças sem pais, das almas sem amores.
Lyrios fanados,
Tombai nos ermos ;
Sois comparados
A alguns sonhos tombando em corações enfermos !

III

Ah, que saudade
Na paz sentida
Da soledade
Em que tudo parece haver perdido a vida.

A grande calma
Envolve o mundo;
Ha em noss'alma
A saudade de quem se abraça a um moribundo!

IV

A luz saudosa
Descora e expira;
Triste e queixosa,
Uma canção de amor na solidão suspira
E, vagamente,
Deixa nos ares
A ancia dolente
Das tristezas crueis e dos crueis pesares.

V

E o sol que morre
No espaço rubro!
A chamma escorre
Sanguinolentamente em largos céus d'outubro!
Cheia de vaga
Ancia silente
A alma naufraga
Nesses mares de sangue avermelhando o poente...

VI

Visões, nascidas
Por entre dores,
Sombras perdidas
Que inspirastes outrora os mais castos amores;
Passai, amadas
Visões sombrias!
Sombras maguadas,
São nossos corações as catacumbas frias!

VII

E a ave-Maria
Morre nos ares...
Ah, nostalgia
Dos que vão sem amor, como os orphãos sem lares...
Vós, almas puras,
Cobri de flores
As sepulturas
Em que, tristes, guardais os ultimos amores!

(Turris Eburnea.)

DARIO VELLOZO

Alma penitente

CANTO VII

To be, or not to be
Shaakspeare. *Hamlet.*

Poeta que te vaes para a Illusão Suprema,
Ciliciado como um penitente,
Porque encerrar no esquife de um poema
O cyrio azul de uma paixão latente ?

Abre ao luar da Noite a alma deserta
Como um tugurio abandonado,
Rompe o cilicio que te aperta
O coração de asceta flagellado.

Reza a oração do anachoreta
Que se desprende da existencia
E parte os elos da calceta
Dos flibusteiros da Innocencia...

Volve ao caule aromal de tua estrella branca,
— Olhar de luz de anjo que chora, —
E de tua alma o dardo arranca :
— O Céo te escuta e as magoas te deplora.

A Terra é o carcere do Sonho ...
O Amor é o philtro da Ilusão...
O amor humano mais risonho
Não vale uma hostia da Amplidão !...

Somente o Céo distilla o aroma
Das affeições immorredouras...
— A hostia do Azul nos labios toma,
Anachoreta das saudades louras !...

Por toda parte a que te leves
Encontrarás soluços e gemidos,
Echos feraes das alegrias breves,
Estertores de symbolos partidos...

A caravana lugubre da Terra
Tropeça e cae como o Judeo maldicto...
E a dor humana entre sepulchros erra,
Espectro que se abysma no Infinito.

A dor humana é uma eclosão do Riso...
Nasceu num seio de donzella casta...
E' como um fulvo e funerario aviso
Que a Morte vibra e na existencia arrasta...

E' como o echo das angustias mortas,
Repetido por bocca de esqueleto...
Subio do Abysmo ás fulgidas retortas
Em que o Treva gotteja a alma de Hamleto.

Hamleto !... Um peregrino da Loucura...
Um torturado, — um flagellado, — um morto!...
Eil-o que passa, — a triste creatura ! —
Sem o lyrio de um beijo ou de um conforto.

I

— A Vida é um sonho... A Morte é um Sonho... [um psalmo] A Luz é
Com que a Esperança enflora as almas dos Vencidos...
A Treva envolve sempre os Symbolos partidos
Quando as azas do Amor nos tumulos espalmo...

Sou o espectro feral das Duvidas Supremas...
Sempre que me projecto em cima de uma lousa,
Freme a Angustia e desperta a ossada que repousa,
Para a roxa eclosão dos lugubres poemas...

A ephialta da Crença é uma abantesma loura...
— Que astro da Sepultura os maosoleos redoura
Quando a Recordação minhas scismas desperta?

Que Anjo pallido e triste o coração me cinge,
Se interrogo a Amplidão com meus olhos de esphynge,
Se osculo o sitial de uma estrophe deserta?...

II

Acompanha-me a sombra, a sombra de uma sancta,
— Luz da Aurora, que importa o cariz do Poente?
Luz da Aurora, que importa este luar silente
Que os sepulchros conversa e nos cyprestes canta?

Luar da Paz... Luar da Morte... Astro innocente
Que desenrola, á noite, os brancos véos de monja...
Não medra em coração de asceta penitente
A promessa do Beijo e o psalmo da Lisonja...

Ouço a alma do Luar nas folhas do salgueiro...
Sinto o acerbo pungir de um pezar sempre occulto...
Sou da Crença e da Morte o severo coveiro...
Abro as covas do Amor nas ruinas do Culto,
Enterro em cada cova um sonho derradeiro,
Em cada coração um coração sepulto.

III

Desperta, coração!... Meu coração é morto!...
Envolve-o longamante alva mortalha branca...
Gelo, talvez!... Neve, talvez, que o Flagello me arranca
Quando á Sombra supplico o punhal de um conforto.

Atormentado heroe !... nobre heroe invencivel,
Indomito e leal como um guerreiro ousado !...
Atravessou-te outrora o gladio envenenado
De uma injuria cruel, deshumana e terrivel.

Succumbiste, afinal !... Descança, peregrino !...
Ninguem pode vencer a dextra do Destino,
Contra a morte do Amor ninguem pode luctar.

Ophelia, — eu seguirei o rastro de teus passos,
Eu me irei sepultar na pyra de teus braços,
Monje que se ajoelha ante a effigie de altar.

— Como doe!... como esmaga esta tortura immensa!...
Não podel-a amplexar, como a amplexava outrora,
E sentil-a gemer do meu amor suspensa,
— Lyra presa ao salgueiro, ao despontar da Aurora.

Lyra do bardo do deserto,
Junto ao salgueiro do Infortunio
Eu te osculo, chorando, e nos braços te aperto,
Ao vago olhar do Plenilunio.

Eu te osculo, chorando, as fibras gemedoras,
Eu, chorando, te aperto a meu peito de monge...
Na tua alma perpassa a alma das Leonoras,
E os psalterios do Céo, tão distante e tão longe.

Ophelia, — uma alma de creança
Harmoniosa como um som de lyra ;
Luar da Estrella da Esperança,
Engastada num trevo de saphyra.

Desventurada amiga !
Candida e bella, vaporosa e pura ;
Parecia dormir na sepultura,
Emmoldurada numa tela antiga.

Hoje vejo-a passar nas minhas scismas
Como um silente raio de luar,
Na celagem feerica dos prismas

Desbotoando um carinhoso olhar...
Hóje, sinto-a pousar junto a meu lado,
Nos ternos olhos um carinho doce,
Illuminando todo meu passado,
Como se a estrella dos sepulchros fosse.

— Bemdicta seja esse tortura mansa
Que te approxima a encantadora amiga,
E dá-te a meiga e pallida creança
Emmoldurada numa tela antiga!...

Hamleto, a minha angustia é mais austera,
A minha desventura é mais profunda :
Nunca mais um luar de primavera
Virá dourar-me esta prisão immunda.

Nunca mais!... Nunca mais o luar de seu rosto
Se virá projectar no espelho de minha alma!...
O mysterio da Morte azas de luto espalma
No sombrio cariz do primeiro desgosto...

Nunca mais!... Nunca mais o psalterio de um beijo
Ciciará na estrophe as suas preces mansas ;
Nem medrárá jamais o lyrio de um desejo
No alvo horto angelical das louras esperanças.

A ephialta da Angustia arrasta o sambenito
Das torturas do Alem, dor nirvanas da Rima...
E eu me sinto morrer, sacrilego e maldicto,
Sem as consolações do Carinho e da Estima.

Só... dobrando a cerviz ao guante da Loucura,
Amarrado ao grilhão de uma paixão sem termo...
Cavando — eu mesmo — o leito á minha sepultura,
Amortalhando — eu mesmo — o coração enfermo.

Só... abrindo á Saudade o fulgido hostiario
Das lagrimas feraes de uma illusão perdida ;
Aos cyprestes rezando um triste breviario
E o acerbo ritual de toda minha vida.

Entretanto, Poeta, a negra sombra esqualida
Dessa angustia, que eu sinto amortalhar meos dias,
Não reflecte o perfil na sua face pallida,
Nem suspende a eclosão de suas alegrias.

A grinalda que cinge os seus cabellos de ouro
Se purpurejará nas tintas de um poente...
E sequer saberá que perdera um thezouro,
Ao delicado alvor de uma emoção latente !...

Nunca mais !... Nunca mais !... Seja maldicto o verme
Que no corpo lhe abrir uma rubra ecchymose,
E a essas carnes que amei e a essa branca epiderme
Rasgar, — nas convulsões de esvairada nevrose !...

Ao intimo luar de seus olhos amados,
Nunca mais !... nunca mais palestrará commigo !...
E eu terei na minha alma o espectro de um jazigo
E o cilicio brutal dos monges torturados.

— Poeta, a Dor é toxico funesto,
Tresvaria a razão das almas ternas.....
Oh ! não exhortes o aleivoso incesto
E o torpe aviltamento das tabernas.

Não profanes o immaculo sacrario
Das tuas preces a das tuas dores ;
Só o Céo nos aponta o itinerario
De nossos mais reconditos amores.

Expia as tuas faltas de precito
Com resignada mansidão de crente,
Cinja-te, embora, o negro sambenito
Da angustia mais acerba e mais pungente.

Aguarda o julgamento derradeiro,
Alma voltada para a Desventura,
E o lyrio branco do perdão primeiro
Florescerá na tua sepultura.

— Hoje, vejo-a passar nas minhas scismas,
Como um silente raio de luar,
Na celagem feerica dos prismas
Desbotoando um carinhoso olhar.....
Hoje, sinto-a pousar junto a meu lado,
Nos ternos olhos um carinho doce,
Illuminando todo meu passado,
Como se a estrella dos sepulchros fosse.

(O Cenaculo.)

NOTAS BIOGRAPHICAS

Affonso Celso. — Nasceu na cidade de Ouro-Preto, Estado de Minas Geraes, em 1860. Accentuado e distincto perfil de homem de lettras, jornalista politico, prosador facil e poeta de inspiração, a vida d'esse moço illustre se tem constituido um verdadeiro hymno á patria, ao trabalho e ás lettras. São d'elle : *Preludios*, *Devaneios*, *Télas sonantes*, *Poemetos*, *Camões*, *Vultos e factos*, *Minha filha*, *O Imperador no exilio*, *Lupe*, *Rimas de outr'ora*, *Notas e ficções*, *Um invejado*, *Guerrilhas*, *Giovanina*, *Contradictas monarchicas* e a *Imitação de Christo*. Pertence á Academia de Lettras. E' filho do Visconde de Ouro Preto.

Olavo Bilac. — Nasceu em 1865, no Rio de Janeiro, este magnifico poeta, uma das maiores figuras do nosso parnaso contemporaneo. Jornalista e prosador fluente e correcto, tem sido collaborador effectivo da *Gazeta de Noticias* e de outras folhas diarias ; dando-nos, como autor de obras, as apreciaveis *Chronicas e Novellas*, um volume de *Poesias* (Panoplias, Via Lactea e Sarças de Fogo), collectanea de seus primororas versos até então divulgados em

revistas e jornaes. Pertence á Academia Brasileira de Lettras.

MEDEIRAS DE ALBUQUERQUE. — Nasceu no Recife, Estado de Pernambuco, a 4 de junho de 1867. Tem exercido funcções públicas no magisterio e na alta administração, foi deputado ao Congresso Federal, na legislatura de 1894 a 1896, representando o seu Estado natal. Publicista, litterato, critico, orador e poeta, a esse illustre brasileiro bem se póde dar o qualificativo de talento excepcional. O *Figaro*, o *Tempo*, a *Republica*, a *Noticia*, a *Tribuna*, o *Paiz*, o *Estado de S. Paulo*, e outras orgãos de publicidade refulgiram e ainda refulgem dos brilhos de sua vigorosa penna. Como poeta, até 1900, contam-se d'este autor : *Canções da decadencia*, o *Remorso* (Pamphleto politico em verso), e *Peccados;* como contista, *Um homem pratico*, e *Mãe Tapuya*. E' da Academia de Lettras.

XAVIER MARQUES. — E' moço ainda este eminente romancista, poeta e jornalista, que teve por bêrço a heroica Bahia. Redactor por varias vezes das principaes folhas diarias de sua terra natal, a sua nutrida intelligencia se tem verdadeiramente manifestado no romance de costumes, de que é elle hoje o mais significativo e genuino representante : *Janna e Joel*, a *Familia bahiana*, o *Holocausto*, *Boto G. C.ª*, etc., justificam o nosso conceito. Na poesia, seu nome com vantagem se recommenda nos *Themas e Variações*, e nas *Insulares*.

MARCOS DE CASTRO *(Alberto Ramos)*. — Nasceu em Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, a 14 de novembro de 1871. Redigio varios jornaes, publicou *Poemas do Mar do Norte*, vertidos do allemão, de H. Heine, e uma pequena collecção de encantadoras poesias originaes, sob o titulo *Versos prohibidos*.

OSCAR PEDERNEIRAS. — Nasceu no Rio de Janeiro a 12 de junho de 1860, e falleceu a 26 de agosto

de 1889. Estudou no collegio de Pedro II, não tendo completado o curso, e bacharelou-se em Direito, na Faculdade de S. Paulo, onde publicou a *Historiophobia* e a *Côrte em ceroulas*, e no Rio de Janeiro, além de traducções de diversas peças, taes como o *Perfume* e o *Chapeu alto*, escreveu as revistas theatraes *Rio de Janeiro*, *Zé Caipora*, etc. Era tambem folhetinista e agradavel poeta.

Luiz Edmundo. — Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1878. Estreou com os *Nimbos*, e publicou no anno seguinte os *Thuribulos*. Fundou, em 1899, a *Revista Contemporanea*, e tem em preparo um terceiro livro de versos.

Sebastiao Guimaraes Passos. — Nasceu a 22 de março de 1867 nas Alagôas, e veio para o Rio de Janeiro em 1888. Estreou na *Gazeta da Tarde*, fundou a *Vida Moderna*, revista litteraria, com Luiz Murat, Arthur Azevedo, Coelho Netto e outros ; e a *Bruxa*, com Olavo Bilac, illustrada por Julião Machado. Tem collaborado em quasi todos os jornaes fluminenses, e actualmente escreve na *Gazeta de Noticias*. Seus livros de versos — *Horas mortas*, ultimamente publicado, e *Versos de um simples*, fôram com applauso acceitos pela critica.

Joaquim Osorio Duque-Estrada. — Nasceu no Municipio de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro, em 29 de abril de 1870. Em 1886, publicou um livro de versos, a que deu o titulo de *Alveolos*, prefaciado pelo eminente critico Sylvio Roméro.

Collaborando activamente em jornaes d'esta capital e dos Estados, dedica-se no momento actual a estudos philologicos.

Cruz e Souza. — Nasceu a 24 de novembro de 1863, na cidade de Desterro, em Santa Catharina. Veiu para o Rio de Janeiro em 1891, e em 1893 publicou os *Broquéis* (poesias). Falleceu a 18 de março de 1898,

deixando ineditos : *Evocações* (prosa), mais tarde publicadas por amigos intimos ; *Pharoes* (versos), publicados por uma commissão de homens de lettras ; *Ultimas sonetos*, volume ainda inedito ; e um outro livro, em que se acham reunidos diversos trabalhos em prosa e verso, que tambem não veiu a lume. O *Missal* (1893) é de sua lavra.

FONTOURA XAVIER. — Nasceu no Rio Grande do Sul, em 1858. Este bello poeta, o rei do *triolet* na phrase de Sylvio Roméro, é o autor das *Opalas* e do *Régio Saltimbanco*.

VALENTIM MAGALHAES. — Nasceu no Rio de Janeiro, em 1859. Foi redactor-director d'*A Semana*, é jornalista de merito, critico, romancista, *conteur*, e foi collaborador, em differentes épocas, d'*O Paiz*, da *Gazeta de Noticias* e de outros jornaes.

Publicou *Cantos e lutas*, *Vinte contos*, *Quadros* e *Contos*, *Bric-à-Brac*, *Flôr de sangue*, e ultimamente o *Rimario*, delicadissima collectanea de seus apreciados versos.

LUIZ GUIMARAES JUNIOR. — Nasceu no Rio de Janeiro a 17 de fevereiro de 1845 e falleceu em Lisbôa a 19 de maio de 1897. Folhetinista de escôlha, estylista facil, e lyrista de remontado valor, o notavel fluminense avolumou a nossa litteratura com trabalhos de brilhante relêvo. São d'este numero *Nocturnos*, *Curvas* e *Zig-zagues*, *Historias para gente alegre*, *Corymbos*, sendo o seu ultimo livro *Versos e Rimas*, triumphantemente acolhido pela critica nacional e portugueza.

THEOPHILO DIAS. — Nasceu em Caxias, no Maranhão, em 1857. Formou-se em direito na Faculdade de S. Paulo, tendo por contemporaneos Augusto de Lima, Valentim Magalhães, Reymundo Corrêa, Lucio de Mendonça e Affonso Celso J^or^, poetas que começavam a illustrar tão distincta geração. Foi col-

laborador de jornaes politicos e revistas litterarias; e têmos desse formoso talento *Lyra dos verdes annos*, as *Fanfarras*, os *Cantos tropicaes* e a *Comedia dos deuses*. Falleceu a 29 de março de 1889, em S. Paulo. Affonso Celso, seu companheiro e admirador, incumbio-se de escrever-lhe a biographia, publicada no *Almanach Popular Brasileiro*.

ARTHUR AZEVEDO. — Nasceu este festejado, escolhido e popular escriptor, a 7 de julho de 1855, na provincia do Maranhão, e veio para o Rio de Janeiro, ao que suppômos, em 1877. Jornalista, poeta e comediographo, a obra d'esse distincto homem de lettras é abundante e duradoura, pois são innumeras as suas producções entornadas por quasi toda a imprensa d'esta capital, e por varios orgãos dos Estados; destacando-se em volumes, artisticamente elaborados, *Contos possiveis*, *Contos ephemeros* e *Contos fôra da moda*. Publicou em folheto a satyra *O dia de Finados*, e uma collecção de sonetos sob o titulo *Horas de humor*. Sem podermos precisar o numero de suas producções theatraes, conhecemos do comediographo a *Vespera de Reis*, *O amôr por annexins*, a *Joia*, a *Filha de Madama Angú*, e por ultimo o *Badejo*, comedia em verso, habilmente architectada e com elegancia escripta. Suas affinidades litterarias com o autor do *Noviço* e do *Juiz de paz da roça* merecidamente o collocaram na cadeira de que é patrono Martins Penna, na nossa Academia de Lettras.

D^or^ TEIXEIRA DE SOUZA. — Nasceu no Maranhão a 13 de outubro de 1852. E' médico illustrado, talento de primeiro lavor, e poeta que, com Sylvio Roméro, Martins J^or^, Costa Serma e Augusto de Lima, representa o *movimento scientista* da poesia brasileira. Os *Dous Amphitheatros*, que reproduzimos, dão a medida de seu alto valor na nossa lyrica contemporanea.

FROTA PESSÔA. — Nasceu a 2 de novembro de 1875, em Sobral, Estado de Ceará. Collaborador de jornaes

e revistas n'esta capital, em 1898 appareceu o seu primeiro livro de versos, intitulado *Psalmos*.

LEONCIO CORREIA. — Este conhecido escriptor, natural do Estado do Paraná, publicou seu primeiro livro de versos — *Flôres agrestes*, em 1882; e as — *Volatas* — em 1887. Tem a imprimir — *Litanias*, *Valla commum*, e *Tiradentes*, este ultimo, poema nacional, e os dous primeiros de poesias geraes.

LEOPOLDO BRIGIDO. — Nasceu no Ceará, em 1875. Tem collaborado em varios jornaes, e reune presentemente suas poesias para publical-as em livro.

SILVEIRA NETTO. — E' moço ainda, e nasceu em Morrêtes, Estado do Paraná.

Um dos vultos de mais altura da poesia symbolista no Brasil, o nosso poeta faz parte d'esse grupo de cantores paranáenses a que estão confiados os destinos dessa recente seita, da qual o seu livro *Luar d'hinverno* concentra, no fundo e na fórma, o mais bello dos principios doutrinarios.

Silveira Netto, poeta e artista, vale um nome e uma fama.

LUIZ MURAT. — Nasceu em Itaguahy, Estado do Rio de Janeiro, em 1861.

Jornalista e poeta de alteroso vôo, o autor das *Ondas* é um dos typos mais significativos na poesia actual, salientando-se com aprofundados sulcos nas poesias amorosas, philosophicas e de vibrante imaginação.

A seu respeito, nada têmos a adeantar ao que magistralmente acentuou Sylvio Roméro em seus *Novos estudos de litterarura contemporanea*, na valorosa critica consagrada ao magestoso cantor da *Sanie Universal*.

ALBERTO DE OLIVEIRA. — Nasceu em Saquarema, Estado do Rio de Janeiro, a 28 de abril de 1859.

Poeta de soberana inspiração, as suas *Poesias* o collocam como figura de primeiro plano nas mais remontadas regiões do Parnaso Nacional, onde, n'estes dous ultimos decennios, as palmas de todas as criticas o victoriam, o incenso de todos os louvores o consagram.

O exame de Hercilia, que damos n'este volume, faz parte de uma serie de poesias do mesmo autor, que em breve virão a lume, ainda mais avigorando o cabedal poetico que tão largamente exorna o frontão da patria brasileira.

MUCIO TEIXEIRA. — Nasceu este luminoso homen de lettras a 13 de outubro de 1858, em Porto-Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Poeta e polygrapho, a sua obra em verso é abundantissima e de valôr, comparavel ás vezes, já pela imaginativa, já pela extensão, á de Luiz Delfino, um dos poetas de maior envergadura que tem possuido esta parte da America.

D'entre muitos de seus livros nos recordamos de — *Fausto e Margarida*, poema ; *Cerebro e Coração*, *Fausto*, *O gaúcho*, *Os Inconfidentes ; O filho do banqueiro*, drama ; *Novos idéaes*, versos.

E' presentemente o critico dos *Poetas e prosadores*, folhetim semanal do *Jornal do Brasil.*

NESTOR VICTOR. — Nasceu a 12 de abril de 1868, no Estado do Paraná. Este laborioso autor, illustrado e de verdadeiro talento, tem publicado as seguintes obras : *Signos*, livro de contos ; *Cruz e Souza*, monographia ; *A Cruz e Souza*, poemeto ; e um romance intitulado *Amigos*.

Seu ultimo livro — *A Hora*, destinado á critica, é superiormente trabalhado, brilhantemente escripto, destacando-se em paginas admiraveis o estudo sobre Ibsen, que nos dá exacta conta dos meritos litterarios do joven analysta.

Como poeta, pertence ao radioso cenaculo dos *symbolistas* paranaenses.

ELZEARIO PINTO. — Nasceu em Sergipe, em 1842. Esteve na Bahia em 1867, fazendo parte nesta data do grupo de poetas constituido por Antonio Alves de Carvalhal, Castro Alves, Mello Moraes Filho, Francisco Moniz Barreto Filho e Plinio de Lima, em contraposição ao do velho repentista Francisco Moniz Barreto, que contava, como sectarios de escola, A. de Mendonça, D. Adelia Josephina do Castro Fonseca, Domingos Jaoquim da Fonseca, Antonio Lopes Cardozo e João de Brito.

Mais tarde, passando-se para o Rio de Janeiro, seguio pouco depois para Minas-Geraes, onde falleceu.

Na Bahia, escreveu o notavel poeta sergipano — *O Festim de Balthazar*, composição freneticamente consagrada pelos seus pares, e hoje tornada celebre na lyrica nacional.

D'elle existe inedito o poema — *Serygipe*, e não consta que, por emquanto, se achem reunidas suas poesias avulsas.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

ULTIMOS ROMANTICOS

José Bonifacio.
Suprema vizio. 3
O corneta da morte. 9

Bittencourt Sampaio.
O Canto do pescador. 13
A Lua. 16

Pedro Luiz Pereira de Souza.
Terriblis dea 18

Laurindo Rabello.
Adeus ao mundo. 22

Franklin Doria.
A Ilhôa 27
O acompanhamento.. 31

J. A. Teixeira de Mello.
A' Lua.. 36

Joaquim Serra.
Desafio à viola. 42

Santa Helena Magno.
A Secca no Ceará. 46

Machado de Assis.
Uma creatura. 51
Circulo vicioso.. 52

Tobias Barreto.
Leocadia. 53

Luiz José Pereira da Silva.
Riachuelo 55

Francisco Moniz Barreto, Filho.
Desalento. 59
Confissão de um velho. 61

Fagundes Varella.
A Filha das Montanhas. 62
O canto dos sabiás. 65

Sylvio Roméro.
A modinha.. 67

Antonio Alves de Carvalhal.
Lesbia (fragmento). 69

Elzeario Pinto.
O festim de Balthazar. 72

Plinio de Lima.
Versos á Maria. 79

Castro Alves.
Sub tegmine fagi. 82
O Bandolim da desgraça 85

Mello Moraes Filho.
Ponte de lianas 87
A morte do Sol. 89

SEGUNDA PARTE

SCIENTISTAS

Sylvio Roméro.
A Alma. 95

José Izidoro Martins Junior.
Synthese Scientifica. 98

Costa Senna.
Natura Mater. 103

José Eduardo Teixeira de Souza.
Os dois Amphitheatros. 106

Augusto de Lima.
O Reino Mineral 109
Paradoxó.. 111

J. Mariano de Oliveira.
Hino á Mulher. 112

TERCEIRA PARTE

PARNASIANOS

Luiz Delfino.
As tres Irmans. 119
Jesus ao collo de Magdalena. 121
Cadaver de Virgem. 122

Luiz Murat.
O Meu palacio de ouro. 123

Luiz Guimarães.
O beijo da Morta. 126
A voz das arvoros. 127

José Izidoro Martins Junior.
Fim de jornada. 128

Arthur Azevedo.
Hotel. 130
As Estatuas. 132

B. Lopes.
Flor de Primavera. 133
Soneto. 134

Olavo Bilac.
Via-Lactea. 135
Ouvir estrellas. 136

Ezequiel Freire.
O Camarim de Lucia. 137

Raymundo Corrêa.
Vesper. 139
As pombas 140

Valentim Magalhães.
Prenuncio de aurora. 141

Affonso Celso.
Na Fazenda. 143

Theophilo Dias.
A voz. 145
Orio e o vento 146

Adelino Fontoura.
Beatriz. 148
Rastro de amor. 149

Lucio de Mendonça.
Consorcio maldicto. 150
Ozorio Duque-Estrada.
Soneto. 151
Thezouros. 152
Longe. 153
F. A. de Carvalho Junior.
Soneto. 155
Emilio de Menezes.
Os tres olhares de Maria. 156

QUARTA PARTE

POETAS DE TRANSIÇÃO

Alberto de Oliveira.
O exame de Hercilia. 161
A visão da torre 169
Nestor Victor.
Filha morta. 171
Silvestre de Lima.
A partida. 174
Fontoura Xavier.
Flor da decadencia. 175
A minha dor 176
Magalhães de Azeredo.
A Grecia. 178
Guimarães Passos.
Eu, peccador. 181
Numero avulso. 182
Luiz Pistarini.
Balladilha. 184
Mão primorosa. 175
Medeiros e Albuquerque.
Noiva perdida 186
Te deum laudamus. 189
Felix Pacheco.
Elisabeth. 191
Longe 192

Leopoldo Brigido.
Fra Angelico da Fiesolo. 193
Ernesto Senna.
Soneto. 194
Vital Fontenelle.
Visão da morte. 195
Nestor Victor.
Morte posthuma. 199
Cunha Mendes.
Paisagem d'alma 200
Dr. Egas Moniz Barreto de Aragão.
A suprema Epopéa. 201
Adherbal de Carvalho.
Ideal. 205
Flor de marmore. 206
O amor. 207
Figueiredo Pimentel.
Olhos mysteriosos. 208
Freitas Guimarães.
Morta. 210
João Ribeiro.
Lux et umbra. 212
Paisagem sergipana. 213
Antonio Braga.
Esquece. 214
Paulo de Arruda.
Ave, Maria. 216
No exilio 217
Frota Pessôa.
Rouxinol. 218
Cruel perfume. 219
Leoncio Correia.
Alma de Artista. 220
Pela Africa. 221
Carlas Coelho.
Canção dos tropicos. 222
Harmonia selvagem. 223
Jarbas Loreti.
Noites. 224
Fórmas aerias 225

Luiz Guimarães (Filho).
Emquanto reina o silencio. 226
A flor da larangeira e a saudade. 227
Xavier Marques.
Seductora. 228
Amor proprio. 229
Pereira da Silva.
Vae-victis. 230
Luiz Edmuddo.
Mystica. 231
A galera fatal. 233
Daltro Santos.
Taça cheia. 234
Oscar Pederneiras.
Ausencia. 235
Luz e Trevas. 236
Demosthenes de Olinda.
Luz e sombra. 237
Jayme Guinarães.
Sonhos. 239
Madrugada. 240
Lycio de Carvalho.
Lyra. 241
Perseverando. 242
Henrique Castriciano.
Noiva Ideial 243
Jonas da Silva.
No Bosque. 245
Morta. 246
Carlos Góes.
Ironia do vento. 247
Amor e scepticismo. 248
Julio de Freitas Junior.
Magna dolor. 249
Alves Guimarães.
A vela. 250
Em um album. 252
Ulysses Sarmento.
Almas amantes 253
No banho 254
O sonho de Marco Antonio 255

Hermeto de Lima.
Palacio vasio. 256
Atravez do passado. 257
Elysio de Carvalho.
Olhos verdes. 258
Antonio Salles.
O Carro de Bois. 259
Emilio Kemp.
Mez de Maria. 262
Marcos de Castro (Alberto Ramos).
Mathilde. 264
Maria. 266
Deodato Maia.
Peregrinação. 268
Rodolpho Paixão.
Ridente lyra. 269
Mucio Teixeira.
O sonho dos sonhos. 270
O amor. 271
Escragnolle Doria.
Noute de batalha. 274
A Valla commum. 275

QUINTA PARTE

SYMBOLISTAS

Cruz e Souza.
Recorda. 279
O Assignalado. 282
Odio sagrado. 283
Emiliano Pernetta.
Azar. 284
Carvalho Aranha.
A uns olhos tristes. 287
Vivaldy Coaracy.
Violante. 289
Ismael Martins.
Acerba viagem. 290

Thiago Peixoto.
Medieval. 291
Gustava Santiago.
O Cavalleiro do luar. 293
Euclides Bandeira.
Eolia. 297
Francisco Mangabeira.
Santa (fragmento) 298
Dona Leonor (fragmento). 300
Domingos Nascimento.
Ronda Sinistra. 302
Alfonsus de Guimarães.
Trio romanesco. 304
Aristides França.
Dolencia astral. 305
Julio Pernetta.
Cavalleiro da morte. 306
Ricardo de Lemos.
Pergunta louca.. 308
Julio Camisão.
Barcarola. 309
Ricardo de Albuquerque.
Canção de Afjofares. 311
Silveira Netto.
Ballada spleen. 313
Nestor Victor.
Dueto de sombras. 317
O Constructor. 318
Cunha Mendes.
Ave Maria. 319
Dario Vellozo.
Alma penitente. 322

Paris. — Tip. Garnier, irmãos.

Obras escolasticas do Dr JOAQUIM MARIA DE LACERDA

Arithmetica da infancia, contendo o systema metrico decimal, razões e proporções, regras de tres, de companhia, de juros, etc., quadrado e raiz quadrada, cubo e raiz cubica, progressões e mais de 120 problemas interessantes com a sua solução, 1 vol. cart. 8300

Curso methodico de Geographia physica, politica, commercial e astronomica, illustrado com grande numero de gravuras, 4ª edição, 1 vol. enc. . . . . 4$000

Elementos de Geographia physica, politica e astronomica para as classes inferiores de instrucção secundaria, 4ª edição, 1 vol. com 11 mappas coloridos, enc.. . . 3$000

Encyclopedia primaria, ou manual completo methodico da instrucção primaria. Obra ornada com 114 estampas e com muitos mappas coloridos, 1 grosso vol. de 700 pag. . . . . 5$000

Encyclopedia religiosa, contendo o catechismo da doutrina resumo de provas da religião, etc., 1 vol. enc. 1$600

Geographia da infancia, para uso das escolas primarias, 5ª edição muito melhorada, 1 vol. com 11 mappas. 1$000

Grammatica da infancia, 1 vol. cart. 8500

Historia do Brazil, por perguntas e respostas, para uso da infancia, 5ª edição, illustrada com os retratos dos maiores vultos da historia brazileira, 1 vol. cart. . . . . 1$000

Historia sagrada, seguida de uma geographia sagrada, 1 vol. com 115 estampas e um mappa colorido da Palestina. 1$000

Historia Universal da infancia, 1 v. enc. . . . 2$000

Novo expositor portuguez, ou methodo facil para aprender a ler, 1 vol. cart. . . . . 1$000

Novo alphabeto portuguez, methodo facil para aprender a ler, 1 vol 8100

Novo Syllabario portuguez, com muitos exercicios de ler soletrando, 1 vol. cart 8500

Thesouro da infancia ou novo manual das escolas primarias ornado com muitas gravuras, 1 grosso vol. enc. 2$000

Novo Atlas universal da infancia, contendo 19 cartas e numerosas plantas de cidades, accompanhado de um texto explicativo sobre cada carta, extrahido por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro, 1 vol. cart. . . . . 1$500

O mesmo, sem texto, 1 vol. . . . . 1$000

Resumo de chorographia do Brazil, revisto, augmentado e posto de accordo com os pontos do programma pra os exames geraes de preparatorios, 1 vol. cart. . 1$000

Paris. — Typ. Garnier Frères, 6, rue des Saints-Pères. — 9130.